

---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
Área: Organizações educacionais: cultura e subjetividade

---

# **RETRATO DA ESCOLA: ESTUDO DE IMAGENS FOTOGRAFICAS DO COTIDIANO ESCOLAR**

**WILSON RICARDO ANTONIASSI DE ALMEIDA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Campus de Rio Claro, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**Agosto – 2011**

WILSON RICARDO ANTONIASSI DE ALMEIDA

RETRATO DA ESCOLA: ESTUDO DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS DO  
COTIDIANO ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Instituto de  
Biotecnologia da Universidade Estadual  
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –  
Campus de Rio Claro, como parte dos  
requisitos para a obtenção do título de  
Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Marilena Aparecida Jorge Guedes de Camargo

Rio Claro - SP  
2011

370.9  
A447r Almeida, Wilson Ricardo Antoniassi de  
Retrato da escola; estudo de imagens fotográficas do  
cotidiano escolar / Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida. -  
Rio Claro : [s.n.], 2011  
160 f. : il., fots.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro

Orientador: Marilena Aparecida Jorge Guedes de  
Camargo

1. Educação - História. 2. Imagem fotográfica. 3. Cultura  
escolar. 4. Processo educacional. 5. Memória. 6. História da  
Educação. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP  
Campus de Rio Claro/SP

## CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

**TÍTULO:** Retrato da escola: Estudo de imagens fotográficas do cotidiano escolar

**AUTOR:** WILSON RICARDO ANTONIASSI DE ALMEIDA

**ORIENTADORA:** Profa. Dra. MARILENA APARECIDA JÓRGE GUEDES DE CAMARGO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora.



Profa. Dra. MARILENA APARECIDA JÓRGE GUEDES DE CAMARGO  
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro



Prof. Dr. ROMUALDO DIAS  
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro



Profa. Dra. ADRIANA APARECIDA PESSATTE AZZOLINO  
Departamento de Mídias, Mídia e Comunicação - Instituto de Artes - UNICAMP

Data de realização: 25 de agosto de 2011.

Aos queridos alunos e colegas profissionais da Educação.

## **AGRADEÇO:**

A Deus pela vida, saúde e perseverança: condições imprescindíveis para a realização deste trabalho.

A minha família, amigos e queridos colegas: elementos fundamentais para uma vida significativa e harmoniosa.

À amiga e professora Dra. Marilena Aparecida Jorge Guedes de Camargo, pela orientação, atenção e incentivo dedicados.

Aos professores Dr. Romualdo Dias e Dra. Adriana Aparecida Pessatte Azzolino, membros da comissão examinadora, pela significativa contribuição a esta pesquisa.



**Figura 1.** Professor Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida e sua turma de alunos do último ano do ensino fundamental – Escola Estadual Brasil, 2010.

## RESUMO

Este trabalho propõe o estudo de imagens fotográficas que retratam cenas e situações do cotidiano escolar numa instituição educacional pública de Limeira, estado de São Paulo, como fonte histórica e de memória para a Educação e como meio de compreensão da realidade de cada evento a partir de seus significados, identificando aspectos da cultura escolar e analisando eventuais semelhanças e transformações ocorridas no processo educacional, no período compreendido desde a criação da instituição educacional (1934) aos dias atuais (2010). O retrato da escola é desvendado, prioritariamente, por meio da leitura e interpretação de fotografias – encontradas no próprio arquivo da instituição ou coletadas de álbuns de retratos de pessoas que tiveram alguma relação com a escola – pois nelas está depositado uma imensa riqueza de perceptos e afetos. Cada detalhe presente na imagem fotográfica é vestígio que representa um tempo, um espaço, uma situação e a relação entre pessoas em um determinado contexto da história, funcionando como um dispositivo de elucidação das relações entre a escola e o tempo. Essa investigação decorre do diagnóstico de vestígios histórico-filosóficos, culturais e socioeconômicos visíveis ou invisíveis na imagem fotográfica, como também, de sensações, emoções e sentimentos deflagrados no pesquisador no momento da observação, interpretados conforme a sua cultura e subjetividade. Para contextualizar com maior rigor as situações e os dados apresentados pelas imagens fotográficas, a pesquisa, ocasionalmente, utiliza-se de depoimentos semi-estruturados – principalmente de pessoas que compõem a conjuntura apresentada pela fotografia. Explora-se o potencial das fotos como materialidade das imagens, suficiente para desvendar, compreender e descrever as semelhanças e contrastes entre o plano da intencionalidade e plano da realização.

**Palavras-chave:** Imagem fotográfica. Cultura escolar. Processo educacional.

## ABSTRACT

This work proposes the study of photographic images that depict scenes and everyday situations in a public educational institution School of Limeira, São Paulo State, such as memory and historical source for education and as a means of understanding the reality of each event from their meanings, identifying aspects of school culture and analyzing any similarities and transformations in the educational process, in the period since the creation of educational institution (1934) to the present day (2010). The portrait of the school is unveiled, primarily through the reading and interpretation of photos – found in the file itself or institution albums collected portraits of people who have had some relationship with the school – because they are deposited an immense wealth of perceptos and affections. Every detail present in the photographic image is vestige that represents a time, a space, a situation and the relationship between people in a given context of history, functioning as an elucidation of the relationships between the school and the time. This research follows the historical traces diagnostic-philosophical, cultural and socioeconomic visible or invisible on the photographic image, as also of sensations, emotions and feelings that were triggered in the browser at the time of observation, interpreted according to their culture and subjectivity. To contextualize the situations with greater rigour and the data submitted by photographic images, research, occasionally using semi-structured – mainly testimonials of people who make up the environment presented by photography. Explores the potential of the photos as materiality of images, enough to uncover, understand and describe the similarities and contrasts between the plane of intentionality and the plan of implementation.

**Keywords:** Photographic image. School culture. The educational process.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Turma de alunos do último ano do ensino fundamental, 2010.....	06
Figura 2	Cadeia, Fórum e Câmara Municipal, início do século XX.....	37
Figura 3	Edifício do Grupo Escolar Brasil, 1954.....	38
Figura 4	Vista aérea do município de Limeira, década de 1940.....	40
Figura 5	Escadaria em mármore italiano, 1971.....	41
Figura 6	Fachada do Grupo Escolar Brasil, 1956.....	43
Figura 7	Largo José Bonifácio, 2005.....	44
Figura 8	Edifício novo da Escola Estadual Brasil, 2002.....	45
Figura 9	Edifício novo (à esquerda) e antigo (à direita) da Escola Brasil, 2002 .....	46
Figura 10	Página do caderno de Caligrafia de Jorge Aliberti, 1939.....	49
Figura 11	Primeira Festa da Laranja de Limeira (vista para o largo), 1939.....	50
Figura 12	Primeira Festa da Laranja de Limeira (vista para o prédio), 1939.....	51
Figura 13	Fachada do edifício do Grupo Escolar Brasil, 1941.....	53
Figura 14	Turma de alunos do 4º ano masculino, 1940.....	54
Figura 15	Turma de alunos da pré-escola feminino, 1957.....	55
Figura 16	Turma de alunos com deficiência auditiva, 1995.....	56
Figura 17	Turma de alunos com deficiência auditiva, 1984.....	57
Figura 18	Aula de Ciências – turma de alunos do ensino fundamental, 2009.....	59
Figura 19	Avaliação geral – turma de alunos do ensino médio, 2009.....	60
Figura 20	Turma de alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA, 2007.....	61
Figura 21	Vista da região central da cidade de Limeira, 2010.....	62
Figura 22	Sala de aula – 4º ano primário, 1975.....	69
Figura 23	Caderno de Provas Mensais, 1939.....	70
Figura 24	Prêmio semanal de Estudos da Matemática, 2001.....	78
Figura 25	Turma de alunos do 4º ano feminino, 1940.....	79

Figura 26	Turma de alunos do 4º ano misto, 1942.....	80
Figura 27	Uniforme escolar masculino, 1952.....	81
Figura 28	Uniforme escolar feminino, 1954.....	81
Figura 29	Entrada principal do prédio escolar, 1979.....	82
Figura 30	Retrato escolar, 1961.....	83
Figura 31	Festa caipira, 1965.....	84
Figura 32	Turma de formandos do 4º ano primário, 1952.....	86
Figura 33	Certificado de conclusão do 4º ano primário, 1942.....	87
Figura 34	Formatura do 4º ano do primário, 1965.....	88
Figura 35	Atividade cívica, 2009.....	89
Figura 36	Campanha solidária, 1977.....	91
Figura 37	Pasta Cívica, 1939-1942.....	92
Figura 38	Desfile cívico, 2004.....	93
Figura 39	Aula de Educação Física, 2010.....	94
Figura 40	Apresentação artística, 1970.....	98
Figura 41	Rádio escolar, 2002.....	99
Figura 42	Refeitório, 2010.....	100
Figura 43	Agente de serviço escolar, 2005.....	104
Figura 44	Merendeiras, 2006.....	105
Figura 45	Boletim escolar, 1939.....	107
Figura 46	Reunião de pais e mestres, 2009.....	110
Figura 47	Turma de alunos do 1º ano feminino, 1954.....	113
Figura 48	Turma de alunos da 5ª série do ensino fundamental, 2009.....	118
Figura 49	Sala ambiente de informática, 2006.....	121
Figura 50	Biblioteca, 2005.....	123
Figura 51	Feira científica, 1997.....	124
Figura 52	Excursão, 2001.....	125

## SUMÁRIO

	<b>Página</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. HISTÓRIA DA ESCOLA.....</b>	<b>29</b>
2.1. Segundo Grupo Escolar de Limeira.....	30
2.1.1. Origem da escola.....	30
2.1.2. Arquitetura escolar.....	38
2.1.3. Primeiro dia de aula no prédio do grupo escolar.....	48
2.1.4. Inauguração do prédio.....	50
2.1.5. Grupo Escolar “Brasil” e demais denominações.....	52
<b>3. CULTURA ESCOLAR.....</b>	<b>64</b>
3.1. Cultura na escola e a cultura da escola.....	64
3.1.1. Arquitetura escolar, mobiliário e recursos didáticos.....	67
3.1.2. Rituais escolares.....	71
<b>4. O PROCESSO EDUCACIONAL.....</b>	<b>102</b>
4.1. Organização do trabalho escolar.....	103
4.2. Frequência às aulas e reunião de pais e mestres.....	106
4.3. Relação aluno-escola e professor-aluno.....	112
4.4. Escola, ciência e tecnologia.....	119
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>127</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>134</b>
<b>7. ANEXOS.....</b>	<b>139</b>
7.1. Anexo A - Termo de autorização de uso de imagem e depoimento – modelo.....	139
7.2. Anexo B – Depoimentos.....	140
7.2.1. Jorge Aliberti.....	140
7.2.2. Trajano de Barros Camargo Filho.....	141
7.2.3. Tiago Fernando Valentim.....	142
7.2.4. Benedicto Carlos Toledo Lima.....	143
7.2.5. Sandra Helena Barbosa de Godoy.....	143
7.2.6. Josyane Baccan Queiroz.....	145
7.2.7. Pedro Teodoro Kühl.....	148
7.2.8. Vera Lucia Leitão Cavinato.....	149
7.2.9. Jorge Aliberti; Dirceu Menezes; Horácio Tetzner; Milton Ferrari, Lázaro Couto... 150	150
7.2.10. Maria José dos Santos.....	151
7.2.11. Jurema Sedamar de Oliveira Figueiredo.....	152
7.2.12. Luiza Helena Teixeira.....	152
7.2.13. João Batista Borrelli.....	153
7.2.14. Margarete Piva.....	155
7.2.15. Antonio Carlos Micheletti.....	157
7.2.16. Valmir Benedito Silveira.....	157
7.2.17. Priscilla Kühl Del Grande.....	159
7.2.18. América Helena Monteiro Patricio.....	160
7.2.19. Ariadne Francisca Carrera Miguel.....	161

## 1. INTRODUÇÃO

*O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.* (Barthes, 1984, p.13).

Ingressei no magistério público do estado de São Paulo em 1997, ainda aluno do curso de licenciatura. Enquanto aluno da educação básica, já sonhava ser professor, pois adorava auxiliar na aprendizagem de meus colegas com dificuldades. Se aprender algo era fascinante, ensinar aquilo que havia aprendido e sentir a sensação do colega em aprender resultava em muito mais satisfação. Concomitante às dificuldades de meus colegas estava a necessidade de apoio ao professor, pois não era possível proporcionar atendimento específico a cada aluno durante a aula.

Devido ao excesso de alunos na classe, o ensino simultâneo era a alternativa para o professor, no entanto, embora pretendesse ensinar, não conseguia, pois nem todos aprendem da mesma forma e com o mesmo ritmo. A prática de atuar como monitor de meus colegas, socializando o conhecimento, proporcionava-me aprender muito mais, sendo incitado a estudar profundamente determinados assuntos.

Esta experiência como estudante, resgatada exclusivamente de minha memória, além de determinar, justifica também a opção pela presente profissão, evidenciando o quanto minha vida está vinculada a episódios do passado, ou seja, assim como observa Le Goff: “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o futuro” (2003, p. 471). Logo, evidencia-se a importância da memória na explicação dos fatos e, qualquer que seja o tempo, ela estará sempre presente:

Não reconstrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma evocação: o apelo dos vivos, a vinda à luz do dia, por um momento, de um defunto. É também a viagem que o oráculo pode fazer, descendo, ser vivo,

ao país dos mortos para aprender a ver o que quer saber (BOSI, 1994, p. 89).

Desempenhando a função de educador, num período de intensa democratização da fotografia, comecei a fotografar as diversas cenas do cotidiano escolar, por prazer do ato fotográfico e como outra forma de registrar as práticas escolares – agora, numa forma materializada – que, ao contrário de minhas lembranças, a fotografia pode perdurar com o tempo, adquirindo, conforme Le Goff (2003), a natureza de documento, testemunhando ou provando fatos passados; e de monumento, representando um símbolo ou herança do passado.

Bergson (1999, p. 30), reconhece que “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças”, ou seja, as informações imediatas e presentes de nossos sentidos combinam-se a múltiplos detalhes de nossa experiência passada. Logo, o passado implicará constantemente na elaboração e leitura das representações do presente.

A fotografia constitui-se num artefato cujo registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento real visível de espaço e tempo retratado (KOSSOY, 1989). Quando estamos diante da observação de uma fotografia, a partir de dados nela materializados, a nossa imaginação é estimulada, resgatando situações e suscitando sensações e sentimentos passados.

Estamos envolvidos afetivamente com os conteúdos dessas imagens; elas nos dizem respeito e nos mostram como éramos, como eram nossos familiares e amigos. Essas imagens nos levam ao passado numa fração de segundo; nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens em sucessivas épocas e lugares (KOSSOY, 1989, p. 68).

Posteriormente, observando as fotografias produzidas, foi possível reportar a singularidade de cada situação, desencadeando a emersão de “perceptos e afetos”<sup>1</sup> nelas potencializadas, evidenciando sensações que se traduzem, respectivamente, em informações e significados visíveis a qualquer pessoa, e na sensibilidade suscitada no observador.

Conforme Barthes (1984), a relação entre imagem fotográfica e o observador ostenta dois elementos, um deles o *studium*, sendo aquilo que desperta um interesse geral por ela, atraindo a atenção pela curiosidade, ou seja, relaciona-se com as intenções e visão de mundo

---

<sup>1</sup> Os perceptos não são mais percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afetos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 213). Perceptos e afectos são potências ou possibilidades de sensações. Percepto caracteriza-se por algo que está nas coisas e não em nós, ou seja, está na fotografia, enquanto o afeto constitui-se em algo pré-humano, que está em vias de se constituir, um devir.

do fotógrafo, o que é percebido com familiaridade devido à bagagem cultural do observador, relacionando-se com um afeto médio, seja pelas personagens, seja pelos locais ou fatos representados; outro elemento é o *punctum*, que parte da cena, ultrapassando o campo da matéria visual, desencadeando no observador determinados sentimentos e emoções, cuja sensibilidade e inconsciente são inquietados por ela.

Assim, a fotografia representa “um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções” (KOSSOY, 1989, p.16), apresentando-se como uma fonte em potencial e dinâmica, tanto de aspectos descritivos, como também afetivos, constituída por:

Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros que os observam livres de paixões, estejam eles próximos ou afastados do lugar e da época em que aquelas imagens tiveram origem (KOSSOY, 1989, p. 16).

Os detalhes representados na imagem fotográfica constituem num repertório de vestígios que representam um tempo, um espaço, uma situação e uma relação entre as pessoas em um determinado contexto da história, durante um processo constante e contínuo de suas vidas. Esse movimento da vida apresentada pela imagem fotográfica é destacado por Kossoy (1989), quando afirma que a cena registrada na fotografia não se repetirá jamais, sendo, portanto, o momento vivido – nela representado – único e irreversível. “A imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena” (KOSSOY, 1989, p. 22). Assinala-se também, quando as fotografias “aparecem num meio que se está a estudar podem dar uma boa percepção dos indivíduos que não estão mais presentes, ou de como certos acontecimentos particulares desse meio eram” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.184), “permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 2003, p. 460). Portanto, mais do que um mero meio de recordação, a fotografia assume um caráter de documento histórico, sendo fonte de pesquisa para diferentes épocas ou sociedades.

Consequentemente, perante todo o potencial de uma fotografia, fui incentivado a realizar uma pesquisa que explorasse e aproveitasse aquilo que as imagens fotográficas têm a oferecer, utilizando a capacidade dos olhos para ver e enfrentando o desafio de ler e interpretá-las. Para Leite (1998, p. 40), “após uma leitura inicial, que seria um exercício de identificação, a fotografia admite a interpretação, que resulta de um esforço analítico, dedutivo e comparativo”. Barthes (1984, p. 12), antecipa as dificuldades metodológicas

enfrentadas por quem decide estudar fotografias: “Quem podia guiar-me? Desde o primeiro passo, o da classificação (é preciso classificar, realizar amostragens, caso se queira constituir um *corpus*), a fotografia se esquivava.”

Mesmo diante dos eventuais desafios futuros da natureza dessa investigação, entretanto apaixonado por fotografias, assim como Barthes (1984, p. 35), “decidi então tomar como guia de minha nova análise a atração que eu sentia por certas fotos. Pois pelo menos dessa atração eu estava certo”: fotos do cotidiano escolar.

Justificada a escolha pelo objeto de estudo, faz-se necessário, a partir de agora, situar a fotografia na vida cotidiana e esclarecer as suas possibilidades para a pesquisa e, sobretudo, como recurso para a história da educação.

Atualmente vivemos em meio a uma cultura visual em que as imagens se fizeram frequentes e meios eficientes para difundir signos, símbolos e informações, fazendo parte de inúmeros eventos do cotidiano das pessoas – como assistir à televisão, ir ao cinema, observar vitrines –, tornando-se “experiências culturais centrais na modernidade urbana, na segunda metade do século XX, e estão intrinsecamente ligadas à contínua expansão do capitalismo” (FISCHMAN, 2008, p.114).

Simultaneamente à expansão da cultura visual na vida das pessoas, vem aumentando consideravelmente o interesse dos estudiosos em investigar as experiências envolvidas pelos meios visuais, como a fotografia e, “mais do que as palavras, as imagens fotográficas inundam as várias dimensões da vida humana. Se não sabemos ainda, exatamente, como lidar com elas, não há como ignorá-las” (CIAVATTA; ALVES, 2008, p.15).

Seja como meio de recordação e documentação da vida familiar, seja como meio de informação e divulgação dos fatos, seja como forma de expressão artística, ou mesmo enquanto instrumento de pesquisa científica, a fotografia tem feito parte indissociável da experiência humana (KOSSOY, 1989, p. 100).

Após o surgimento e consolidação da fotografia no cotidiano das pessoas, em detrimento do processo mecânico de sua produção – devido a sua especificidade de constituição e produção – existia um consenso de que o documento fotográfico “presta contas do mundo com fidelidade” (DUBOIS, 2010, p. 25), atribuindo à imagem fotográfica uma credibilidade e um valor real. Considerando este aspecto, a fotografia não poderia mentir e nela a necessidade de “ver para crer” estaria satisfeita. Nesta perspectiva, a fotografia é “percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra” (DUBOIS, 2010, p. 25).

Refere-se Le Goff (2003, p.460) que “a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas” e, a partir do seu advento, conforme Kossoy (1989, p. 15), “o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica”.

Becker (2009) enfatiza que a fotografia, entre outros elementos como filme, ficção, arte dramática, mapas, tabelas, modelos matemáticos e etnografia, compõe um repertório de formatos de representações da sociedade na qual, por meio dela, pode-se obter informações sobre situações, lugares e épocas de uma determinada sociedade. Para Flüsser (2002), as fotografias são superfícies que pretendem representar algo, cujos códigos traduzem eventos em situações, sendo representações do mundo. Logo, conforme Azzolino (2002, p. 44), a fotografia pode ser compreendida “como um objeto de estudo dotado de uma linguagem própria e, como todo sistema de representação, uma grande fonte de dados para a compreensão da dinâmica das sociedades contemporâneas.

No mundo moderno, independente da natureza da linguagem, a leitura representa um processo imprescindível na formação e desenvolvimento do homem, para a compreensão de expressões formais e simbólicas. Seja a partir de textos sonoros, escritos ou imagens, ela acontece a partir do diálogo entre o leitor e o objeto lido.

Diante da grande quantidade de informações visuais, a fotografia, enquanto linguagem, desafia a nossa capacidade de leitura, pois necessita de instrumentos para ser decodificada e compreendida, ou seja, o observador precisa ser alfabetizado para esse tipo de texto. E, antes mesmo de a fotografia ser difundida, Benjamin (1985) já antevia que o analfabeto do futuro não seria aquele que não sabe escrever, e sim, quem não sabe ler uma imagem.

Durante a leitura de uma fotografia a percepção de seus elementos não acontece simultaneamente. A compreensão de um detalhe, posteriormente, pode levar a detecção de outro. Conforme Flüsser (2002, p. 8), “ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos”. A fotografia cada vez mais assume um caráter científico, pois, assim como afirma Becker (2009), não considerá-la como material científico é estranho, uma vez que as ciências naturais como a Biologia, a Física e a Astronomia, hoje, seriam inconcebíveis sem evidências fotográficas.

Gradativamente, a imagem fotográfica está sendo cada vez mais incorporada por diferentes pesquisadores – como historiadores, cientistas sociais e outros estudiosos das

diferentes áreas do conhecimento – como metodologia suplementar num rol de técnicas de investigação, como prova existencial e instrumento de conhecimento visual de uma situação passada e, portanto, como uma possibilidade de descoberta, e também,

[...] os próprios historiadores a agregaram à lista da documentação a que recorrem para ampliar as evidências documentais da realidade social do passado que constituem a matéria-prima de suas análises. Um recurso que em diferentes campos, amplia e enriquece na variedade de informações de que o pesquisador pode dispor para reconstituir e interpretar determinada realidade social (MARTINS, 2008, p. 26).

Uma mesma fotografia pode ser objeto de estudos em áreas específicas das ciências, variando conforme a natureza do conteúdo visual que se quer investigar. Conforme Becker (2009), a fotografia pode ter significados muito diversos, de acordo com seu uso em contextos distintos por diferentes tipos de pessoas. Kossoy indica o uso da fotografia nas diferentes áreas, destacando:

As imagens que contenham um reconhecido valor documentário são importantes para os estudos específicos nas áreas da arquitetura, antropologia, etnologia, arqueologia, história social e demais ramos do saber, pois representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sócio-cultural (KOSSOY, 1989, p. 36).

Uma das aplicações potenciais das imagens fotográficas para a pesquisa é a documentação da especificidade da mudança histórica. A partir da leitura da fotografia e de um conhecimento histórico detalhado do tempo e lugar, pode-se obter uma informação cultural e histórica implícita (LOIZOS, 2002). A partir do exercício do olhar de fotografias do passado em relação às fotografias do presente pode-se analisar as transformações ocorridas no tempo-espaço, enfatizando a existência de um constante movimento social, constituindo diferenças, semelhanças, contradições, conflitos e transformações e, sobretudo, que a sociedade, sendo resultante da ação do homem, poderá ser transformada (AZZOLINO, 2002).

Logo, as fotografias compõem imagens de uma realidade social cuja compreensão está sujeita a informações que não estão nelas expressamente contidas, para que aquilo que contém possa ser compreendido de maneira adequada (MARTINS, 2008). Como também, a informação pode estar na fotografia, mas nem todos estão preparados para percebê-la em sua plenitude, pois apesar de ser o mesmo objeto do mundo real, o sentido que dão a ele são diferentes, suas percepções, habilidades para especificá-lo e descrevê-lo, devido a suas biografias individuais (LOIZOS, 2002).

Em relação às fotografias documentais, Becker cita que:

Seu significado surge nas organizações em que são usadas, a partir da ação conjunta de todas as pessoas envolvidas nessas organizações, e, assim, varia de um momento e de um lugar para outro. Como as pinturas adquirem seu significado em um mundo de pintores, colecionadores, críticos e curadores, fotografias obtêm seu significado a partir do modo como as pessoas envolvidas com elas as compreendem, usam-nas e desse modo lhe atribuem significado (BECKER, 2009, p. 185).

A fotografia guarda, na sua superfície sensível, a marca indefectível do passado que as produziu e consumiu, logo, caracteriza-se como uma fonte histórica que exige um novo tipo de crítica e uma nova postura teórica de caráter transdisciplinar que dependem das variáveis técnicas e estéticas do contexto que as produziram, assim como das diferentes visões de mundo que concorrem no jogo das relações sociais (MAUAD, 2008). Conforme Kossoy:

Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho (KOSSOY, 1989, p. 33)

As relações estabelecidas em determinada situação numa imagem fotográfica apresentam uma realidade que ocorreu em um espaço e num tempo passados específicos, mediante condições contextuais. Precisa-se estabelecer um diálogo com a fotografia, pois muitas vezes elas não falam por si sós, sendo necessário que as perguntas sejam feitas:

O valor e alcance dos documentos, bem como sua viável interpretação, está na razão direta de quem consegue – em função de sua bagagem cultural, sensibilidade, experiência humana e profissional – formular-lhes perguntas adequadas e inteligentes (KOSSOY, 1989, p. 99-100).

Para isso é importante seguir as orientações de Le Goff em relação à importância de se contextualizar a documentação. Conforme o historiador:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 2003, p. 535-536).

Como verificou Leite (1998), um conhecimento preexistente da realidade representada na imagem fotográfica mostra-se indispensável para o re-conhecimento de seu conteúdo, requerendo, entre aguçados mecanismos de percepção visual, condições culturais adequadas, imaginação, dedução e comparação com outras fotografias para que o intérprete se constitua num receptor competente. Entre a imagem e a realidade representada, existe uma série de mediações que, ao contrário do que se pensa habitualmente, fazem com que a imagem não

seja restituição, mas reconstrução – uma alteração voluntária ou involuntária da realidade, que é preciso aprender a sentir e a ver.

Assim, no campo educacional, “a fotografia pode ser uma ferramenta do investigador educacional, contudo deve ser entendida como um produto cultural e como uma produtora de cultura” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.191). Compreendendo como a sociedade afeta e é afetada pela iniciativa fotográfica, cujo valor analítico das fotografias pode ser explorado de forma mais intensa.

Nesta pesquisa, a fotografia é utilizada como o principal recurso para o estudo do processo educacional de uma instituição educacional pública do município de Limeira, estado de São Paulo, no período compreendido desde sua criação (1934) aos dias atuais (2010), tendo como propósitos identificar e caracterizar nas imagens fotográficas, aspectos da relação entre a escola e o tempo – assinalando o discurso sobre a escola, os contextos humanos e as relações sociais reveladas –, reportando à cultura escolar e à história da educação.

As imagens fotográficas expressam um padrão identitário da escola enquanto instituição educativa cujo imaginário social pode ser evidenciado por meio de símbolos, práticas, ritos e comportamentos, como o uniforme, a aula, a arquitetura escolar, a sala de aula (SOUZA, 2001). A fotografia assumirá um caráter protagonista na investigação, baseando, prioritariamente, em sua leitura, análise e interpretação, em diferentes contextos, de diversos flagrantes de situações do cotidiano escolar. O estudo do potencial das fotos como materialidade das imagens, possibilitará desvendar, compreender e descrever eventuais semelhanças e transformações entre o plano da intencionalidade, constituído pelo projeto pedagógico da escola, e o plano da realização, que perpassa o processo educacional.

Ao fazer uso da fotografia, esta pesquisa está vinculada à investigação de natureza qualitativa, pois proporciona dados descritivos, que são muitas vezes utilizadas para compreender aspectos subjetivos e, frequentemente, analisadas indutivamente, oferecendo uma visão histórica do meio e de seus participantes (BOGDAN; BIKLEN, 1994), caracterizando, também, “como método de registro da informação social e cultural” (MARTINS, 2008, p.153).

A fotografia é resultante da ação do homem – o fotógrafo – que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para o seu devido registro, utilizou os recursos oferecidos pela tecnologia da época (KOSSOY, 1989), concebida por meio do encontro entre o olhar humano e o aparato técnico, ou seja, o aparato dirigido pelo olhar, carregado da subjetividade do fotógrafo (MACHADO, 1984), sendo a “competência de quem olha que fornece significado à imagem” (MAUAD, 2008, p. 24). Nela, o olhar do fotógrafo

está perpetuado, representando um determinado mapa tempo-espacial, que pode vir à tona, bastando que o observador seja capaz de ver, perceber e sentir.

Importa-se esclarecer que “a foto não interpreta, não seleciona, não hierarquiza. Como máquina regida apenas pelas leis da óptica e da química, só pode retransmitir com precisão e exatidão o espetáculo da natureza” (DUBOIS, 2010, p. 32), pois, embora ela esteja carregada da subjetividade do fotógrafo e permitir interpretações subjetivas de um observador, ela representa o resultado objetivo da neutralidade de um aparelho.

Para Benjamim (1987, p. 94), “a natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado que ele percorre conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente”. Assim, o poder da fotografia em registrar situações difere do poder do olhar, que pode ultrapassar o campo da afetividade, permitindo ao observador ser afetado por dimensões inconscientes que passam despercebidas a um breve olhar no contínuo do tempo.

No mundo contemporâneo, recursos do aparato técnico como câmara lenta e ampliação, permitem à fotografia registrar praticamente tudo, mesmo situações impossíveis de serem captadas pela óptica natural, desde um corpo móvel veloz até partículas microscópicas. Benjamim (1987), em relação a essa capacidade da fotografia registrar aquilo não acessível ao olhar humano, afirma que em seu material, ela revela:

Os aspectos fisionômicos, mundos de imagens habitando as coisas mais minúsculas, suficientemente ocultas e significativas para encontrarem um refúgio nos sonhos diurnos, e que agora, tornando-se grandes e formuláveis, mostram que a diferença entre a técnica e a magia é uma variável totalmente histórica (BENJAMIM, 1987, p. 94).

Entre o sujeito que olha e a imagem fotográfica pode existir muito mais do que os olhos possam compreender – o invisível das experiências, regido por uma movimentação de afetos e intensidades que, para serem deflagrados, exigirá do observador o uso de sua sensibilidade. Neste momento, é necessária uma incursão em profundidade na situação representada, compreendendo os fragmentos visuais em sua interioridade.

Para Barthes (1990, p. 32), “[...] toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacentes a seus significantes, uma ‘cadeia flutuante’ de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros. A polissemia leva a uma interrogação sobre o sentido [...]”. Borges (2005, p. 111), também, considera que “a fotografia, como as outras imagens, é polissêmica. Sua absorção varia muito em função dos códigos culturais e da sensibilidade do leitor”, afirmando, ainda que:

Ao longo dos séculos, as diferentes sociedades têm criado distintas formas de produzir, olhar, conceber, dialogar e utilizar suas produções imagéticas. Ao possibilitar o constante desejo de eternizar a condição humana, por certo transitória, a imagem fotográfica se aproxima de outras iconografias produzidas no passado. Como essas, a fotografia também desperta sentimentos de medo, angústia, paixão e encanto. Reúne e separa homens e mulheres, informa e celebra, reedita e produz comportamentos e valores. Comunica e simboliza. Representa (BORGES, 2005, p. 37).

Portanto, durante o processo de investigação, o pesquisador poderá usar o corpo vibrátil mencionado por Rolnik (1989), atuando como um cartógrafo, prevalecendo na medida do possível, a sua sensibilidade, permitindo-lhe perceber e ser afetado pela fotografia, identificando as marcas do intencional e do intencional.

O pesquisador, perante a sua sensibilidade, utilizará a conjunção de seu olhar com seu corpo vibrátil para a constituição da realidade materializada na imagem fotográfica, cujo método construir-se-á ao longo do processo, juntamente com o *corpus*, conforme a natureza da fotografia e a educação de seu olhar: percepção e interpretação.

A própria experiência vem demonstrando que, a cada novo tipo de fotografia e objeto a ser estudado a partir da imagem fotográfica, o pesquisador se vê obrigado a atualizar o método de análise e adequá-lo à sua matéria significativa, guardando os imperativos metodológicos apresentados. Nesse sentido, é sempre importante lembrar que toda a metodologia, longe de ser um receituário estrito, aproxima-se mais de uma receita de bolo, na qual cada mestre-cuca adiciona um ingrediente a seu gosto (MAUAD, 2008, p. 35).

As fotografias, ao contrário de outros textos, como línguas e sinais de trânsito, não são decodificadas de forma semelhante por todos. Elas possibilitam diversas interpretações, sendo, portanto, subjetiva. Nestas condições, as informações que o observador extrairá de determinada imagem fotográfica, poderá ser ambíguo, livre à sua interpretação e subjetividade. Merece destacar que o observador-pesquisador, possui vivências e experiências enquanto estudante e educador, que poderá utilizá-las no decorrer da investigação.

A compreensão da realidade registrada na imagem fotográfica exige que o observador explore, detalhadamente, os seus vestígios, com o intuito de decifrar os códigos de seu conteúdo. Esse empenho desempenhado pelo observador é relatado por Benjamim afirmando que:

Apesar de toda perícia do fotógrafo e de tudo o que existe de planejado em seu comportamento, o observador sente a necessidade irresistível de procurar nessa imagem a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com o qual a realidade chamuscou a imagem, de procurar o lugar imperceptível em que o futuro se aninhou ainda hoje em minutos únicos, há muito extintos, e com

tanta eloquência que podemos descobri-lo, olhando para trás (BENJAMIM, 1987, p. 94).

As fotografias a serem usadas em investigação educacional qualitativa, conforme Bogdan e Biklen (1994) podem ser separadas em dois grupos: as que foram feitas por outras pessoas e aquelas produzidas pelo próprio investigador. No caso específico dessa pesquisa, foram utilizadas aquelas produzidas por outras pessoas, ou seja, aquelas encontradas nos arquivos da instituição e também em álbuns fotográficos de pessoas que tiveram alguma relação com a instituição. Para isso, foi realizado um trabalho de campo na busca dessas imagens fotográficas.

Toda fotografia, como ressalta Kossoy (1989), é um resíduo do passado, portanto, contemplá-la e refletir sobre sua trajetória é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência: a intenção, o ato do registro e os caminhos percorridos por ela. Afirma, ainda, que toda fotografia foi produzida com certa finalidade e, se um fotógrafo desejou ou tornou-se incumbido de retratar determinada situação, esses registros – que foram produzidos com uma finalidade documental – representarão sempre um meio de informação e de conhecimento, e conterão sempre seu valor documental, iconográfico. No entanto, isso não implica que essas fotografias estejam despidas de valores estéticos, forjados no momento do registro.

Assim, as imagens fotográficas produzidas em uma instituição de ensino representam documentos iconográficos do cotidiano escolar, que por meio da leitura e interpretação, podem revelar a cultura escolar e a realidade dinâmica de situações instituídas e vivenciadas no processo educacional.

As fotografias não são objetos isolados, independentes. São situadas em um contexto e indelevelmente marcadas por quem as produziu, pelo olhar de quem as recortou da realidade. Destacam-se, nas diversas abordagens examinadas, a historicidade das imagens e seu potencial para a informação e para a educação. Como representação do passado, geram uma memória que alimenta a compreensão do presente e orienta as perspectivas do futuro (CIAVATTA; ALVES, 2008, p.15).

As fotografias escolares constituem um gênero de fotografias que foi muito difundido a partir do início do século XX e que dentre os diversos conteúdos temáticos retratados, sobressai a foto de classe. O surgimento e a difusão desse tipo de fotografia, em especial as fotos de classes, vinculam-se à disseminação do valor social e cultural da escola na sociedade brasileira (SOUZA, 2001). Além disso, o período da vida escolar representa para a criança e a família um momento muito significativo, merecedor de ser registrado e recordado.

Os momentos iniciais de investigação, na busca por fotografias e outros documentos, constituiu-se num trabalho arqueológico, por meio de visitas a arquivos: museu da cidade, arquivo municipal, imprensa do município e privilegiando o próprio arquivo da instituição e, também, em álbuns de retrato de pessoas que passaram pela escola. No caso particular de álbuns fotográficos, as pessoas foram contatadas a partir de anúncios na imprensa local e da consulta de agendas de telefone e de fichas do prontuário arquivadas na escola. No entanto, verificou-se a escassez de material referente aos períodos mais antigos – entre as décadas de 1930 e 1970 – já que o acesso à fotografia era muito restrito para aquela época, sendo realizadas apenas em momentos especiais.

As fotografias selecionadas restringiram-se àquelas que retratam fatos relacionados à educação, contemplando os diversos espaços, tempos e situações, como a arquitetura escolar, salas de aula, turma de alunos, objetos escolares, relação educador-educando, desfile cívico, formatura, reunião de pais e mestres, exposições escolares, aula de educação física, refeitório e outras atividades escolares. A classificação e organização obedeceram a uma ordem lógica e não cronológica, contemplando a cultura escolar, o processo educacional e a história da escola.

Ainda que “as fotografias deem uma percepção geral do meio, também podem oferecer-nos informação factual específica que pode ser usada em conjunção com outras fontes” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.184). Por isso, para contextualizar com maior riqueza as situações apresentadas pelas fotografias, a pesquisa recorrerá, ocasionalmente, ao uso de alguns documentos como boletim escolar, diploma e caderno e à coleta de depoimentos de pessoas – alunos e ex-alunos, professores e ex-professores e funcionários e ex-funcionários – presentes ou contemporâneas das situações representadas nas imagens fotográficas, como fontes complementares para auxiliar na pesquisa.

Apenas o uso da fotografia poderia ser insuficiente para fazer interferências de caráter histórico, já que devido à ausência de bibliografia e à precariedade de registros históricos, muitos detalhes estariam gravados apenas nas lembranças dessas pessoas, que frequentaram e vivenciaram esses espaços e tempos, além do sentimento e das sensações vivas daqueles que se fizeram presentes e testemunharam o cotidiano da escola.

Para Bosi (1994), o testemunho vivo caracteriza-se como um dispositivo muito apropriado para reconstruir a história, possibilitando uma nova percepção diante das lembranças.

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. [...] Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado (BOSI, 1994, p. 53-55).

A conjunção de fontes poderá proporcionar ao processo de investigação uma visão de conjunto do fenômeno muito mais abrangente que uma única fonte de dados conseguiria obter.

Ela deve necessariamente ser associada a outros dados de pesquisa (depoimentos orais, documentos, mapas, dados bibliográficos, além de outras fotos) para que as informações que contém possam ser visualizadas pelo pesquisador dentro de um contexto mais amplo, que permitirá a ele explorar ao máximo os dados registrados naquele suporte fotográfico (SIMSON, 1996, p. 97).

A fotografia, assim como quaisquer documentos produzidos pelo homem, tem em si uma história e o depoimento pode ser um procedimento importante para investigar a origem da fonte quanto ao lugar e o tempo de sua produção. Recuperando esta trajetória, o pesquisador terá pistas para a análise preliminar e a interpretação que se seguirão. Para Kossoy (1989) esta metodologia de entrevistas faz-se necessário:

Junto aos contemporâneos dos fotógrafos, que podem eventualmente trazer elementos para um esboço bibliográfico, junto às pessoas da comunidade que podem trazer pistas para a identificação dos cenários e personagens registrados nas imagens, bem como os estudiosos familiarizados com os conteúdos dessas imagens, além daqueles envolvidos especificamente com a história da fotografia (KOSSOY, 1989, p. 45).

Quando há uma preocupação com a preservação da memória, Souza (2001) concorda que a fotografia é completamente dependente dos referentes e da transmissão oral:

Enquanto há na escola pessoas que se recordam dos acontecimentos retratados ou fotografados, sobressai um pouco mais o conteúdo latente da fotografia. No entanto, o desaparecimento dos referentes emudece a imagem que sobrevive apenas em seu conteúdo manifesto (SOUZA, 2001, p. 80).

O processo de coleta de depoimentos aconteceu por meio de garimpagem no arquivo da escola, a partir de consulta aos livros de movimento (antigo livro ponto), livros de matrículas de alunos, agendas de telefone e por meio da identificação nas fotografias anteriormente encontradas, sendo selecionados vários nomes de alunos, professores e funcionários entre os diversos períodos ao longo da existência da instituição de ensino que, posteriormente, começaram a ser contatadas. Dentre essas pessoas, foram priorizadas aquelas

reconhecidas em alguma fotografia ou que possuíssem, em seus arquivos familiares, fotos de alguma situação do cotidiano escolar.

O contato inicial com os eventuais depoentes constituiu-se em orientá-los quanto ao propósito e a importância da investigação e, havendo concordância, realizavam-se os procedimentos para a agenda da entrevista. Em muitos casos, a própria fotografia foi utilizada como um dispositivo para mobilizar afetos e perceptos, em que o pesquisador situa o contato com a memória em seu funcionamento dinâmico, estimulando as lembranças das pessoas quanto às suas relações com a escola, das situações nela observadas e dos sentimentos acordados, estabelecendo um diálogo entre a fonte imagética e oral.

Conforme Souza (2001), nos relatos feitos por ex-alunos emergem trajetórias de vida misturadas com a memória de uma cultura escolar. Esta memória, estabelecida nos contornos da escola como lugar, refere-se aos comportamentos dos professores, à disciplina, ao convívio com os colegas, cujas relações sociais inscritas na cultura escolar prevalecem a fotografia como representação.

Dezenas de fotografias e depoimentos foram, respectivamente, encontradas e colhidos.<sup>2</sup> Mereceu destaque o fato de alguns ex-alunos, mais tarde, tornarem-se professores e funcionários desta escola. Além de um período mais extenso de contato do depoente com a escola, isto permitiu reportar a visões diversas do ambiente escolar, cada qual de acordo com a sua condição perante a instituição. Ocupando o lugar de um cartógrafo atento foi possível registrar os sentimentos e emoções que emergiram durante essas recordações.

Durante o processo de busca por imagens fotográficas – assim que encontradas – procedeu-se uma investigação com o propósito de identificar a data, o local, os caracteres de sua fonte e, eventualmente, algumas pessoas presentes, sendo, a seguir, fotocopiadas e digitalizadas, para futura seleção e utilização na pesquisa, tendo suas originais devolvidas a seus proprietários. Os eventuais depoimentos colhidos ocorreram de forma semi-estruturados, perguntando-se em relação às experiências e vivências dos tempos de escola, sendo gravados em áudio e, posteriormente, transcritos, principalmente daquelas pessoas mais idosas, ou escritos pelos próprios depoentes. Nesse caso, as próprias fotografias foram utilizadas como base para estruturar o relato, pois puderam remeter os sujeitos a recordações daquele contexto.

De forma simultânea, durante a coleta de fotografias e obtenção dos depoimentos<sup>3</sup>, foi

---

<sup>2</sup> Foram utilizadas nesta pesquisa um total de 47 fotografias, 5 documentos e fragmentos de depoimentos de 19 pessoas. Dessas fotografias, 24 são oriundas de acervos particulares, constituindo álbum de família, impregnadas de recordação.

<sup>3</sup> Ver depoimentos em anexo.

solicitada para fins de publicação, a devida permissão<sup>4</sup> por meio de documento assinado de cada um dos sujeitos reconhecíveis em cada fotografia e de familiares daqueles que se encontravam em óbito, como também, daqueles que participaram com depoimentos.

O trabalho com a imagem fotográfica – por meio de sua leitura – aliadas a depoimentos, possibilitou reunir fragmentos, funcionando como um dispositivo de elucidação da relação entre a escola e as marcas com o tempo, percorrendo o interior de seu território e fornecendo as condições necessárias para desenhar o mapa dos sentidos da ação educacional e apresentando e caracterizando aspectos físicos e sensíveis de uma época nela intrincados. Logo, a leitura de fotografias de situações diversas do cotidiano escolar permitiu elaborar uma espécie de radiografia da escola<sup>5</sup>, possibilitando reconstituir fatos, expressar emoções e revelar detalhes de seu processo educacional e de sua cultura, caracterizando as relações e situações envolvendo os indivíduos, a educação e o ambiente escolar, produzindo um retrato da instituição de ensino nesse período<sup>6</sup>.

Em diversos trabalhos, conforme (LEITE, 1998, p. 38), “o texto escrito e o visual aparecem juntos, e se complementam. Mas existem aqueles em que o divórcio entre os dois é completo”. Neste retrato da escola, a imagem e a linguagem escrita constituirão uma relação de reciprocidade, na qual o texto cumprirá a função de explicar a fotografia, ou seja, os resultados da leitura e análise da fotografia serão expressos por meio da linguagem escrita. Logo, o texto cumprirá a função de delator de todo o potencial da fotografia deflagrado pelo observador, lembrando que, conforme Barthes (1990, p. 20), “a imagem já não ilustra a palavra; é a palavra que, estruturalmente, é parasita da imagem”. Essa forma de uso da imagem com o texto é definida por Barthes (1990) de ancoragem. Na ancoragem “o texto dirige o leitor através dos significados da imagem e o leva a considerar alguns deles e a deixar de lado outros. [...] A imagem dirige o leitor a um significado escolhido antecipadamente” (BARTHES, 1990, p. 38-41).

A imagem fotográfica pode ser, para a pesquisa, uma importante fonte para compreender, não apenas o conteúdo nela presente, mas a sua ausência. Por meio de uma interpretação mais profunda, pode-se compreender aquilo que a fotografia não possui de visível fotograficamente, revelando, assim, as articulações entre o mundo interno e o conteúdo do material, externo à fotografia:

---

<sup>4</sup> Ver modelo do documento em anexo.

<sup>5</sup> Trata-se de uma escola do sistema público de ensino do município de Limeira, estado de São Paulo.

<sup>6</sup> Período de estudo situado desde a criação da escola (1934) aos dias atuais (2010).

O significado mais profundo da imagem não se encontra necessariamente explícito. O significado é imaterial; jamais foi ou virá a ser um assunto visível passível de ser registrado fotograficamente. O vestígio da vida cristalizado na imagem fotográfica passa a ter sentido no momento em que se tenha conhecimento e se compreendam os elos da cadeia de fatos ausentes da imagem. Além da verdade iconográfica (KOSSOY, 1989, p. 80).

A utilização da fotografia como fonte de pesquisa em investigações possibilitará ao pesquisador-observador uma forma de educar o olhar a adquirir uma leitura consciente do mundo e refletir, portanto, sobre a realidade, por meio das imagens.

Buscamos a verdade dos fatos, mas o que encontramos são apenas imagens da verdade, os fatos em sua forma aparente. O que se faz é a arqueologia da imagem, a crítica interna das ideologias de legitimação da realidade ou das formas como a realidade é apresentada pela fotografia (GOMES, 2003, p. 42).

Assim, a imagem fotográfica permitirá a reconstrução da realidade histórica do processo educacional – uma vez que o estudo do passado permite esclarecer o presente – conforme a cultura escolar da qual a instituição educacional está impregnada. Entretanto, a fotografia por si só torna-se insuficiente, cabendo ao pesquisador-observador compreender a imagem fotográfica enquanto fonte de informação proveniente de um contexto de situações passadas na qual se pretende estudar.

O primeiro capítulo constitui-se de uma sucinta história da escola, apresentando e esclarecendo, o contexto de sua origem, empecilhos para a sua construção, o primeiro dia de aula no prédio e sua inauguração, as denominações recebidas ao longo do tempo e a analogia entre as características da arquitetura entre seu prédio velho e novo, cuja diferença no intervalo de construção corresponde a 55 anos, destacando aspectos da história da educação e estabelecendo relações com a educação contemporânea.

A cultura escolar é analisada, no segundo capítulo, a partir de vestígios representados e detectados nas cenas de situações do cotidiano escolar registradas nas fotografias. Algumas fotografias reunidas no acervo deste trabalho retratam eventos, aspectos físicos e atividades escolares que serão muito significativas para o estudo da cultura escolar. Discutindo-se a relação entre currículo e elementos da cultura escolar, tais como a arquitetura do prédio, mobiliário e objetos escolares, recursos didáticos, rituais escolares, festas, normas, valores, conteúdos de ensino e avaliações, evidenciando-se o quanto a cultura da escola é necessária e importante para sustentação do processo educacional.

No terceiro capítulo, o estudo da imagem fotográfica permite analisar o processo educacional, evidenciando o seu atrelamento com a cultura escolar, abordando fatores

indispensáveis para a organização e natureza de trabalho dos profissionais da educação e para as relações existentes entre professor, aluno, currículo e escola, deflagrados no decurso do processo de ensino e aprendizagem.

Esta investigação, portanto, apresenta como expectativa, a utilização da imagem fotográfica na reconstituição dos fatos, cada qual em seu contexto específico, permitindo revelar a cultura escolar e elucidar eventuais semelhanças e transformações ocorridas no processo educacional, possibilitando comparações de caráter histórico-filosófico, socioeconômico e cultural no âmbito educacional.

Enfim, a fotografia escolar mostra-se como um instrumento em potencial, carregado de informações, sentimentos e emoções da dinâmica do cotidiano escolar. Por isso, ao longo da pesquisa debruçarei os meus olhos diante dessas fotografias buscando compreender a escola nela retratada e, simultaneamente à capacidade dos meus olhos em ver, integrará a composição dessa análise a minha história de vida, enquanto estudante e educador, perante minha sensibilidade. Para contextualizar e compreender o cenário que compõe as fotografias escolares, a seguir tem-se uma breve história da escola.

## 2. HISTÓRIA DA ESCOLA

*Somos muitos os que ainda se recordam do grupo escolar: ex-alunos, professores, diretores, funcionários, pais de alunos e muitas gerações da sociedade brasileira. Como esquecer esse universo peculiar, essa organização que aprisionou a nossa infância numa rede de repressões, deslumbramentos e descobertas de conhecimentos, códigos, símbolos, normas, valores, disciplinas? Como esquecer esse espaço do exercício profissional do magistério?(SOUZA, 1998, 15).*

De repente, em um determinado dia, fomos apresentados à escola. Era o primeiro dia de aula e cada um levava uma bolsa com cadernos e lápis, só não sabiam o que fariam com aquilo, nem o que faziam ali. Era um lugar estranho, pois era diferente. Havia muitas crianças juntas e também espaço e tempo para brincar. Sentimentos de curiosidade em desvendar tudo aquilo eram despertados. Logo as crianças foram levadas para uma sala, fizeram-nas sentar, aparecendo alguém que nunca viram antes, dizendo que seria o professor e que estaria quase todos os dias com elas, durante aquele ano. O professor as fez pegar no lápis e rabiscar o caderno, mas não quaisquer rabiscos, eram rabiscos determinados por ele. Com a mão sobreposta a uma das mãos dos alunos, sendo um por vez, o professor foi conduzindo-os às primeiras escritas. Parecia mágica a marca deixada pelo lápis na página do caderno. O primeiro dia de aula e esta atividade proposta pelo professor representam, respectivamente, o início do processo educacional e do processo de alfabetização que, assim como o ano letivo, os colegas de turma, os professores, as aulas, as brincadeiras e as festas são algumas das lembranças da escola que carregamos durante toda a vida.

Na escola passamos grande parte das fases mais importantes de nossas vidas, a infância e a adolescência, períodos de desenvolvimento e maturação enquanto ser humano e de descobertas e compreensão do mundo no seu aspecto cognitivo. Por isso, falar da vida é, logo, falar do grupo escolar, da escola.

## 2.1. Segundo Grupo Escolar de Limeira

### 2. 1. 1. Origem da escola

Na expectativa da Proclamação da República, os republicanos históricos paulistas já defendiam uma reforma no ensino paulista, pois o consideravam retrógado. Proclamada a República, o estado de São Paulo elabora sua Constituição, defendendo os princípios da obrigatoriedade e da gratuidade do ensino primário. Em 1892, o estado teve a sua primeira reforma do ensino, sendo criados os grupos escolares em 1893 – os primeiros do território nacional – que constituiu em instituições de ensino destinadas a atender a educação pública, em específico o ensino primário<sup>7</sup>, representando uma nova concepção pedagógica, arquitetônica e social da escola primária, sendo exemplo para todo o país (MARCÍLIO, 2005). A educação popular caracterizava-se como necessidade social e política, em que a exigência da alfabetização para a participação política – nas eleições diretas – tornava a difusão da instrução primária indispensável para a consolidação do regime republicano (SOUZA, 1998).

Anteriormente à criação dos grupos escolares o ensino não possuía local próprio e até o final do século XIX era ministrado em locais privados, como na casa dos professores. No estado de São Paulo, “cabia ao professor arcar com as despesas de aluguel de sua sala de aula, ou então ministrar as aulas em sua própria casa com todos os inconvenientes que daí resultavam” (MARCILIO, 2005, p. 66). Nesse período a educação era desenvolvida de forma precária, com turmas formadas com alunos de diferentes níveis de escolaridade, sob a responsabilidade de um único professor.

A educação adquiriu o caráter de instrução pública somente ao longo do século XIX, quando o poder público normatizou, pela via legal, os mecanismos de criação, organização e funcionamento de escolas (SAVIANI, 2006). Os políticos e os educadores, em meio aos projetos republicanos de educação popular, consideraram indispensável a existência de casas escolares para a educação das crianças, reiterando a necessidade de espaços edificadas exclusivamente para o serviço escolar (SOUZA, 1998). Apenas no século XX instituíram-se definitivamente na vida das famílias, nos costumes e na sociedade o ritmo, o tempo e a rotina da escola (MARCILIO, 2005).

A implantação do grupo escolar teve como proposta o agrupamento de escolas isoladas, circunvizinhas de uma determinada região, caracterizando um fenômeno urbano, já

---

<sup>7</sup> Correspondente aos quatro primeiros anos do ensino fundamental.

que no meio rural as escolas isoladas permaneceram por muito mais tempo. O grupo escolar era denominado, também, de escola graduada, pois reunia os alunos em turmas seriadas, compostas por vários alunos, de acordo com a idade, acompanhadas de um professor. “Até então a gradação dos conhecimentos não previa uma idade ideal de aprendizagem, nem pressupunha uma paridade entre os vários saberes escolares (VIDAL, 2005, p. 145). Logo, a escola primária foi renovada, com novas finalidades e diferente concepção educacional e organização do ensino.

A escola graduada fundamentava-se essencialmente na classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos supostamente homogêneos, implicando a constituição das classes. Pressupunha também, a adoção do ensino simultâneo<sup>8</sup>, a racionalização curricular, controle e distribuição ordenada dos conteúdos e do tempo (gradação dos programas e estabelecimento de horários), a introdução de um sistema de avaliação, a divisão do trabalho docente e um edifício escolar compreendendo várias salas de aula e vários professores. O modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos da racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe, um professor (SOUZA, 2006, p. 114).

Com a criação do grupo escolar em 1893, houve o início da profissionalização do magistério primário, proporcionando à mulher uma profissão e a valorização social dos professores e professoras, consagrando-os como profissionais da educação. Conforme Souza (1998), devido ao destaque imputado à educação popular neste período, constituiu-se representações em relação à profissão docente, considerando o professor portador de uma nobre missão cívica e patriótica, responsável pela formação do povo e reformador da sociedade.

Durante a Primeira República, diante das perspectivas de um desenvolvimento social e econômico, houve a necessidade da expansão quantitativa de escolas para acompanhar o crescimento populacional, integrando os imigrantes à vida nacional, escolarizando as zonas novas, criadas pela expansão cafeeira e propondo aprimorar o nível escolar do proletariado (BETTINI, 2000). No estado de São Paulo, a ascensão da cultura cafeeira projetava um desenvolvimento econômico que se vinculava à crescente urbanização, em que os grupos escolares representavam um fator de modernização educacional e cultural. Por toda parte onde o grupo escolar foi implantado, este novo modelo de escola primária era instituído como símbolo de modernização do ensino, em sintonia com expectativas em relação ao desenvolvimento social e econômico (SOUZA, 1998; 2006).

---

<sup>8</sup> Ensino simultâneo refere-se ao modo de organização pedagógica em que um professor se dedica a ensinar, ao mesmo tempo, um grupo de alunos (SAVIANI, 2008, p. 190).

Para Saviani (2006), o grupo escolar contribuiu para a seleção e formação das elites e somente a partir da reforma de 1920 ocorreu a imersão da educação popular. De fato, conforme Souza (1998), o povo era o destinatário das iniciativas do governo republicano e logo, em pouco tempo, grande parte deste povo estava sem acesso à escola, enquanto uma parcela da sociedade era privilegiada por ela.

O perfil da população atendida nos primeiros grupos escolares era heterogêneo, provenientes de vários setores sociais – classe média, profissionais liberais, camadas populares e filhos de trabalhadores urbanos bem inseridos no mercado de trabalho, além de filhos de pais estrangeiros. Estavam fora dessas escolas os negros, os pobres e os miseráveis. Os negros, assim como eram efetivamente marginalizados do trabalho e na vida social, estavam excluídos da educação, no entanto, nas fotografias de turmas de alunos como se vê nas figuras 25, 32 e 47, é possível identificar uma ou outra criança negra. Essas crianças entravam tardiamente na escola, com cerca de 8 ou 9 anos de idade, contudo, havia a presença de alunos com 12, 13 e 14 anos no 1º ano do curso primário.

Com o surgimento do grupo escolar iniciou-se a produção de uma nova cultura escolar, sendo esta responsável por uma nova organização do trabalho e pela distribuição interna do poder dentro da escola (SOUZA, 1998). Exigia-se uma rígida disciplina dos alunos – assiduidade, higiene, ordem, obediência. O tempo escolar passou a ser controlado por meio do calendário. Num mesmo prédio funcionavam escolas do sexo masculino e do feminino, com separação total dos sexos. O ensino primário era ministrado em quatro anos, incluindo um programa<sup>9</sup> que proporcionava uma educação integral: física, intelectual e moral. A partir de 1971, essas escolas perderam a denominação de “grupos escolares”, tendo o currículo de ensino sido alterado, passando a atender as instituições de primeiro grau<sup>10</sup> (BRASIL, 1971).

Em Limeira, a emergência da República cria o seu primeiro grupo escolar<sup>11</sup> em 1901, funcionando provisoriamente na residência cedida pelo Coronel Flávio Ferreira de Camargo e, a partir de 1907, iniciou suas atividades em prédio próprio (BETTINI, 2000). No entanto, nos primeiros anos do século XX, à medida que a sociedade brasileira se

---

<sup>9</sup> Compreendiam, pois: leitura e princípios de gramática, escrita e caligrafia, contar e calcular sobre números inteiros e frações, geometria prática (taquimetria) com as noções necessárias para as suas aplicações à medição de superfície e volumes, sistema métrico decimal, desenho a mão livre, moral prática, educação cívica, noções de geografia geral, cosmografia, geografia do Brasil especialmente do Estado de São Paulo, noções de ciências físicas, químicas e naturais, nas suas mais simples aplicações, especialmente à higiene, história do Brasil e leitura sobre a vida dos grandes homens da história, leitura de música e canto, exercícios ginásticos e militares apropriados à idade e ao sexo. Um programa enciclopédico para uma escola laica e republicana (SOUZA, 1998, p. 172).

<sup>10</sup> Atual ensino fundamental (BRASIL, 1996).

<sup>11</sup> Denominado Grupo Escolar “Cel. Flávio Ferreira de Camargo”.

industrializa, novos grupos populacionais são absorvidos pelo mercado de trabalho urbano, tornando-a cada vez mais urbanizada (TOMAZI, 1997). Nesta época, em Limeira, a constante evolução do município, devido ao amplo desenvolvimento do comércio, das indústrias de máquinas de café, arroz, chapéus e outros produtos, bem como a expansão da produção de laranja<sup>12</sup>, no início da década de 1930, divulgaram, além das fronteiras do município, a fama de um grande progresso e qualidade de vida, o que atraiu famílias de várias regiões do país. O município encontrava-se em processo de acentuado desenvolvimento. Foi um momento de orgulho para os limeirenses, entretanto, não houve tempo para o crescimento proporcional de alguns setores como o da Educação<sup>13</sup>.

Nesse período o Grupo Escolar “Cel. Flamínio Ferreira de Camargo” não mais suportava a ampliação da demanda por educação, deixando de realizar várias matrículas por falta de vagas, o que levava vários pais a não tentarem matricular suas crianças<sup>14</sup>. Esse aumento de matrículas para o grupo escolar decorreu do crescimento significativo da população urbana em função da substituição da economia agrária pela industrial, na qual “os imigrantes constituem categoria fundamental na alavanca do processo de industrialização, quer como pequenos comerciantes ou proprietários de pequenas fábricas de produtos de consumo, quer como operários nas ainda incipientes fábricas de maquinário agrícola” (BETTINI, 2000, p. 87).

A instrução primária gratuita tornou-se uma necessidade urgente e inadiável. Por isso, devido a essa situação, a população reivindicava a criação de um segundo grupo escolar. Diante da necessidade imediata em construir um novo grupo escolar na cidade, a Prefeitura de Limeira, em 1934, em entendimento com o Governo do estado de São Paulo, solicita a devida permissão para ceder ao Estado a Praça José Bonifácio, como local para ser construído esse novo estabelecimento de ensino<sup>15</sup>. No mês seguinte, por meio de parecer do então Conselho

---

<sup>12</sup> É dessa época a denominação de Limeira como ‘Capital da Laranja’ (BETTINI, 2000, p. 31)

<sup>13</sup> A estruturação educacional nesse período – década de 1930 – possuía uma perspectiva classista muito evidente: para os filhos das elites e classes médias propunha um secundário com currículo que apresentava um conteúdo muito rico e propiciava uma sólida base de cultura geral e humanística, como também de ciências, e tinha por finalidade conduzi-los ao ensino superior; para os filhos das classes trabalhadoras, o ensino secundário profissionalizante (industrial, comercial, agrícola) e o Normal (Magistério), que preparava professores para o primário. Para a Universidade, apenas os que possuíam maior base propedêutica tinham acesso, pois recebiam um ensino quase direcionado para essa alternativa (TOMAZI, 1997). Importa aqui perceber que Limeira, como centro urbano, tem em seu bojo um número significativo de imigrantes, colocados no interior das fábricas como operários e aqueles que saíram da colônia Ibicaba com saldo e que se estabeleceram com pequenos comércios (BETTINI, 2000, p. 33).

<sup>14</sup> Arquivo do jornal “O Limeirense”, Limeira (1934).

<sup>15</sup> Ofício nº 887 de 25 de setembro de 1934. Livro copiador de cartas e ofícios. Arquivo da Prefeitura Municipal de Limeira.

Consultivo do Estado, a prefeitura de Limeira ficou autorizada a ceder ao Governo Estadual parte do terreno da praça, para que nele fosse erguido o prédio do novo grupo escolar<sup>16</sup>.

Após várias solicitações da população, por intermédio de sua representante, a prefeita Maria Thereza Silveira de Barros Camargo, Limeira conquistou o seu segundo grupo escolar, criado pelo Interventor Federal Interino do Estado, Marcio Pereira Munhoz em 28 de setembro de 1934<sup>17</sup>, sendo instalado em 1935. E em 4 de outubro de 1934 Limeira teve seu comércio paralisado das 12h30min às 16h, para que toda sociedade limeirense pudesse participar das festividades de lançamento da primeira pedra do edifício do “Segundo Grupo Escolar”<sup>18</sup>.

Era 30 de outubro de 1934, o prefeito interino de Limeira, o professor José Marciliano da Costa Júnior, solicitou à Secretaria de Educação e Saúde Pública do Estado providências para a construção do grupo escolar, de modo que este fosse iniciado com brevidade, pois um grande número de crianças estava sem acesso à instrução primária. Para abreviar a construção, a prefeitura municipal informou ao Governo do Estado que em Limeira havia pessoas interessadas na construção do prédio do “Segundo Grupo Escolar”, prontificando-se a iniciá-lo e concluí-lo, financiando para pagamentos em longo prazo. Além de questões educacionais, a prefeitura municipal justificou, também, que o início das obras melhoraria a própria estética urbana local. Em fevereiro de 1935, durante a gestão do prefeito municipal Gumercindo Godoy, nada ainda havia sido feito, exceto a demarcação do terreno para a construção do prédio. Durante o restante deste ano, fora a única ação feita, relativa à construção do grupo escolar.

Souza (1998) aborda que a expansão dos grupos escolares no estado de São Paulo nas primeiras décadas republicanas foi lenta, e que as dificuldades na implantação dos grupos escolares não se restringiam apenas à escassez de recursos financeiros em virtude do aumento da demanda sempre crescente por educação, construção de prédios escolares, remuneração dos professores e para equipar as escolas, mas também se relacionava a dificuldades pedagógicas, como execução do programa, a aplicação do método intuitivo<sup>19</sup>, a questão da seletividade e a baixa produtividade das escolas em termos de aprendizagem, em especial a alfabetização do 1º ano: problemas perenes do ensino público paulista.

---

<sup>16</sup> Parecer de 30 de outubro de 1934. Arquivo da Prefeitura Municipal de Limeira.

<sup>17</sup> Decreto nº 6.708 de 28 de setembro de 1934, publicado em 29 de setembro de 1934. Arquivo do Diário Oficial do Estado de São Paulo.

<sup>18</sup> Ofício nº 891 de 03 de outubro de 1934. Livro copiador de cartas e ofícios. Arquivo da Prefeitura Municipal de Limeira.

<sup>19</sup> Consistia na valorização da intuição como fundamento de todo o conhecimento, isto é, a compreensão de que a aquisição dos conhecimentos decorria dos sentidos e da observação (SOUZA, 1998, p. 159).

Os primeiros professores do Segundo Grupo Escolar de Limeira, removidos do Grupo Escolar “Cel. Flamínio Ferreira de Camargo”, com princípio de exercício em 08 de maio de 1935, e seus respectivos períodos e turmas, foram<sup>20</sup>:

1º Período: 8h as 11h.

Nestor Martins Lino: 3º Ano A “Masculino”.

Antonio Alves de Oliveira: 3º Ano B “Masculino”.

Lázaro Cabral de Vasconcellos: 4º Ano A “Masculino”.

Júlio Ramos da Silva: 4º Ano B “Masculino”.

2º Período: 11h10min as 14h10min.

Maria Pinto Sampaio: 1º Ano A “Masculino”.

Bessie Edith Vogel: 1º Ano B “Masculino”.

Andréa da Silva Ramos: 2º Ano A “Masculino”.

Ermelinda de Arruda Pinto: 1º Ano A “Feminino”.

Maria Aparecida Leme Franco: 2º Ano A “Feminino”.

3º Período: 14h20min as 17h20min.

Clara Monzoni Lang: 2º Ano B “Feminino”

Finalmente, em 8 de maio de 1935, instalou-se o Segundo Grupo Escolar de Limeira, sendo realizadas as matrículas e o início das aulas das primeiras turmas. Entretanto, os alunos estudariam em salas de aula cedidas pelo Grupo Escolar “Cel. Flamínio Ferreira de Camargo”. O estabelecimento de ensino constituiu-se, inicialmente, de dez classes, divididas em três turnos com duração de três horas cada e um total de 381 alunos – sendo 266 masculinos e 115 femininos. E, posteriormente, também funcionou em mais salas cedidas pelo Colégio Santo Antonio<sup>21</sup>, pois ainda não havia iniciado a obra de construção do grupo escolar, situação esta que perdurou até início de 1939. Diante do números de aluno por gênero e da relação das classes no ano de 1935, na qual das 10 classes, tem-se 70% masculinas e apenas 30% femininas, evidencia que a diferença entre o número de meninos e meninas nesse grupo escolar era grande.

<sup>20</sup> Decreto de 30 de abril 1935, publicado em 01 de maio de 1935. Arquivo do Diário Oficial do Estado de São Paulo.

<sup>21</sup> Local onde atualmente situa-se a Escola Estadual “Professor Ely de Almeida Campos”.

As atividades nesse novo grupo escolar começaram com a orientação do Sr. José Henrique de Paula e Silva, inspetor escolar e, posteriormente, foi nomeado para seu primeiro diretor efetivo o Sr. José Candido Júnior, que assumiu o exercício em 10 de agosto de 1935.<sup>22</sup>

Por escritura<sup>23</sup> de doação de 15 de abril de 1936, das notas do 6º Tabelião de São Paulo “Virgílio Pompeu de Campos Toledo”, a Prefeitura de Limeira transferiu ao Governo do estado de São Paulo o imóvel (Praça José Bonifácio), com área de 8.200 m<sup>2</sup>, confrontando com as ruas Dr. Trajano de Barros Camargo, Primeiro de Março (atualmente, Presidente Roosevelt), Sete de Setembro e Barão de Campinas, avaliado em Cr\$ 2.000,00. No entanto, mesmo havendo pessoas dispostas a financiar a construção do grupo escolar, na expectativa de aumentar o acesso de crianças ao ensino primário, questões políticas retardaram o início e o término das obras. Como esclarece Souza (2001), a situação não era diferente em outros centros urbanos do Estado, que enfrentou durante décadas o problema político e econômico das construções escolares.

A partir do relato de Trajano de Barros Camargo Filho, pode-se evidenciar essa situação:

[...]. Diante disso, foi criado o Segundo Grupo Escolar de Limeira. Foi feita a concorrência pública e a firma que venceu a concorrência estava aguardando o Governo liberar as verbas para que o grupo escolar fosse construído. Nesse tempo, a política contrária a minha mãe, do Partido Republicano Paulista, do Major José Levy Sobrinho, fez um artigo dizendo que “esse grupo escolar só seria para os nossos netos”. Minha mãe, em vista disso contactou a firma que havia vencido a concorrência estabelecendo um acordo; de que iniciasse a construção do grupo escolar, que ela se responsabilizaria pelas despesas até que viesse a verba. Assim foi a primeira fase do Grupo Escolar Brasil; foi criado e iniciado a sua construção. Nesse período mudou o interventor do Estado, saindo o Dr. Armando de Salles Oliveira e sendo nomeado, Adhemar Pereira de Barros, e como era muito amigo do Major Levy, atendeu a um pedido do Major e interrompeu sua construção. Mais tarde, ao fim da gestão de Adhemar Pereira de Barros e sendo nomeado outro interventor, a construção do grupo escolar foi retomada. O Grupo Escolar Brasil teve essa fase inicial difícil, a divisão política era muito grande e minha mãe sempre atenta a esses problemas da cidade, conseguiu com que fosse construído e transformado nesse belo estabelecimento que é hoje. [...]<sup>24</sup>

Apenas em 1936, por meio do antigo Departamento de Obras Públicas (DOP) foi elaborado o projeto de construção do prédio, tendo como arquiteto responsável, Afonso Lervolino (SÃO PAULO, 2010), iniciando as obras de construção.

<sup>22</sup> Decreto de 06 de agosto de 1935, publicado em 07 de agosto de 1935. Arquivo do Diário Oficial do Estado de São Paulo.

<sup>23</sup> Livro 3D, de Transcrição de Imóveis, p.2, sob nº. 2.285. Arquivo da Prefeitura Municipal de Limeira

<sup>24</sup> Relato de Trajano de Barros Camargo Filho – filho de Maria Thereza Silveira de Barros Camargo, 2007.



**Figura 2.** Cadeia, Fórum e Câmara Municipal. Fonte: Arquivo do Jornal Gazeta de Limeira.

Anteriormente à construção do edifício do Segundo Grupo Escolar de Limeira, situava-se à Praça da Bandeira, que mais tarde recebeu a denominação de Praça José Bonifácio<sup>25</sup>, um prédio onde funcionaram, até o ano de 1911, a Cadeia, o Fórum e a Câmara Municipal (Figura 2). Ele possuía cárceres no andar térreo, salas para serviços municipais e um grande salão de 18m x 7m para as reuniões da câmara municipal e as sessões do tribunal do júri, no andar superior (BUSCH, 2007). Visualizando a fachada do edifício pode-se constatar as grades nas janelas do pavimento inferior, evidenciando a natureza de sua função.

Logo após a desativação do prédio, ocorreu a sua demolição, cujo local seria construído, muitos anos depois, o Segundo Grupo Escolar de Limeira. Comparando a fotografia do prédio demolido (Figura 2) com a região central do futuro prédio do grupo escolar (Figura 3), apesar da semelhança no formato, é possível evidenciar que são de naturezas distintas, pois apresenta diferença no nível de elevação e nas medidas de suas dimensões. O prédio do grupo escolar apresenta-se muito mais elegante e grandioso.

Neste episódio, a mesma praça que em outro tempo acolheu um dos prédios mais importantes da cidade, lugar de justiça, com a deliberação, criação e execução de leis e sentenças, cede espaço para a emersão de um prédio tão significativo e respeitável quanto o seu antecessor: o da Educação.

---

<sup>25</sup> Lei 489 de 12 de novembro de 1947, publicado em 13 de novembro de 1947. Arquivo do Diário Oficial do Estado de São Paulo.

### 2.1.2. Arquitetura escolar

A Escola Estadual Brasil, atualmente, é constituída por dois prédios: um deles construído em 1939 e o outro em 1994. Os prédios situam-se na região central da cidade, num quarteirão onde antes era ocupado por uma praça, restando apenas um largo (Figura 3) na parte frontal do prédio velho. A analogia desses edifícios escolares denuncia os contrastes entre a arquitetura escolar em diferentes tempos, de forma a confrontar o passado e o presente.



**Figura 3.** Grupo Escolar Brasil, 1954. Fonte: Acervo de Felipe Asbahr.

O edifício do Segundo Grupo Escolar de Limeira (Figura 3), fundado em 1939, representa resquícios da concepção arquitetônica dos grupos escolares implantados no estado de São Paulo. O prédio caracteriza-se por possuir uma planta retangular, com algumas subtrações e adições laterais, sendo a parte central do prédio constituído por dois amplos pavimentos, complementado por um pavimento em cada lateral, além de um porão alto ao longo de todo o edifício. Por ocupar um quarteirão completo da cidade, conforme é visualizado na figura 4, possibilita uma visualização por inteiro, permitindo vários acessos. Ele destaca-se por sua altura, beleza e grandeza, sendo construído de alvenaria de tijolos, com paredes bem espessas, cujo centro da fachada principal, voltada para o largo<sup>26</sup>, apresenta-se saliente em relação ao restante do prédio, sendo constituída por platibanda na qual está

<sup>26</sup> Largo José Bonifácio: parte restante da Praça José Bonifácio, decorrente da construção do edifício do 2º Grupo Escolar de Limeira.

inserida um óculo<sup>27</sup> centrado em sua parte superior, um conjunto de três janelas em cada sala de seu respectivo pavimento, sendo a parte superior das janelas centrais do pavimento acima de formato em semicírculo e todas as demais em formatos retangulares, além de uma grande porta em metal, madeira e vidro e ornamentos em simetria com as demais partes de seu conjunto.

Analisando as figuras 3, 6 ou 13, verifica-se que o acesso principal ao interior do edifício faz-se por uma grande escadaria, situado na fachada frontal, destacando a diferença de nível e as possibilidades de elevação e observação – características que impressionam a população, demonstrando a sua imponência, respeito e credibilidade. Há em cada lateral do prédio, dois portões, permitindo o acesso à área interna do prédio. Outros três acessos ao interior do prédio são feitos a partir da área interna, sendo uma entrada central, o acesso ao porão baixo e outras duas entradas laterais, de acesso ao primeiro pavimento. A existência dessas entradas laterais separadas justifica-se devido à divisão sexual do espaço escolar, vinculada a uma concepção moral vigente na ocasião de sua implantação.

Na área livre do terreno, como pode ser identificado no canto esquerdo da figura 3, havia um galpão – pátio coberto – constituindo um volume à parte do prédio escolar, apresentando o formato em “U”, na qual abrigava as crianças do sol e da chuva, durante o início e o término dos períodos e do recreio, possuindo, também, em parte dele, um jardim. O exterior do edifício era separado das ruas que o cercavam por um pequeno muro delimitando a sua parte interna (Figura 3), constituída por uma área aberta e um pátio coberto. Nesta época, o muro já havia sido transposto, acompanhando a fachada frontal do prédio e proporcionando uma área livre maior, pois como é destacado no ano de 1941 (Figura 13), o muro era continuidade da lateral do prédio, restringindo o espaço de sua área interna.

Nas primeiras décadas do século XX, as primeiras edificações escolares eram suntuosas, monumentais, buscando a visibilidade dos pontos mais importantes e centrais das cidades (MARCÍLIO, 2005). De acordo com Buffa e Pinto (2002), a determinação do terreno para a implantação do grupo escolar era criteriosa, sendo situado em regiões nobres, cujo significado no tecido urbano era reconhecido pela imponência e pela localização em quadras inteiras ou grandes lotes de esquina, proporcionando uma visualização completa do edifício e permitindo múltiplos acessos. Souza (1998) complementa que o grupo escolar pressupunha não apenas um edifício de grandes dimensões para abrigar várias salas de aula, como também outros espaços diferenciados que atendessem às novas necessidades administrativo-

---

<sup>27</sup> Elemento de arquitetura, sendo uma abertura na fachada ou no interior que pode ser redonda ou de outras formas, localizada geralmente acima de uma abertura principal.

pedagógicas: gabinete para diretoria, sala para arquivo, portaria, depósito, biblioteca, laboratórios, oficinas para trabalhos manuais, ginásio, anfiteatro e pátios para recreio.



**Figura 4.** Grupo Escolar Brasil em destaque, década de 1940. Fonte: Acervo de Nelson Petto.

Em detalhe, na figura 4, durante a década de 1940, o Segundo Grupo Escolar de Limeira pode ser avistado ocupando um quarteirão completo na região central da cidade. Em meio às demais construções e as áreas verdes predominantes neste período, ressalta-se o prédio do grupo escolar, reafirmando sua identidade, diferenciando e acentuando o contraste com as demais construções em seu entorno, pois, excluindo outros poucos prédios públicos, como o do Grupo Escolar “Cel. Flamínio Ferreira de Camargo” e alguns templos religiosos, a maioria dos prédios residenciais e comerciais eram em apenas um pavimento e de arquitetura modesta. Em relação à localização do grupo escolar nas cidades do interior, Souza (1998) relata que:

[...] o grupo escolar encontrava-se localizado, geralmente, no centro do núcleo urbano ou em suas imediações, ocupando na trama urbanística um lugar de destaque ao lado de outras instituições públicas: a igreja, a coletoria, o correio, a Câmara Municipal, o que denota o grau de importância desses estabelecimentos (SOUZA, 1998, p. 126).



**Figura 5.** Silmara Maria Barana e sua professora Maria Magdalena Arruda Vasconcellos em uma das escadarias laterais de acesso entre a área livre interna e o interior do prédio velho da Escola Estadual Brasil – pré-escola, 1971. Fonte: Acervo de Silmara Maria Barana.

Para o acabamento do edifício escolar foram utilizados materiais sofisticados e importados, tal como os degraus das escadarias que dão acesso entre um pavimento e outro, feitos em mármore italiano, como mostra a figura 5. As janelas são de metal, grandes, estreitas e na forma vertical, garantindo a ventilação e a iluminação dos ambientes, todo o piso nas áreas secas em madeira e nas áreas molhadas de ladrilho, o forro e as portas originais também feitos em madeira e o telhado em telha cerâmica (Figura 3). Nesta típica fotografia da aluna com a sua professora da pré-escola (Figura 5), possivelmente uma das primeiras fotos de várias outras que se sucederam, assim como os sorrisos durante o registro da cena, a escolha pelo cenário não deve ser uma mera coincidência. Afinal, para resplandecer uma situação da vida escolar tão significativa para a aluna, nada mais representativo para compor a cena do que aspectos da requintada fachada do prédio. Conforme Monarcha (1999, p. 230), os grupos escolares têm “aspecto magnificante e frequentemente representam o melhor edifício de uma determinada região da capital ou cidade do interior”.

Como se pode observar, algumas imagens fotográficas (Figuras 3, 6 e 13) destacam, em plano principal, apenas o edifício, abstraindo a arquitetura das relações sociais. Em outras, alunos e professores compõem a sua estrutura (Figuras 5, 14 e 15). Fotografias como essas

denotam a escola enquanto lugar, como uma instituição digna de ser destacada e lembrada, seja por sua beleza estética ou pelo seu significado sociocultural. Percebe-se na figura 6 que, devido às características específicas de sua arquitetura, o prédio do grupo escolar é facilmente identificável na paisagem urbana em relação a sua função, de modo que, quem o vê imediatamente o relaciona com uma instituição de ensino, sendo, também, um referencial de localização à população, já que distingue visualmente dos demais prédios.

A partir de toda a estrutura e detalhes físicos do edifício escolar, pode-se avaliar a riqueza material nele aplicada, expressando a importância e o prestígio que a escola pública representava para a sociedade, sendo uma instituição símbolo de respeito e poder, ou seja, o valor simbólico do prédio escolar relacionava-se à sua configuração externa, em que a existência e a qualidade da escola estavam condicionadas às características do prédio. Para Sales (2000, p. 263) o “prédio escolar, enquanto signo semiótico dotado de valor simbólico, exerce uma forte influência no julgamento que a sociedade faz sobre o nível de ensino das escolas e de seus egressos”.

A arquitetura dos grupos escolares representava perante a sociedade, além da valorização da escola primária, satisfazendo um objetivo educativo fundamental na época, para o êxito da educação, uma aspiração estética, símbolo de progresso e de realizações públicas. Para Souza (1998, p. 124), toda a monumentalidade que revestiu as construções dos grupos escolares revelou o desejo do Estado em propagar e divulgar as ações do Governo, em que “a arquitetura escolar haveria, pois, de simbolizar as finalidades sociais, morais e cívicas da escola pública. O lugar de formação do cidadão republicano teria que ser percebido e compreendido como tal”.

O aspecto arquitetônico da fachada desse edifício escolar, como também de todo o seu conjunto (Figura 6), aproxima-se com o estilo da linguagem neocolonial – muito utilizado nas primeiras décadas do século XX nas instituições educacionais do Brasil. A arquitetura dos prédios escolares construídos atendia a um programa arquitetônico característico aos ideais pedagógicos legitimados no período. Dentre as concepções pedagógicas da época, destacam-se a Pedagogia Tradicional e a Pedagogia Nova.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> A denominação “concepção pedagógica tradicional” ou “pedagogia tradicional” foi introduzida no final do século XIX com o advento do movimento renovador que, para marcar a novidade das propostas que começaram a ser veiculadas, classificou como “tradicional” a concepção até então dominante. Assim, a expressão “concepção tradicional” subsume correntes pedagógicas que se formularam desde a antiguidade, tendo em comum uma visão filosófica essencialista de homem e uma visão pedagógica centrada no educador (professor), no adulto, no intelecto, nos conteúdos cognitivos transmitidos pelo professor aos alunos, na disciplina, na memorização (SAVIANI, 2008, p. 169). Contrapondo-se à concepção tradicional, a concepção pedagógica renovadora ancora-se numa visão filosófica baseada na existência, na vida, na atividade. Não se trata mais de encarar a existência humana como mera atualização das potencialidades contidas na essência. [...] a educação

A busca por uma arquitetura escolar nacional encontrou, nas construções do período colonial brasileiro, inspiração para romper com o passado. Essa nova tendência estilística se concretizou através do estilo que ficou conhecido como neocolonial, que surge em meio ao embate político educacional da época (década de 20) entre Escola Nova *versus* Escola Tradicional, ou Pedagogia Nova *versus* Pedagogia Tradicional (SALES, 2000, p. 56).



**Figura 6.** Grupo Escolar Brasil, 1956. Fonte: FERREIRA, 1957.

Novamente, pode-se contemplar, na figura 6, a beleza e a majestade da composição arquitetônica do grupo escolar. O prédio continua o mesmo, o que mudou foi a sua área externa. A sua frente, avistamos um largo que começa a receber vida, onde crescem dezenas de árvores e outras plantas. Essas árvores, que nessa época praticamente não eram percebidas, no futuro, como vemos na figura 7, superariam a grandeza do grupo escolar, obscurecendo e ocultando sua fachada principal. Algo interessante, percebido nas figuras 3, 6, 7 e 13, é que todas elas a fachada da escola foi fotografada sob um mesmo ângulo.

No decorrer da história, a escola sofreu influências e transformações, tanto pedagogicamente quanto arquitetonicamente. O processo de transformação urbana e econômica, somados ao crescimento demográfico, como também os novos preceitos pedagógicos, culminaram na necessidade quantitativa de escolas, com arquitetura simples e de características mais funcionais, básicas e baratas, implicando no processo de construção de

---

passa a centrar-se na criança. Do ponto de vista pedagógico, o eixo deslocou-se do intelecto para as vivências; do lógico para o psicológico; dos conteúdos para os métodos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; da direção do professor para a iniciativa do aluno; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada na biologia e na psicologia (SAVIANI, 2008, p. 167-168).

novas escolas, como o novo edifício da Escola Estadual Brasil, na figura 8, cuja construção concluiu-se em 1994.



**Figura 7.** Largo José Bonifácio, 2005. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Essa nova natureza de arquitetura das escolas pode ser um elemento decisivo no momento da escolha para a matrícula dos filhos, pois de acordo com Sales:

O aspecto exterior de uma escola tem como ponto de vista principal sua fachada arquitetônica. A edificação que abriga uma escola pode ser comparada com a roupa ou a beleza de uma pessoa, a aparência de ambas pode ser fator determinante de escolhas ou preferências (SALES, 2000, p. 15).

O prédio em destaque na figura 8 caracteriza-se com a linguagem da arquitetura moderna<sup>29</sup>, possuindo a forma de um paralelepípedo e apresentando pilares, vigas e brises<sup>30</sup> em concreto aparente, além de um desenho de fachada muito reto e simples. O edifício foi construído no mesmo quarteirão do outro prédio, em local paralelo a ele, e como mostra a figura 9, o acesso entre os dois prédios se faz por via superior, por meio de uma passarela, unindo o andar térreo do prédio velho com o 1º andar do prédio novo e por uma via inferior, unindo o porão do prédio velho com o andar térreo do prédio novo.

<sup>29</sup> O estilo neocolonial rapidamente perdeu espaço para o modernismo arquitetônico, sendo que na década de 30 este último torna-se o estilo predominante (SALES, 2000, p. 59).

<sup>30</sup> Placas horizontais e verticais em sua lateral, a fim de evitar a incidência de raios solares em seus ambientes.



**Figura 8.** Edifício novo da Escola Estadual Brasil, 2002. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

O edifício novo (Figura 8) possui três pavimentos e um porão ocupando quase a metade de sua planta, e o térreo é composto por um pátio<sup>31</sup>, e pelo palco, como aparece na figura 40, situado entre os sanitários: masculino e feminino. Para a sua edificação foi utilizado o processo construtivo pré-moldado de concreto, constituído por componentes pré-fabricados, com colunas, vigas e lajes de concreto, em painéis pré-moldados sem revestimentos e possuindo instalações aparentes. Suas janelas são amplas, no formato horizontal e a construção, em duas de suas fachadas mais extensas, faz-se o uso de brises.

As obras de construção desse novo edifício escolar iniciaram-se em 1992, fato inesquecível para quem o testemunhou, já que tiveram suas rotinas cotidianas transformadas.

[...] derrubaram o velho galpão, cercaram todo o pátio e começaram a construir o prédio novo. Ficávamos todos na janela observando e acompanhando a construção, maravilhados com o trabalho dos operários e das máquinas que colocavam os blocos pré-moldados, embora tenha havido redução no tempo do recreio e o barulho o dia todo. Foram dois anos para a finalização da obra, tendo sido inaugurado em 1994.<sup>32</sup>

Observando os dois prédios da escola, o antigo e o novo (Figuras 3, 8 e 9), pode-se avaliar, visualmente, o quanto os novos edifícios diferem em beleza e em qualidade material. Os defensores da Escola Nova, como relata Sales (2000), primavam que uma boa educação

<sup>31</sup> Neste prédio, o pátio coberto é incorporado ao ambiente da escola.

<sup>32</sup> Relato de Tiago Fernando Valentim – aluno de 1992 a 2002, 2007.

era direito de todos e para que isso acontecesse seria preciso uma arquitetura adequada – uma arquitetura para progressos pedagógicos e não para fins estéticos e publicitários.



**Figura 9.** Prédio novo à esquerda (1994) e prédio velho à direita (1939) da Escola Estadual Brasil, 2002. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

O que atualmente se percebe, são edificações de prédios escolares sem uma arquitetura específica que os caracterize, construídos em apenas um pavimento e em bairros periféricos. O muro, elemento que, simbolicamente, delimitava o interior do prédio com a rua, de estatura baixa como visualizamos nas figuras 3 e 6, com o decorrer do tempo somos surpreendidos com o seu tamanho, pois atualmente encontra-se cada vez mais elevado, impossibilitando a visualização das fachadas dos edifícios escolares. Na figura 7, apesar das árvores dificultarem a visualização, é possível observar por entre elas o aumento no nível do muro. Assim, o muro da escola adquire um caráter muito mais material, como um obstáculo, isolando-a do exterior do quarteirão, da rua, da praça, do bairro, assumindo a função de proteção, devido à situação atual de violência, para a preservação da segurança de alunos, de profissionais da educação e do patrimônio escolar. O aspecto externo ao muro remete muito mais a uma unidade prisional do que a uma unidade de ensino. E, ao contrário de uma cadeia, que aprisiona os que estão dentro, o muro elevado da escola encarcera os que estão fora dela, restringindo o acesso à área interna do prédio.

O aumento na demanda por construção de escolas resultou, de forma inversamente proporcional, na qualidade material e na beleza estética dos novos prédios, pois, concomitante à popularização da escola, permitindo o acesso de todas as classes sociais, houve a necessidade quantitativa de prédios escolares, em curto prazo de tempo e a um baixo custo material. Com isso, iniciou-se o processo de vulgarização e desvalorização da escola, deixando-se de ser referência e revelando a perda de seu prestígio. Conforme Sales (2000) existe um caráter de reciprocidade na relação entre a qualidade da escola e sua forma arquitetônica:

O valor simbólico de um prédio escolar está relacionado com o valor social atribuído aos códigos emitidos por sua forma arquitetônica que, por sua vez, está atrelada ao valor atribuído ao tipo de escola associado à sua forma arquitetônica (SALES, 2000, p.261).

Logo, a arquitetura contemporânea de um edifício escolar não obedece mais aos modelos de escola do final do século XIX e da primeira metade do século XX, historicamente, resultante, de concepções pedagógicas, políticas e socioeconômicas configuradas ao longo do tempo.

No entanto, ainda, no mundo contemporâneo, para que um prédio escolar seja aceito e valorizado socialmente, ele deve apresentar estrutura física grande, área de lazer, conforto, segurança, boa aparência, sinais de modernidade ou de tradicionalidade, como também, apresentar em sua fachada símbolos que lembrem as escolas confessionais, não sendo construídos em espaços geográficos desvalorizados, como a periferia e bairros pobres, nem ser edificado com materiais pouco valorizados socialmente (SALES, 2000). A popularização da educação acompanha a popularização dos edifícios, não mais suntuosos e magnânimos, mas simples e baratos. Além de mostrar que há uma concepção de educação que não persiste mais pela construção suntuosa, mas na universalização do acesso, isto quer dizer que se precisa muito mais construir escolas baratas e de forma rápida – perceba a demora, todo o *imbróglio*, para a construção do prédio antigo da Escola Brasil – para que todos tenham acesso.

Lembra a fotografia da menina com a professora, na figura 5, bem parece toda feliz diante da escadaria em mármore importado, como a mostrar a imponência e a grandiosidade, não do prédio, mas do que acontecia ali, o processo educacional. E a figura 3, fachada do prédio antigo, foto de 1954. Aquela foto mostra toda a força do prédio, que nada mais é do que a força e a grandiosidade da educação, como também a marca da força de um órgão público.

Este poder, esta grandeza, esta beleza, esta suntuosidade, não mais existe no prédio novo, que mais parece uma caixa de receber gente, todo quadrado, sem sinuosidade, sem curvas, que revela na sua forma a nova concepção educacional, advindo de uma necessidade de aumento de vagas, mas também de uma vulgarização e perda de prestígio por parte da educação no processo educacional. Ou seja, um aspecto positivo e um negativo.

### **2. 1.3. Primeiro dia de aula no prédio do grupo escolar.**

As aulas no prédio do 2º Grupo Escolar iniciaram apenas em março de 1939, durante as obras finais de conclusão, pois o Colégio Santo Antonio seria reaberto e o 2º Grupo Escolar ficaria sem as salas que lá ocupava. Alunos que iniciaram o ensino primário em 1939, no Segundo Grupo Escolar, explicaram com detalhes onde foram seus primeiros dias de aulas:

Em 1939 começamos a estudar no “Clube dos Pretos” – Grêmio Recreativo Limeirense –, prédio localizado na esquina entre as ruas Barão de Cascalho e rua Tiradentes, pois o grupo escolar estava sendo construído e o Colégio Santo Antonio também havia emprestado algumas salas e fomos para lá. E quando aprontaram o porão do grupo escolar começamos a estudar nele, mas as obras ainda continuaram.<sup>33</sup>

Jorge Aliberti estudou no prédio do Segundo Grupo Escolar de 1939 a 1942 e até hoje guarda com muito zelo e carinho todos os cadernos desse período, e por meio de um deles (Figura 10) confirmou o exato dia em que iniciaram as aulas nesse novo grupo escolar:

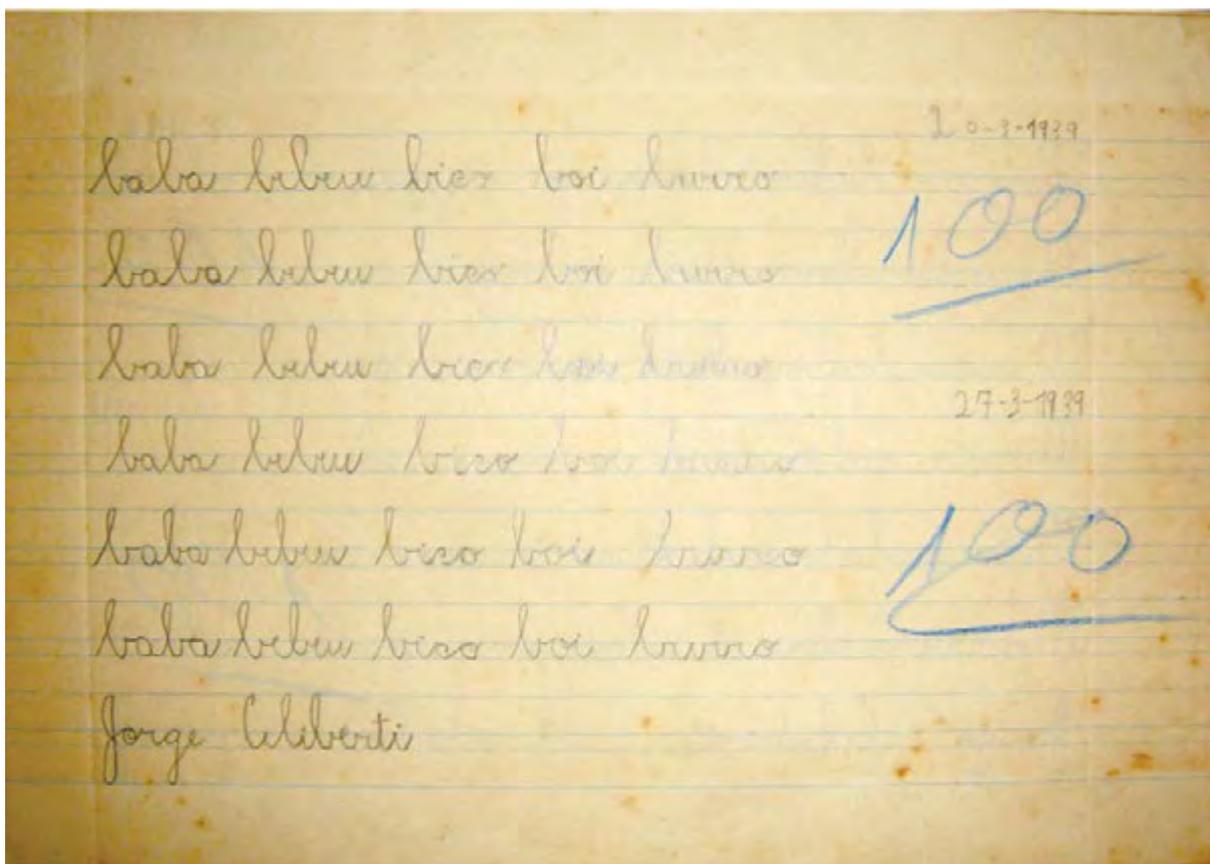
No meu caderno do 1º ano está a data certinha e a fichinha que a própria professora, Dona “Cotinha” – Maria Pinto Sampaio – fez quando começamos a estudar no grupo escolar, pois apesar de estarmos estudando antes, só recebemos os cadernos quando o grupo escolar começou a funcionar.<sup>34</sup>

A partir do relato do ex-aluno Jorge Aliberti e conforme o registro da data situada no canto superior direito da página de seu caderno de Caligrafia, exibido na figura 10, constando a primeira atividade realizada por ele no 1º dia de aula no prédio do 2º Grupo Escolar, conclui-se que o início das aulas no prédio do grupo escolar deu-se em “20 de março de 1939”.

---

<sup>33</sup> Relato de Jorge Aliberti; Dirceu Messias de Menezes; Horácio Tetzner; Milton Ferrari; Lázaro de Oliveira Couto – alunos de 1939 a 1942, 2007.

<sup>34</sup> Relato de Jorge Aliberti – aluno de 1939 a 1942, 2007.



**Figura 10.** Página do caderno de Caligrafia de Jorge Aliberti, 1939. Fonte: Acervo de Jorge Aliberti.

Para Jorge Aliberti, este caderno de Caligrafia deve significar muito além de um documento histórico e objeto de recordação, pois representa as suas primeiras escritas. No momento que as letras começavam a ganhar sentido, provavelmente, emoções foram suscitadas. Sua relação com o mundo modificaria, já que a escrita e a leitura ampliariam a compreensão e o conhecimento sobre ele. Ou melhor, a escrita e a leitura dão acesso ao mundo. Este é um dos seus primeiros cadernos, das primeiras letras, todavia é muito mais o seu começo de acesso a um mundo escolarizado (particular) e uma cultura geral (universal). Este caderno não é apenas um documento que atesta a data da primeira aula no prédio, mas como memória de um momento marcante, o funcionamento de uma escola e o primeiro acesso ao mundo das letras, que não é nada simples, mas é o acesso a complexidade do conhecimento e ao mundo cultural mais amplo. O primeiro dia de aula, não se deu com uma festa pública, um comício empolado, mas com um ato de aprendizagem, como se a escola começasse existir, não na sua inauguração formal e pública, mas no momento exato do início do processo educacional, que dá sentido a todo o prédio e que marca o momento do aluno e de toda a história da escola, como atestam as fotografias.

#### 2.1.4. Inauguração do prédio



**Figura 11.** Largo José Bonifácio durante a 1ª Festa da Laranja, 1939. Vista a partir do Segundo Grupo Escolar de Limeira e à frente a rua Trajano de Barros Camargo. Acervo de Benedicto Carlos Toledo Lima.

O prédio do Segundo Grupo Escolar foi inaugurado solenemente em 7 de maio de 1939, durante a 1ª Festa da Laranja realizada em seu prédio e no Largo José Bonifácio, no período de 7 a 14 de maio, promovida pelo Rotary Club de Limeira.

O dia da inauguração do edifício do grupo escolar foi um evento muito comemorado pelas autoridades e munícipes, pois representava a realização material de muitas lutas e anseios por melhores perspectivas para a educação da cidade. A importância desse acontecimento pode ser denotada a partir das figuras 11 e 12. Observe os senhores, as senhoras, as crianças, toda a família presente para prestigiar o acontecimento.

A necessidade de um local que contemplasse a realização da 1ª Festa da Laranja, evento de grande importância para Limeira, já que o município ostentava o título de “Capital da Laranja”, encontrou no prédio do Segundo Grupo Escolar um ambiente que correspondesse à magnitude do evento e, ao mesmo tempo, a sua inauguração em meio a essas festividades o divulgaria a toda a sociedade. No largo, à frente do edifício do grupo escolar, como se vê na

figura 11, foram instaladas as estátuas de dois apanhadores de laranja, demonstrando o significado que esta fruta representava e representa para a cidade.



**Figura 12.** Primeira Festa da Laranja, 1939. Ao fundo, o Segundo Grupo Escolar e à frente o Largo José Bonifácio. Fonte: Acervo de Benedicto Carlos Toledo Lima.

À frente da entrada principal do prédio, conforme as figuras 11 e 12, destaca-se parte da população participando dos festejos e, a partir de suas vestimentas, constata-se que todos estão muito bem vestidos e, em pleno clima tropical, devido às correntes imigratórias para a cidade, as pessoas ainda conservavam o estilo europeu de se vestir. Na verdade, não havia, assim como não há, um jeito brasileiro de se vestir. Terno, chapéu, vestido, eram a vestimenta principal, até do homem comum, mesmo que com panos e cortes menos nobres. Na figura 12, ao chão vemos a bandeira nacional confeccionada por laranjas e diante dela um garoto que poucos anos depois viria a ser aluno da escola. Este foi um dia inesquecível para ele:

[...] houve a instalação da 1<sup>a</sup> Festa da Laranja de Limeira, aproveitando o prédio que seria inaugurado. Com a presença do interventor federal Adhemar Pereira de Barros e outras autoridades, aconteceu a esperada festa. [...] Havia em frente ao Grupo Brasil esculturas de dois homens, estando um de costas ao outro, representando trabalhadores despejando uma caixa de laranja. Da

casa do Dr. Martinho Levy, em frente ao grupo escolar, havia uma fonte que jorrava suco de laranja.<sup>35</sup>

Analisemos como foi a inauguração do prédio novo. Teve ela esta pompa toda? Creio que não. Isto não nos mostra algo singular e sintomático? Embora toda a grandiosidade da festa se dê por motivos óbvios: construção de um prédio público grandioso numa cidade carente de prédios desta natureza, mas seria a mesma grandiosidade se fosse um prédio, digamos, da justiça, como um fórum? Ou seja: um sinal na concepção que se tinha da educação na época, principalmente por ser de pouco acesso e ser novidade às demais classes?

### 2.1.5. Grupo Escolar “Brasil” e demais denominações

A partir do momento de sua criação, a instituição de ensino passou a denominar “Segundo Grupo Escolar de Limeira”, em razão de ter sido o segundo estabelecimento estadual de instrução pública a oferecer o ensino primário na cidade. Inicialmente, os grupos escolares eram escolas de ensino primário que, ao longo de várias reformas educacionais, transformaram-se em escolas de ensino fundamental e médio.

Em 28 de fevereiro de 1941, o então prefeito municipal Ary Levy Pereira, solicitou por meio de ofício ao secretário da Educação e Saúde Pública do Estado, Sr. Dr. Mario Guimarães de Barros Lins, que fosse dado ao Segundo Grupo Escolar de Limeira o nome de “Brasil”, cujo conteúdo do ofício<sup>36</sup> apresenta-se transcrito a seguir:

A prefeitura Municipal de Limeira pede muito respeitosamente a Vossa Excelência, a devida vênua para sugerir ou solicitar, seja dado ao Segundo Grupo Escolar desta cidade, o nome de “Brasil”. Essa denominação, Excelentíssimo Senhor Doutor Secretário, viria como um complemento natural e grandioso, coroar a ação patriótica deste poder público municipal, que já deu às suas escolas municipais os nomes de todos os Estados brasileiros, tendo recebido um grupo escolar municipal há pouco constituído, o nome de “São Paulo”. Aspiração natural, espontânea e ardente do povo limeirense, o nome de “Brasil” seria um tributo a mais de civismo, erguido em honra de nossa Pátria pelos habitantes da “Capital da Laranja”, que assim, teriam um outro magnífico ensejo de ver exaltado na fachada desse grandioso estabelecimento educacional, como um incentivo e um florão de glória, o nome que simboliza todo um evangelho de luminosidade e esplendor. Agradeço penhoradamente a gentileza e a generosidade da boa acolhida à sugestão ora apresentada, e valho-me do ensejo para me firmar com máxima estima, apreço e muito atenciosamente.<sup>37</sup>

<sup>35</sup> Relato de Benedicto Carlos Toledo Lima – aluno do 4º ano de 1947, 2007.

<sup>36</sup> Ofício nº 5.078 de 28 de fevereiro de 1941. Copiador de cartas e ofícios. Arquivo da Prefeitura Municipal de Limeira.

<sup>37</sup> Livro Copiador de Cartas e Ofícios. Fonte: Centro Municipal de Memória Histórica de Limeira.



**Figura 13.** Edifício do Grupo Escolar Brasil, 1941 – construído em 1939. Fonte: Acervo de Maria Eloísa Gonçalves de Oliveira Rossi.

Logo após, em 27 de maio de 1941, o Segundo Grupo Escolar da cidade recebeu a denominação de Grupo Escolar Brasil<sup>38</sup>. Na figura 13 está representada a fotografia mais antiga do grupo escolar que a pesquisa permitiu buscar, ano em que lhe foi concedido o título de “Brasil”. Nesse período a escola era composta por 18 classes de curso primário, funcionando em dois períodos de quatro horas; das 8h às 12h e das 12h30min às 16h30min, num total de 666 alunos – sendo 355 masculinos e 311 femininos. A figura 14 expõe uma turma do 4º ano do ensino primário. A faixa etária dos alunos variavam de 7 anos, quando eram matriculados no 1º ano, a 14 anos, na conclusão do 4º ano, no entanto o início da escolarização não ocorria comumente aos 7 anos, sendo que a maioria dos alunos iniciavam o ensino primário com 8, 9 e 10 anos, pois os dois grupos escolares existentes eram insuficientes para atender o aumento na demanda por vagas. Muitas dessas crianças eram filhos de imigrantes italianos e alemães<sup>39</sup>.

Com um número insuficiente de prédios escolares e o rápido crescimento da população urbana, o Governo foi obrigado a buscar outros mecanismos para solucionar a necessidade crescente por escolas, tais como a ampliação no número de períodos dos cursos (MARCÍLIO, 2005).

<sup>38</sup> Decreto nº 11.987 de 27 de maio de 1941, publicado em 28 de maio de 1941. Arquivo do Diário Oficial do Estado de São Paulo.

<sup>39</sup> Livros de Matrículas, Atas Finais e de Movimento. Arquivo da Escola Estadual Brasil.



**Figura 14.** Professor Antonio Perches Lordello e sua turma de alunos do 4<sup>o</sup> ano do primário masculino, 1940. Fonte: Acervo de João Batista Borrelli.

Além da instrução primária, a partir de 1950, como mostra a figura 15, a escola começa a oferecer a educação pré-escolar<sup>40</sup>, para crianças a partir de 5 anos<sup>41</sup>. Este curso funcionou até o ano de 1995, pois em 1996 houve a municipalização desta modalidade de ensino na cidade, como também do ensino fundamental de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries, sendo transferidos para as escolas do município.

As fotografias de classes escolares como estas das figuras 14 e 15, eram feitas, geralmente, ao ar livre, tendo a fachada do prédio ou parte dela como fundo, caracterizando e apresentando o ambiente escolar. Essas fotografias compõem um gênero muito popularizado e facilmente reconhecível. Nelas constituem-se representações das expressões da ordem e disciplina escolar de seu período correspondente, cuja denotação se dá pela composição do grupo por um conjunto de fileiras sucessivas, sendo a primeira composta por alunos sentados e nas outras em pé, de modo que cada fileira posterior ocupa um nível superior, constituindo uma disposição regular, sendo possível a visualização do professor e de todos os alunos. Impressiona a simetria no arranjo de algumas turmas, como a apresentada na figura 14.

<sup>40</sup> Atual educação infantil, que deve ser oferecida em creches, ou entidades equivalentes, para criança de 0 a 3 anos de idade, e em pré-escolas, para crianças de 4 a 6 anos de idade (BRASIL, 1996).

<sup>41</sup> Livro de Matrículas. Arquivo da Escola Estadual Brasil.



**Figura 15.** Professora Yolanda Prada Barreto e sua turma de alunas da pré-escola feminino, 1957. Fonte: Acervo de Maria Eloísa Gonçalves de Oliveira Rossi.

Pode-se verificar nas diversas fotografias de classe, principalmente naquelas mais antigas, que muitas turmas eram compostas pela distinção entre gênero masculino (Figura 14) e feminino (Figura 15). Souza (2001) explica que as classes masculinas e femininas registram a divisão sexual predominante no ensino público até o início dos anos de 1970, motivada e mantida por princípios morais.

A partir de 1959, o Grupo Escolar Brasil inicia um trabalho com alunos de níveis elevados de dificuldades, denominada “classe de emergência”. Para essa turma de alunos eram desenvolvidas atividades complementares e diferenciadas, tornando-os aptos a prosseguirem seus estudos em classes regulares. Em 1961, a escola começa a atender alunos com necessidades educacionais especiais, sendo as primeiras turmas formadas por alunos com deficiência auditiva. Para essas turmas, como podemos ver nas figuras 16 e 17, as carteiras eram adaptadas com aparelhos auditivos.

Em 1963 são criadas, também, turmas com deficiência intelectual e deficiência em fala e audição. Essas classes especiais possuíam em média de 10 a 15 alunos e a faixa etária era muito heterogênea, variando entre 5 e 16 anos<sup>42</sup>, como podemos averiguar nas figuras 16 e 17. Em ambas as fotografias de classe podem ser visto os aparelhos auditivos acoplados às

---

<sup>42</sup> Livro de Matrículas. Arquivo da Escola Estadual Brasil.

carteiras. Esses aparelhos representavam grandes aliados para o desenvolvimento das aulas, auxiliando na alfabetização dos alunos.



**Figura 16.** Turma de alunos com deficiência auditiva, 1995. Fonte: Acervo de Marita Caraccio Armbruster.

Nota-se, nas fotografias 16 e 17, a existência de classes mistas, fator importante na educação para a diversidade e na cultura escolar, enfatizado no próximo capítulo. A existência de salas para alunos com necessidades educacionais especiais, integrando-os ao espaço educativo, representa um significativo progresso para a educação, como também é a formação de turmas mistas.

As turmas com necessidades educacionais especiais permaneceram até 1995, quando houve uma reestruturação na organização do ensino, devido à sua municipalização, e após este ano, as classes especiais migraram juntamente com a escola primária sendo separada da escola ginásial<sup>43</sup>.

Há muitos anos a educação especial esteve dissociada da educação geral, sendo realizadas em escolas especializadas ou em classes especiais, cuja composição das turmas de alunos era específica para cada necessidade educacional especial. É importante ressaltar que

---

<sup>43</sup> Correspondente aos quatro últimos anos do ensino fundamental.



[...]. Infelizmente, também havia classe forte, classe média e classe fraca e não havia inclusão na sala de aula, mas já havia salas para alunos especiais na escola e eles conviviam no mesmo espaço físico.<sup>46</sup>

Na situação da figura 17, visualizamos no quadro-negro o cabeçalho da aula, muito comum e ainda usual no ensino primário. Entre um conjunto de dizeres como o dia do mês e da semana, ano, cidade e nome da professora, estação do ano e saudação, nele encontra-se descrito, inicialmente, no canto superior esquerdo do quadro-negro, a denominação da escola naquele momento. As atividades escritas no quadro evidenciam que a turma estava em processo de alfabetização, aprendendo a usar o alfabeto para a formação de sílabas, enquanto na figura 10 o aluno já utilizava as sílabas na formação de palavras.

Em 1988, a Constituição Federal, defende ser dever do Estado, oferecer atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente, na rede regular de ensino. Com a atual lei de diretrizes e bases da educação nacional<sup>47</sup>, é atribuído aos sistemas de ensino o dever de assegurar currículos, métodos, técnicas, recursos educacionais e organização específicos para atender a necessidade dos alunos. Todavia, o número de matrículas de alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns ainda era ínfimo, pois as escolas não eram obrigadas a garantir vagas a essas crianças.

Em 1999, por regulamentação em lei<sup>48</sup>, obrigou-se a aceitação de matrículas de crianças com necessidades educacionais especiais pelas escolas, tornando crime a recusa a esse direito. A educação especial adquiriu caráter transversal, podendo ser oferecida, exclusivamente, de forma complementar, no contraturno, quando a educação das escolas comuns não satisfizer as necessidades educativas ou sociais do aluno<sup>49</sup>. Com isso, o número de matrículas de alunos com necessidades educacionais especiais para as classes regulares de ensino apresentou crescimento. Conforme decreto<sup>50</sup>, atualmente, todas as crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devem estudar na escola regular e as escolas teriam até o fim de 2010 para se adequarem.

A partir de 1971, o ensino de 1º grau, integrou a escola primária e o ginásio em uma escola única, com duração de 8 anos, tornou-se de caráter obrigatório a crianças dos 7 aos 14 anos de idade<sup>51</sup>, pois até esse momento a matrícula era exigida apenas nos quatro primeiros anos. Conforme Souza (2006), a partir de então, os grupos escolares transformaram-se em

---

<sup>46</sup> Relato de Josyane Baccan Queiroz – aluna de 1965 a 1969, 2007.

<sup>47</sup> LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996).

<sup>48</sup> Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989 (BRASIL, 1989).

<sup>49</sup> Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999 (BRASIL, 1999).

<sup>50</sup> Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008 (BRASIL, 2008).

<sup>51</sup> LDB nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 (BRASIL, 1971).

escolas estaduais de 1º grau, e o sentido da escola primária, com o alargamento temporal do curso e a garantia de permanência da criança na escola, trouxeram alterações na organização do ensino e na cultura escolar.



**Figura 18.** Aula de Ciências. Professora Lisandra Taveira Nogueira Sergio e sua turma de alunos do último ano do ensino fundamental, 2009. Fonte: Acervo da Escola Estadual Brasil.

Então, em 1976, a escola inicia o atendimento aos quatro últimos anos do ensino de 1º grau, sendo denominada de Escola Estadual de Primeiro Grau Brasil<sup>52</sup> – E. E. P. G. Brasil. Neste ano a escola possuía 41 classes distribuídas em três períodos: das 7h às 12h, das 12h30min às 16h30min e das 19h às 23h, num total de 1379 alunos – consistindo em 749 masculinos e 630 femininos. A figura 18 é composta por uma turma do último ano do ensino fundamental. A professora durante esta aula de Ciências divide a turma em grupos e por meio de uma dinâmica de perguntas e respostas proporciona a contribuição de cada aluno para o seu grupo e a interação com a temática proposta.

---

<sup>52</sup> Resolução SEE nº 23/76, publicado em 26 de janeiro de 1976. Arquivo do Diário Oficial do Estado de São Paulo.



**Figura 19.** Avaliação geral da escola. Professor João Luiz Gonçalves de Oliveira e sua turma de alunos da 3ª série do Ensino Médio, 2009. Fonte: Acervo da Escola Estadual Brasil.

Em 1990, a escola começa a prover o ensino de 2º grau<sup>53</sup>, sendo denominada de Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Brasil<sup>54</sup> – E. E. P. S. G. Brasil. Na figura 19 o professor aparece em meio a sua turma de alunos do último ano do ensino médio, durante avaliação realizada pela escola. Com a inserção deste curso, a faixa etária dos alunos atendidos nas turmas regulares elevou-se para 17 anos. A partir deste ano a escola passa a oferecer, também, o ensino supletivo<sup>55</sup>, até o ano de 1997. Neste momento, a escola era constituída por 53 classes, distribuída em três períodos; das 7h às 12h, das 12h30min às 17h30min e das 19h às 22h30min, num total de 1851 alunos, cuja faixa etária, como pode ser visto na figura 20, oscilava até os 65 anos.

<sup>53</sup> Atual ensino médio (BRASIL, 1996).

<sup>54</sup> Resolução SEE nº 93/90, publicado em 23 de maio de 1990. Arquivo do Diário Oficial do Estado de São Paulo.

<sup>55</sup> Curso presencial da modalidade da Educação de Jovens e Adultos – EJA. “O ensino fundamental público e gratuito será também garantido aos jovens e adultos que, na idade própria, a ele não tiveram acesso, e terá organização adequada às características dos alunos” (BRASIL, 1988).



**Figura 20.** Aula de inglês. Professora Vera Lucia Leitão Cavinato e sua turma de educação de jovens e adultos (EJA) – ensino supletivo, 2007. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Em 1999, a escola passa a denominar-se, simplesmente, Escola Estadual Brasil<sup>56</sup> – E. E. Brasil, cujo nome prevalece até hoje. A partir de 2000 inicia o atendimento para o Telecurso<sup>57</sup> até o ano de 2008 e a recepção ao ensino supletivo retorna em 2006. Nesta ocasião, a escola possuía 60 classes, organizadas em três períodos; das 7h às 12h, das 12h30min às 17h30min e das 18h45min às 22h45min, perfazendo cerca de 2300 alunos.

A educação básica, no nível fundamental e no médio, que até o ano de 1996 possuía 180 dias letivos, em 1997 entra em período de transição para que em 1998 seja ministrada uma carga horária mínima anual de 800 horas, distribuídas por um mínimo de 200 dias letivos<sup>58</sup>.

Como pode ser percebida na foto de classe, figura 20, a turma é formada por alunos em defasagem em relação à idade série, pois devido a diversos fatores não tiveram acesso à escola na idade regular. Somente a partir da Constituição Federal (BRASIL, 1988), a

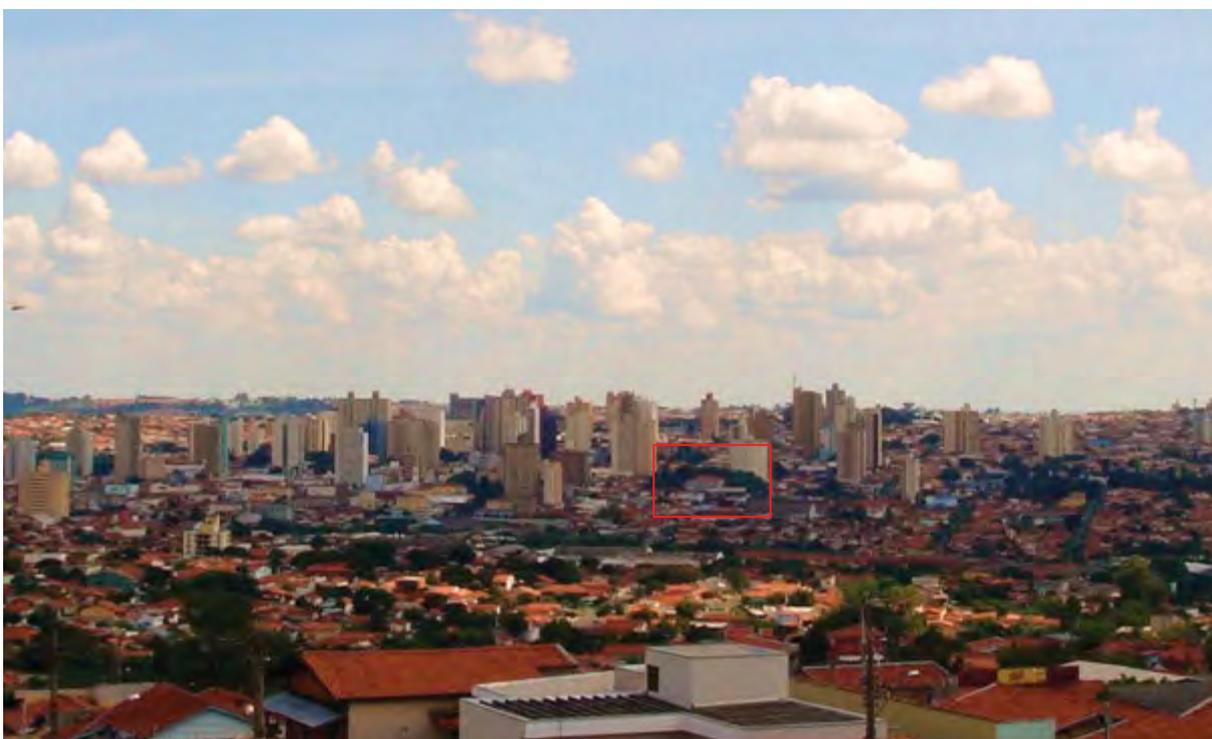
<sup>56</sup> Resolução SEE nº 37/99, publicado em 24 de abril de 1996. Arquivo do Diário Oficial do Estado de São Paulo.

<sup>57</sup> Curso de frequência flexível e atendimento individualizado que consiste em teleaulas desenvolvidas em telessalas da rede pública estadual de ensino – modalidade da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

<sup>58</sup> LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996).

educação de jovens e adultos tem a primeira referência à garantia de ensino público fundamental obrigatório, inclusive “para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”. Mesmo após vários anos afastados da escola e com maiores responsabilidades, pois a maioria constituiu famílias e necessita trabalhar, muitas pessoas retornam à sala de aula buscando adequar às exigências do mercado de trabalho e melhorar a qualidade de vida.

Atualmente, a Escola Estadual Brasil é a instituição de ensino público mais antiga em funcionamento no município de Limeira, estado de São Paulo, já que o Grupo Escolar “Coronel Flamínio Ferreira de Camargo”<sup>59</sup> encontra-se desativado.



**Figura 21.** Grupo Escolar Brasil em destaque, 2010.

A Escola Brasil é constituída por uma bela fachada, tendo à sua frente o Largo José Bonifácio, com área arborizada de 1.936,58 m<sup>2</sup>. Seus pátios e dependências possuem uma área de 7.159,00 m<sup>2</sup>, sendo desses, 2.423,90 m<sup>2</sup> de área construída e juntamente com o largo ocupam um quarteirão da cidade.

No decorrer dos anos, além de transformações físicas, como a sua ampliação, com a construção de outro prédio e o crescimento das árvores ao seu redor, que hoje praticamente ocultam a sua bela fachada, a escola atende a um novo perfil de aluno. Além da variação na

---

<sup>59</sup> O Grupo Escolar “Coronel Flamínio Ferreira de Camargo foi extinto em 02 de janeiro de 1984. Arquivo do Diário Oficial do Estado, 17 de janeiro de 1984, p. 10, seção 1.

faixa etária, devido à localização de seu prédio na região central da cidade, numa área anteriormente residencial, como é visto na figura 4, agora representando, predominantemente, um grande centro comercial, conforme mostra a figura 21, os alunos que antes residiam na circunvizinhança da escola, apresentam-se hoje muito dispersos, sendo a maioria proveniente de inúmeros bairros periféricos, inclusive de adjacências situadas na zona rural, constituindo num grupo bastante diversificado, oriundo de famílias, em sua maioria, de baixa renda familiar e de baixa escolaridade.

A Escola Estadual Brasil recebe matrículas de estudantes com características extremamente heterogêneas, dentre eles, aqueles com necessidades educacionais especiais, defasagem de aprendizado, adolescentes cumprindo a penalidade denominada “liberdade assistida”, além de alunos provenientes de orfanatos.

Comparando as duas vistas, figuras 4 e 21, pode-se avaliar o amplo crescimento e as transformações da cidade de Limeira nessas décadas que se interpolam, denunciada pelo contraste estético das regiões. Atualmente a grandeza de edifícios residenciais e comerciais impera no lugar, cujo tempo passado o prédio do grupo escolar era o seu maior destaque.

Hoje, a Escola Estadual Brasil possui 21 salas de aula, com um total de 55 classes e funciona em três períodos, sendo o período da manhã das 7h às 12h20min; período da tarde das 12h40min às 18h; período noturno das 19h às 23h, atendendo aproximadamente 2400 alunos por ano, a partir dos 10 anos de idade e oferecendo as seguintes modalidades de ensino: ensino médio regular no período da manhã; ensino fundamental II no período da tarde e ensino médio regular e educação de jovens e adultos no período noturno.

Por fim, conhecer a história da instituição de ensino retratada nas fotografias escolares permitirá compreender as transformações em sua cultura escolar, como também, as semelhanças e os contrastes nos vários aspectos que tange o seu processo educacional.

### 3. A CULTURA ESCOLAR

*Portanto, o que revelam as fotografias escolares? Elas são a expressão da forma escolar – uma maneira de ser e comportar na escola –, representações de uma cultura institucional veiculadora de conhecimentos, valores, normas e símbolos considerados legítimos. Elas representam singularidades e identidades compartilhadas (SOUZA, 2001, p. 79).*

As fotografias escolares estão impregnadas de vestígios da cultura escolar. Elas retratam um conjunto de aspectos que caracterizam a escola como instituição, construídos socialmente pelos sujeitos na interação uns com os outros no âmbito da escola, constituindo a cultura escolar. Cada instituição de ensino possui a cultura escolar própria e em cada contexto da história a imagem fotográfica apresenta uma cultura contemporânea, atribuindo à cultura escolar um caráter histórico. Portanto, é esse caráter histórico da cultura escolar que é revelado pelas fotografias escolares.

#### 3.1. Cultura na escola e a cultura da escola

Se considerarmos a cultura a partir de uma concepção antropológica, compreendendo-a por um conjunto de significados elaborados a partir de interações entre os indivíduos e o ambiente, constituindo diversos aspectos, como crenças, valores, hábitos, regras, costumes, línguas, símbolos, informações, práticas, etc., caracterizando e identificando um determinado grupo social, logo, veremos, a cultura pode ser representada como o resultado da ação do homem em relação ao ambiente, ao longo do tempo, transformando-o e ajustando-se a ele.

Todos os grupos sociais apresentam e produzem uma cultura, que envolve sua produção material e espiritual, localizada no tempo e no espaço, pois os indivíduos possuem uma forma de agir, sentir e pensar, que se origina de uma prática coletiva (TOMAZI, 1997, p. 139). Assim, pode-se afirmar que qualquer indivíduo possui cultura já que nasce e convive num contexto social.

Entretanto, “para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza” (CERTEAU, 1995, p. 141), pois a cultura “consiste não em receber, mas em exercer a ação pela qual cada um marca aquilo que os outros lhe dão para viver e pensar” (CERTEAU, 1995, p. 143).

A cultura representa a própria história do ser humano, sendo resultado de seus atos, e também, processo contínuo pelo qual os homens produzem sentido às suas ações. Ela ocorre na mediação entre os indivíduos, manipulando padrões de significados que fazem sentido num contexto específico (GEERTZ, 1989). Portanto, o homem no cotidiano de sua vida está constantemente produzindo cultura.

De forma semelhante e significativa, sem os homens não haveria cultura, assim como sem cultura não haveria homens. O ser humano é um animal incompleto e inacabado que se complementa e se aperfeiçoa por meio da cultura (GEERTZ, 1989).

O processo em que essa cultura é transmitida aos membros mais jovens de um grupo social, inclusive como forma para perpetuá-la, refere-se à educação. Naturalmente esse processo não acontece exclusivamente na escola, no entanto, ela é um espaço privilegiado para isso, já que é uma instituição culturalmente construída para esse fim (TOMAZI, 1997).

A educação representa, portanto, o principal processo de socialização e desenvolvimento do ser humano, responsável pela transmissão e perpetuação da cultura. Entretanto, a escola, embora seja a mais importante, ela não possui a exclusividade do poder cultural, pois com a difusão dos meios de comunicação de massa<sup>60</sup>, vivenciamos a propagação da cultura com diversidades de fontes e referências.

A relação da cultura com a sociedade modificou-se: a cultura não está mais reservada a um grupo social; ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades profissionais (docentes, profissionais liberais); ela não é mais estável e definida por um código aceito por todos (CERTEAU, 1995, p. 103-104).

O domínio cultural, por meio da televisão e da internet, invade as casas das pessoas e, enquanto no passado as famílias exerciam a função de controle do aprendizado adquirido pelo aluno na escola, hoje essa competência caberia também à escola.

Todas as noites, a volta das crianças para a casa permitia um reajustamento familiar com relação à cultura ensinada na escola. Atualmente, a escola

---

<sup>60</sup> Meios de comunicação de massa ou mídias são os meios ou canais de comunicação usados na transmissão de mensagens a um grande número de receptores. Nas relações sociais de comunicação (dia a dia), os meios de comunicação de massa mais comum são os jornais/as revistas, o rádio, a televisão e, o mais recente, a Internet.

encontra-se em uma situação praticamente inversa; com relação à família invadida pela imagem televisiva, ela pode se tornar o lugar de controle onde se aprende o modo de utilização de uma informação até então fornecida fora da escola (CERTEAU, 1995, p. 138).

Por meio do comércio, publicidade, seja via cartazes, televisão, internet etc., a informação chega até as pessoas, e a escola, com seus professores e os alunos, poderão constituir um dispositivo crítico para o seu processamento.

A educação escolar encontra-se, portanto, em constante sujeição a fatores sociais, econômicos, políticos e culturais contemporâneos de sua sociedade. A escola, ao mesmo momento em que é responsável pela socialização da cultura, a ela está associada uma cultura própria, com suas práticas, valores e crenças. Essa cultura produzida, reproduzida e preservada, decorrente da interação entre os indivíduos no ambiente escolar, compondo um conjunto de fatores e identificando a escola como instituição de ensino, caracteriza-se por cultura escolar, que pode ser compreendida como:

Um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (JULIA, 2001, p. 10).

Assim como a escola difere pela natureza de outras organizações, cada escola também é diferente de qualquer outra, pois possui uma especificidade própria, ou seja, sua cultura escolar, caracterizada por ser transmitida e perpetuada a partir da socialização dos novos indivíduos que passam a constituir o ambiente escolar. As escolas são consideradas como um lugar de intercruzamento de culturas e entre elas a cultura da escola, que sintetiza os valores, modos de convivência e significados que as pessoas fornecem às coisas, gerando um padrão coletivo de pensar, agir e perceber-se nesse ambiente.

Logo, a instituição escolar pode ser compreendida pela caracterização de elementos que compõem sua cultura escolar, destacando a importância e a implicação dos aspectos da cultura escolar na sustentação de seu processo educacional, ou seja, apresentando o quanto a educação escolar está vinculada e é organizada a partir da própria cultura da escola.

Podem ser considerados, para o estudo da cultura de uma escola, aspectos como a arquitetura escolar e o seu mobiliário, os recursos didáticos (quadro-negro, cadernos, livros etc.), os rituais escolares (normas e finalidades, valores, conteúdos de ensino, linguagem, festas, exames finais, exposições, excursões, foto da turma, comemorações cívicas, desfiles, dispositivos de avaliação, brincadeiras, festas de encerramento do ano letivo, práticas

docentes, práticas escolares etc.), a história do estabelecimento, estratégias e diversas outras atividades sociais específicas realizadas na escola pela comunidade escolar.

### **3.1.1. Arquitetura escolar, mobiliário e recursos didáticos.**

Embora não seja necessária a existência de um prédio, nem que as aulas aconteçam entre quatro paredes, para a sociedade, o conceito de escola está intimamente atrelado à existência de um prédio específico que o caracteriza como “escola”. São detalhes como a arquitetura do prédio e mobiliários escolares responsáveis pela composição identitária da instituição escolar, ou seja, tornando um prédio com a “cara” de uma escola.

Os prédios escolares possuem características arquitetônicas que lhes são próprias, identificadoras das escolas, de suas atividades e carregam significados históricos, políticos e pedagógicos. Para Lima:

O prédio escolar se confunde com o próprio serviço escolar e com o direito à educação. Embora colocado no rol dos itens secundários dos programas educativos, é o prédio da escola que estabelece concretamente os limites e as características do atendimento. E é ainda esse objeto concreto que a população identifica e dá significado (LIMA, 1995, p. 75).

Tradicionalmente, uma escola possui alguns espaços típicos como pátio, quadra esportiva, refeitório, sanitários e outras diversas salas, como a dos professores, biblioteca, laboratório de ciências, secretaria, diretoria, sendo a sala de aula um dos espaços mais reconhecível e identificável quando se refere a um prédio escolar. Para Souza (2008), quando se refere à sala de aula:

Nada simboliza mais a finalidade cultural da escola e sua representação social do que esse espaço que propicia o encontro das novas gerações com saberes e conhecimentos diversos e se constitui em uma das unidades fundamentais da organização do trabalho escolar – a classe, esse agrupamento de alunos classificados em conformidade com o nível de conhecimento, com a faixa etária e com os critérios de graduação do sistema de ensino (SOUZA, 2008, 9-10).

A sala de aula, como se observa na figura 22, constitui-se por uma mobília básica como carteiras, cadeiras, armários e quadro-negro – também conhecido como quadro de escrever, quadro-de-giz, quadro-verde ou lousa. Enquanto grupo escolar – década de 1950 – conforme se verifica na figura 47, o espaço delimitado pela sala de aula apresenta-se na forma retangular, possuindo quadros-negros na frente da sala e em uma das laterais e um armário ao fundo, as carteiras eram de madeira nobre maciça, com banco e mesa acoplados, enfileiradas,

dispostas em duplas, fixas ao chão e voltadas em direção ao professor. Nessa época, “as carteiras eram boas, bastante reforçadas, salas amplas e bem confortáveis, usava-se caneta-pena<sup>61</sup>, lápis e lápis de cor”<sup>62</sup> e havia, também, as canetas-tinteiro, “como não era muito seguro levar o vidro de tinta, a servente todo início de aula enchia o tinteiro das carteiras, para reabastecer as canetas. Usava-se, também, mata-borrão”<sup>63</sup>. Conforme Souza (1998), o modelo de carteiras duplas foi o adotado na maioria das escolas paulistas, pois sendo móveis fundamentais da sala de aula, favoreciam uma economia de recursos financeiros.



**Figura 22.** Sala de Aula: turma de alunos da 4ª série, 1975. Fonte: Acervo de Priscilla Kühn Del Grande.

Entretanto, mais tarde, na década de 1970, a disposição das carteiras encontra-se em formato individual e dispostas em filas únicas, como mostra a figura 22. Souza (1998) destaca que no início do século XX, nos grupos escolares, as carteiras individuais foram enfatizadas como as melhores do ponto de vista pedagógico, moral e higiênico. A carteira individual constituía um dispositivo ideal para manter a distância entre os alunos, evitando o contato, a

<sup>61</sup> Caneta-pena ou pena de escrever: predecessora da caneta-tinteiro.

<sup>62</sup> Relato de Pedro Teodoro Kühn – aluno de 1955 a 1958, 2007.

<sup>63</sup> Relato de Vera Lucia Leitão Cavinato – aluna de 1958 a 1960 e professora desde 1989, 2007.

brincadeira, a “distração perniciosa”. Sem contato com outros corpos, isolado cada aluno no seu espaço, a disciplina, a moral e a higiene ficavam garantidas.

É o que se vê na figura 22. Ali tudo inspira ordem e disciplina. A separação dos alunos, também é uma forma de evitar a troca de idéias sem o controle do professor (o Estado), e evitar a associação entre alunos que pudesse vir a suplantar o poder e a autoridade do professor, que representa o Estado autoritário dentro da sala. Hoje em dia o poder do Estado não é exercido de modo tão visível, mas de modo mais velado e lesivo. Uma pretensa liberdade, como vemos nas escolas hoje.

Outros elementos imprescindíveis que compõem o estereótipo de uma sala de aula, os quais se observam na figura 22, são os recursos didático-pedagógicos como giz, quadro-negro, cadernos, canetas, lápis e borracha, os quais são utilizados até os dias atuais. Dentre esses acessórios, o quadro-negro é essencial componente do mobiliário escolar, caracterizando uma sala de aula, o qual, também, está associado à representação de docência, pois, geralmente, em fotografias, desenhos, pinturas, etc., a figura do professor é retratada diante de um quadro-negro. Destaca-se, também, a caneta esferográfica, cujo uso, no início da década de 1960, simplificou o processo da escrita. Em relação ao uso dessa caneta, menciona uma ex-aluna<sup>64</sup>: “As primeiras canetas esferográficas já estavam no mercado, mas não era comum usá-las, tendo sido eu uma das primeiras alunas a escrever com a nova caneta”.

Atualmente, como vemos na figura 48, prevalece o formato da carteira individual, conquanto se evidencia uma diferença em sua qualidade, sendo fabricadas de compensado de madeira ou plástico, as carteiras e cadeiras apresentam-se menos duráveis e muito mais frágeis. Neste contexto, as carteiras apresentam-se dispostas conforme a necessidade da atividade, seja em grupos, círculos ou individuais e as penas de escrever e canetas-tinteiros são artefatos de museus, sendo unânime o uso da caneta esferográfica. Para Souza (1998), o aparecimento, uso, modificação e desaparecimento dos objetos escolares são reveladores das práticas educacionais e suas transformações.

Muitas recordações do período escolar estão associadas ao quadro-negro, como o castigo de escrever, repetidas vezes, a mesma palavra no quadro, brincadeiras durante o intervalo ou de extensas cópias de atividades. A lousa ainda constitui um dispositivo fundamental para o ensino simultâneo, no entanto, sua cor que era preta (Figura 47) tornou-se verde (Figuras 24 e 43). Noutras escolas configura-se pela cor branca, cujo giz foi substituído pelo pincel, apresentando-se, também, em algumas escolas, principalmente as de caráter não-

---

<sup>64</sup> Relato de Sandra Helena Barbosa de Godoy – aluna de 1961 a 1964, 2007.

público, a forma digital, dispensando o giz ou o pincel, sendo orientada por meio da sensibilidade ao toque em sua tela.

Qualquer que seja a cor e a natureza, a lousa prevalece nas salas de aulas como um recurso importante e de uso frequente no processo de ensino e aprendizagem, embora não seja o único. Essa transformação do quadro-negro é justificada por Camargo (2000) a partir de texto presente em cadernos de normalistas da década de 1950:

Para atender as exigências da moderna higiene tem-se procurado fazer a lousa de cor branca com giz preto, quadro marron, azul celeste e azeitonado. Parece-me que este último é a coloração mais indicada. Estão com a palavra os oftalmologistas (CAMARGO, 2000, p. 117).

Todavia, enquanto a lousa compuser parceria com o giz a questão da higiene não estará solucionada em definitivo, pois há constantes reclamações dos alunos devido ao pó de giz pelo qual são impregnados durante o ato de escrever e o “apagar” o quadro.

Já os cadernos escolares (Figura 23), diferentemente do quadro-negro, são instrumentos comumente específicos para o aluno, ainda que ambos constituam as práticas escolares e, assim como ressalta Camargo (2000, p. 94), “no caderno estão representadas práticas de ensino organizadas segundo modelos pedagógicos”. De forma recíproca, enquanto o quadro-negro é utilizado pelo professor para o ensino da escrita, destaque de informações e difusão de conhecimentos, é nele que o aluno observa e, de posse de seu caderno, pratica a escrita, registra o conteúdo aprendido e realiza as atividades propostas.



**Figura 23.** Caderno de Provas Mensais de Jorge Aliberti, 1939. Fonte: Acervo de Jorge Aliberti.

Embora a forma física do caderno cuja configuração pequena, em brochura e sem muito detalhe (Figuras 22 e 23), tenha se transformado em formato grande, em espiral e enfeitado, ou por caderno fichário (Figuras 18, 20 e 48), o uso de um modelo não impede a

existência do outro, já que pode ser adotada a forma adequada conforme sua finalidade e para cada faixa etária.

Jorge Aliberti, até hoje, guarda consigo todos os seus cadernos de quando cursou o ensino primário (1939-1942) e descreve que, dentre as diversas disciplinas, “havia o caderno de “provas mensais” (Figura 23), em que uma vez por mês realizavam provas; o de “borrador”, onde eram realizadas as primeiras escritas, desenvolvendo a caligrafia, com o propósito de aperfeiçoar a estética da escrita”. Observe a cor azul da capa do caderno na figura 23. Conforme Valmir Benedito Silveira, aluno de 1964 a 1968, “em cada ano do primário os cadernos eram encapados de uma cor; no 1º ano eram azuis, no 2º ano vermelhos, no 3º ano verdes e no 4º ano amarelos. Fazia parte da cultura da escola na época”.

Todos os alunos da Escola Brasil, em todo início do ano letivo, são contemplados com um conjunto de materiais, incluindo cadernos, canetas, lápis, borrachas, régua, cola, lápis de cor e uma mochila. Durante a prática docente, flagro constantemente o benefício proporcionado pela distribuição em massa desses materiais escolares, auxiliando as famílias em situação financeira baixa, amenizando seus gastos, já que muitas delas não teriam condições econômicas para custear todos os materiais de seus filhos.<sup>65</sup>

Para apoio ao trabalho em sala de aula, os alunos recebem, também, livros didáticos relativos a cada disciplina, além de apostilas com situações de aprendizagens para o conteúdo programático de cada bimestre. Em décadas anteriores, os alunos compravam todos os seus materiais e livros, apenas os alunos cuja família declarava e justificava uma situação financeira menos favorecida recebiam auxílio para a compra de seus materiais escolares – a escola, por meio da “Caixa Escolar”<sup>66</sup>, financiada pelas próprias famílias dos alunos, fornecia todos os materiais escolares, cuja solicitação era feita pelo responsável do aluno no momento da matrícula.

### 3.1.2. Rituais escolares.

---

<sup>65</sup> Em contrapartida, embora a distribuição desses esteja carregada de boas intenções, constato que a forma como procede a distribuição de materiais escolares, além de não possibilitar a uniformização, vem ocasionando desperdício de dinheiro público, já que os alunos providos de uma melhor situação financeira adquirem seus próprios materiais, abandonando aqueles doados pelo Estado que, conseqüentemente, acabam não tendo um destino adequado, sendo muitas vezes encontrados no lixo. Esses materiais escolares poderiam cumprir suas funções se fosse dado à escola a autonomia em gerenciá-los.

<sup>66</sup> A Caixa Escolar – atualmente (APM), Associação de Pais e Mestres – era um órgão existente em todos os grupos escolares, cujo objetivo era proporcionar auxílio material (uniformes, calçados, material escolar, sopa, etc.) aos alunos necessitados, além de colaborar para a melhoria da escola.

Com a implantação da escola primária no Brasil no final do século XIX, esta instaurou, concomitantemente, um conjunto de ritos, espetáculos e celebrações. Por meio das festas, exposições escolares, desfiles, comemorações cívicas, exames, o grupo escolar representava os ideais republicanos e divulgava as suas ações. Esses fundamentos republicanos são legados da influência do positivismo no Brasil, caracterizados pela ideia de um poder centralizado e forte o qual viabilizaria a promoção do progresso do país. A política positivista não reconhece nenhum direito, apenas dever e, por conseguinte, também não há lugar para a liberdade de pensamento e para o individualismo. O texto atual da bandeira nacional “Ordem e Progresso” é influência da política positivista oriunda do lema: “O amor por princípio, a ordem por base; o progresso por meta”. Esses ideais de moral, ordem e progresso foram incorporados pelo exército, seus maiores adeptos, instaurando-se, também, nas instituições do Estado. Tudo isto era parte de uma educação estatal que incluía uma educação (adestramento) política nos ideais da república. Hoje em dia estes sentidos estão enfraquecidos, por isso não há mais rituais educativos de cunho de um ideário político nacional.

Todavia, como observa Souza (1998), em pouco tempo tornou-se desnecessária a propaganda da escola pública para atrair a população. Assim, os rituais adquiriram outros significados, caracterizando como momentos especiais na vida das escolas e da cidade.

Dentre os diversos rituais que permeiam a escola, ela constitui-se por um conjunto de normas, aplicadas tanto para os alunos quanto para os funcionários que, assim como para qualquer outro grupo social, são imprescindíveis para a vida em sociedade, garantindo a ordem e a disciplina – fundamentais para a convivência entre os integrantes da comunidade escolar, para a organização do trabalho escolar e para o processo educacional, dando forma e caracterizando as atividades realizadas pela escola.

A ordem e a disciplina são fatores constantes no movimento das fotografias escolares. Por meio deles são estabelecidas as situações de hierarquia e autoridade, caracterizando as relações de poder entre diretor, professor e aluno. Isso pode ser percebido na disposição das turmas, na interação e no arranjo dos corpos durante as atividades escolares e na organização do trabalho escolar.

Considerando uma turma de alunos, como a da figura 22, verificamos que, além da organização na disposição das carteiras e limpeza da sala, as crianças estão condicionadas a determinados comportamentos exigidos em função do tempo, lugar e da relação com a figura que o adulto exerce, apresentando-se com seriedade e respeito, sentadas numa posição adequada para não agredir a coluna e com os braços estendidos sobre a carteira, portando

cabelo curto e uniformizadas, expressando um regime de muita ordem, higiene e disciplina a que eram submetidas. Aqui vemos o culto da ordem e da disciplina, comum na política e nas instituições públicas, bem como o culto à hierarquia. O poder era exercido por meio de sinais visíveis, na organização do espaço, na disciplina das roupas, materiais e gestos. Os corpos, propriedade do Estado, também devem comportar posturas, e as aulas de Educação Física não tem como intuito o exercitar livre dos corpos, mas é mais uma maneira de educação disciplinar do corpo, por meio do estabelecimento de posturas e gestos. A disciplinarização dos corpos se associa à organização do espaço. Assim é a escola, espaço do sistema capitalista e corporativo que se apropria do corpo e do tempo do estudante.

Como observa Souza (1998, p. 143): “ordem, limpeza e disciplina são componentes primordiais para uma boa organização escolar, fazem parte de um conjunto de dispositivos de contenção de gestos, dos instintos e das emoções”. Outros atos de submissão coletiva em que o espaço escolar determina padrões nos modos e usos do corpo são observados em situações nas quais as meninas aparecem com os braços cruzados e sérias, como nas figuras 15 e 47, e pernas atravessadas e olhar atento, conforme exposto na figura 25. Esse exagero na disposição dos corpos simula o retrato da disciplina escolar.

Um intenso elemento disciplinar é a fila, presentes em várias fotografias escolares, como no arranjo das carteiras na sala de aula (Figura 22), na disposição dos alunos para cantar o hino nacional (Figura 35), na formação do pelotão da banda fanfarra, durante desfile cívico (Figura 38) e no momento de receber a merenda (Figura 42). A organização por fileiras define a forma de repartição dos estudantes. A posição que um aluno ocupa na fila torna-se unidade, na qual representa um movimento permanente onde um substitui o outro num espaço.

Assim, por meio de uma disciplina pode-se produzir um padrão de aluno que responda satisfatoriamente e disciplinarmente às demandas da instituição, para isso é necessário tornar o corpo produtivo, disciplinando-o quanto a horários, modos e atividades. Isto é revelado pelas fotos, o caráter alienante da dinâmica dos corpos e dos objetos, na medida em que serve para educar um cidadão eficiente para o Estado, mas com liberdade e autogestão negados, na medida em que seu corpo, seu ser todo, pertence ao Estado. É o ápice do ideal republicano, na medida em que o poder precisa de todos os corpos, úteis, para se sustentar.

Esse rigor na disciplina, na Escola Brasil, pode ser intuído em fragmentos de relatos de ex-alunos:

[...]. Quando o professor entrava na classe, levantávamos em sinal de respeito. Só sentávamos quando ele autorizava.<sup>67</sup> Os alunos quando queriam falar tinham que levantar a mão e pedir licença à professora. Usava-se bastante “muito obrigado”, “por favor” e “com licença”.<sup>68</sup> [...]. No momento do recreio, tocava um sino no corredor, fazíamos fila e saíamos ordenadamente. [...]. Havia muita ordem e disciplina para tudo e todos. [...].<sup>69</sup> [...]. Tínhamos disciplina de horários, no horário determinado, fechava-se o portão e quem chegasse depois não entrava mesmo, ia embora para a casa [...].<sup>70</sup> [...]. Na escola, chegávamos e já entrávamos em fila, cantávamos o Hino Nacional e já íamos para as aulas [...].<sup>71</sup>

A partir do anunciado nesses relatos, apesar de indicar uma série de rituais de cortesia, formalidade e respeito que perpassam os atos dos alunos, não significa que os alunos eram mais educados, pois seus corpos e emoções eram muito mais contidos. Destaca-se, também, a implicação que a relação entre o tempo e o espaço escolares resultava na racionalidade da vida social e na construção da temporalidade urbana. O tempo escolar, conforme Souza (1998) se expressa também como tempo disciplinar: respeitando e cumprindo horários, de forma precisa e no momento adequado. Configurando-se numa forma de a criança aprender a concepção cultural do tempo que regulamenta a vida social.

Todas as atividades que compõem a dinâmica do cotidiano escolar estão, também, determinadas pelo horário. Um controle rígido e contínuo do horário de chegada e de saída, de início e de término. Na escola há tempo para tudo, tempo de estudar e de brincar e, sobretudo, o maior tempo é de estudar. O professor, na sala de aula, fiscaliza e pressiona, afastando aquilo que possa comprometer a qualidade do tempo. Esse controle funciona como correção e prevenção, como uma economia do poder.

Para Foucault (1999), mediante o mecanismo da disciplina, o poder tem a função de adestrar corpos e mentes nas sociedades atuais, para se apoderar ainda mais dos gestos, gostos e modos de pensar dos sujeitos. Constitui-se num poder modesto que funciona de forma calculada e permanente, produzindo indivíduos como objetos e instrumentos de seu exercício. De acordo com Souza (2008, p. 49), “por meio de prêmios e castigos, como o elogio perante a sala, cartões de boa nota, nome do aluno no quadro de honra, admoestação particular, notas baixas, privação do recreio, entre outros, as crianças apreenderiam as condutas desejáveis”.

Na organização do trabalho escolar, o diretor representa a autoridade máxima da escola, pois ocupa a posição hierárquica mais elevada, regendo a todos na escola. Logo em

<sup>67</sup> Relato de Ariadne Francisca Carrera Miguel – aluna de 1942 a 1945, 2007.

<sup>68</sup> Relato de Maria José dos Santos – aluna de 1962 a 1965 e funcionária desde 1992, 2007.

<sup>69</sup> Relato de Jurema Sedamar de Oliveira Figueiredo – aluna de 1958 a 1962, 2007.

<sup>70</sup> Relato de Luíza Helena Teixeira – aluna de 1959 a 1962, 2007.

<sup>71</sup> Relato de Pedro Teodoro Kühl – aluno de 1955 a 1958, 2007.

seguida, em nível hierárquico inferior, está o professor, autoridade imediatamente superior aos alunos. O reconhecimento dessas autoridades é percebido diante da interação entre os corpos de níveis hierárquicos distintos. Por exemplo, quando o professor adentra a sala de aula, imediatamente, acontece uma mudança na exposição dos corpos, tornando-se mais contidos e silenciosos. O respeito é conquistado por meio de uma teia de disciplina de poder que amedronta, com o diretor e o professor, sempre distantes e se relacionando de modo desigual e nada humano. Como uma escola, assim, poderia produzir cidadãos conscientes, livres e com capacidade de autogestão? Nunca, nem era sua intenção, pois o Estado quer controlar os corpos. Hoje este controle é feito de modo mais sutil e pernicioso. Parece que o Estado cede demais, mas na verdade seu controle só tem aumentado.

A rotina escolar compõe um conjunto de deveres e atividades em que muitas vezes a liberdade encontra-se fora da sala de aula, em outros espaços intersticiais como corredores e o pátio. Para Souza, (1998, p. 141), “não obstante, ir ao sanitário poderia consistir em um passaporte para o refúgio, um momento para gazejar”.

Todavia, mesmo diante de uma disciplina rígida, havia atos indisciplinados, ou seja, aqueles que não estavam em correspondência com as leis e normas da escola, pois “a escola, ao produzir disciplina, está também produzindo sua indisciplinada” (COSTA, 2002, p. 44). A indisciplinada torna-se então um sintoma do comportamento individual, ou seja, um desvio (FOUCAULT, 1999). A indisciplinada, nada mais é, neste sentido, do que uma manifestação da individualidade num ambiente de dura repressão.

Quando o poder demonstra os corpos afastando-se das normas, a punição faz-se necessária. O castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios, sendo essencialmente corretivo. Esse poder oculto nas relações cotidianas controladas é responsável por práticas produtoras de sujeição, comparação, hierarquização, diferença, homogeneização e exclusão, ou seja, ele normaliza (FOUCAULT, 1999).

Recordo-me que, quando aluno, no final da década de 1980, era comum a prática de castigos aplicados pelos professores aos alunos que não correspondiam à disciplina exigida pela escola. Até a conclusão da educação básica, no início dos anos de 1990, sentíamos uma grande necessidade em ser disciplinado com o corpo e com os estudos, pois, poderíamos ser reprovados por poucos décimos de pontos, quando, eventualmente, não atingíssemos as notas. O professor participava de uma relação de poder muito mais intensa sobre o aluno.

A disciplina, muitas vezes, era conquistada por meio da punição do corpo, com castigos físicos ou situações vexatórias, ridicularizando o aluno perante os demais. “Esses comportamentos têm razão de ser e podem até ajudar no encaminhamento sério das questões

de aprendizagem, mas podem também ser mera demonstração de autoritarismo, em que se procura deixar claro ‘quem é que manda na escola’” (TOMAZI, 1997, p. 43).

A avaliação, como a que aparece na figura 19, representa outro elemento constante na rotina escolar. Ela que deveria ser aplicada com caráter pedagógico, em benefício do aluno, durante muito tempo foi utilizada pela escola como instrumento para garantir a disciplina, como um ritual para controlar, qualificar, classificar e punir. O comportamento do aluno, como observado no boletim escolar (Figura 45) era considerado como um dos critérios de avaliação, e a este era atribuído uma nota. Dessa forma, a aprovação do aluno estava condicionada, além de seu rendimento e frequência, à sua disciplina. Nesse contexto, as provas vinculavam a formação do saber com o exercício do poder, que é exercido sem ser percebido, cuja individualização, que é mensurada e comparada, encontra-se registrada em diários de classes, boletins e nos relatórios de conselhos de classe e série. Muitos alunos, devido à reprovação, abandonavam à escola e outros, em razão de inúmeras reprovações sucessivas eram considerados pela escola, inaptos ao estudo. A avaliação, de acordo com Souza (2008, p. 49), possuía “uma dupla finalidade: pedagógica e disciplinar. Os exames aperfeiçoaram o sistema de classificação dos alunos em classes e séries e, ao mesmo tempo, tornaram-se mecanismos de punição, controle e hierarquização”. Observe na figura 19, a vigilância do professor sobre os alunos, durante a realização de uma prova escrita. A disposição das carteiras em fileiras confirma o caráter individual da atividade e a presença do professor garante que o aluno não olhe para o lado nem converse com o colega.

Atualmente, não se pode garantir que a punição do corpo não ocorra mais nas escolas, mas não é legitimada com a mesma natureza e intensidade como anteriormente, principalmente a partir de 1990 com a regulamentação do Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>72</sup>. No entanto, é comum flagrarmos nas escolas, estudantes sendo punidos por meio de advertências, repreensões, suspensões e transferências compulsórias. Portanto, a disciplina não deixou de estar presente e ainda hoje as escolas continuam por meio do poder moldando os corpos dos alunos. Acredito que este poder de moldar os corpos das crianças também esteja fora da escola, pois seus corpos e gestos são moldados sim, veja a padronização do modo de falar, do modo de vestir, de andar e etc. Mas quem cuida desta parte agora é a indústria cultural – meios de comunicação de massa – que produz padrões e os

---

<sup>72</sup>O Estatuto da Criança e do Adolescente reconhece que as crianças têm direito ao respeito dentro do ambiente escolar (artigo 53, inciso II) e estabelece o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos corporais ou de tratamento cruel ou degradante (artigo 17-A).

vende e os inculca sem freio. A escola vem perdendo este poder, pois não tem mais este apelo, como tinha antes.

O professor, utilizando a sua autoridade, impede que ocorram falhas e conduz o processo de ensino e aprendizagem, na qual, o corpo é considerado objeto e alvo do poder e pode ser submetido a adestramento para obedecer e responder a exigências. O dispositivo que possibilita produzir uma individualidade obediente é a disciplina. Logo, a escola é uma instituição em que o poder disciplinador faz-se presente. Isso evidencia que a educação contemporânea ainda tem sua base na dominação, pois ocorre por meio da normalização.

As relações de poder em que os alunos são submetidos nas instituições escolares os direcionam a uma educação para a obediência, construindo indivíduos submissos não só no ambiente escolar, como também, para os diversos âmbitos de sua vida, inibindo a formação de um sujeito crítico e auto-suficiente.

Os procedimentos disciplinares presentes no cotidiano escolar predeterminam a conduta do aluno, neutralizando sua vontade individual. Assim o professor, além de ensinar, molda o aluno conforme um padrão exigido pela instituição, sendo o aluno constantemente controlado, manipulado em função da ordem, da disciplina – atos esperados pelos próprios pais dos alunos.

Existem muitas tentativas de democratizar o espaço escolar, e principalmente as relações no interior da sala de aula, mas isso, normalmente, fica só no plano teórico, pois, apesar do empenho de alguns professores, a relação que se estabelece de fato, na maioria das vezes, é a da imposição da autoridade, que deve ser mantida. Muitos pais até desejam que isso aconteça, isto é, que os (as) professores (as) façam com seus filhos o que eles não querem ou não conseguem fazer (TOMAZI, 1997, p. 42).

Assim, ainda que o professor seja o detentor do poder na relação com o aluno, atualmente essa relação encontra-se cada vez mais fragilizada, pois, com a diminuição dos castigos disciplinares, ao mesmo tempo em que houve uma redução no domínio dos pais sobre os corpos de seus filhos em casa, os professores na escola, muitas vezes, são sujeitados a conviver e a conter um universo muito maior de eventuais desvios disciplinares dos alunos, decorrentes da escassa educação recebida pelos pais. Ai está, este poder saiu da mão dos pais e da escola, e está na mão dos meios de comunicação de massa. Porém, não são eles que têm que lidar com os jovens, e não sentem a consequência da massificação desenfreada.

Com a diminuição da ação da escola para conter os corpos dos alunos, a relação de poder existente sofreu transformações. O seu foco que, durante muito tempo baseou-se quase sempre no reconhecimento e repreensões das atitudes negativas dos alunos, direcionou-se

para uma maior valorização de suas práticas positivas. Situações elogiosas e de valorização do aluno como essa apresentada na figura 24 deixaram de ser raras, tornando-se muito mais presentes no cotidiano escolar. Na situação referida anteriormente, ainda que não seja possível conhecer as regras desse prêmio, todavia, observando o quadro negro evidencia-se que é de caráter semanal e da disciplina de Matemática, estando na sua segunda edição. Pode-se perceber ainda, embora de forma tímida, a satisfação e a alegria dos alunos por serem premiados. O troféu representativo do prêmio, segurado pela aluna apresenta-se num conjunto formado por quatro sólidos geométricos – paralelepípedo, cubo, cone e esfera – relaciona e identifica a natureza da disciplina. Assim, valorizar os alunos por meio de práticas saudáveis e corretas pode ser uma alternativa para a fabricação de corpos disciplinados e obedientes. Contudo, repare nas roupas dos alunos e na sala, que nada lembra a disciplina das fotos mais antigas.



**Figura 24.** Prêmio Semanal de Estudos da Matemática, 5<sup>a</sup> série 3, 2001. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Na escola, quando os alunos são agrupados por série ou classes, as individualidades são rescindidas, sobressaindo o grupo enquanto identidade coletiva. Um dos elementos caracterizadores dos agrupamentos de alunos, identificando-os com a escola, é o uniforme escolar. Acessório adotado há épocas, além de símbolo de unidade, auxilia na segurança dos alunos, uma vez que o reconhecimento do indivíduo enquanto aluno permite a sua entrada na

escola, impossibilitando a do não-aluno, e atua como neutralizador de classes sociais, quando padroniza a configuração vestuária dos alunos. No entanto, mesmo com todas as crianças uniformizadas, o nível social do grupo pode ser manifestado a partir de seu vestuário: qualidade e limpeza material.

No decorrer dos tempos de escola, a natureza do uniforme escolar sofreu diversas alterações, sendo possível constatar, a partir das fotografias escolares, as variáveis em sua configuração. Conforme vemos na figura 25, no ano de 1940, o uniforme escolar característico para as turmas femininas era um conjunto composto por saia pregueada segura por suspensórios, blusa e gravata, além de todas estarem calçadas com sandálias ou sapatos.



**Figura 25.** Professora Jadyr Guimarães dos Santos e sua turma de alunos do 4<sup>o</sup> ano feminino, 1940. Fonte: Acervo de Laucedina de Souza Del Bianco.

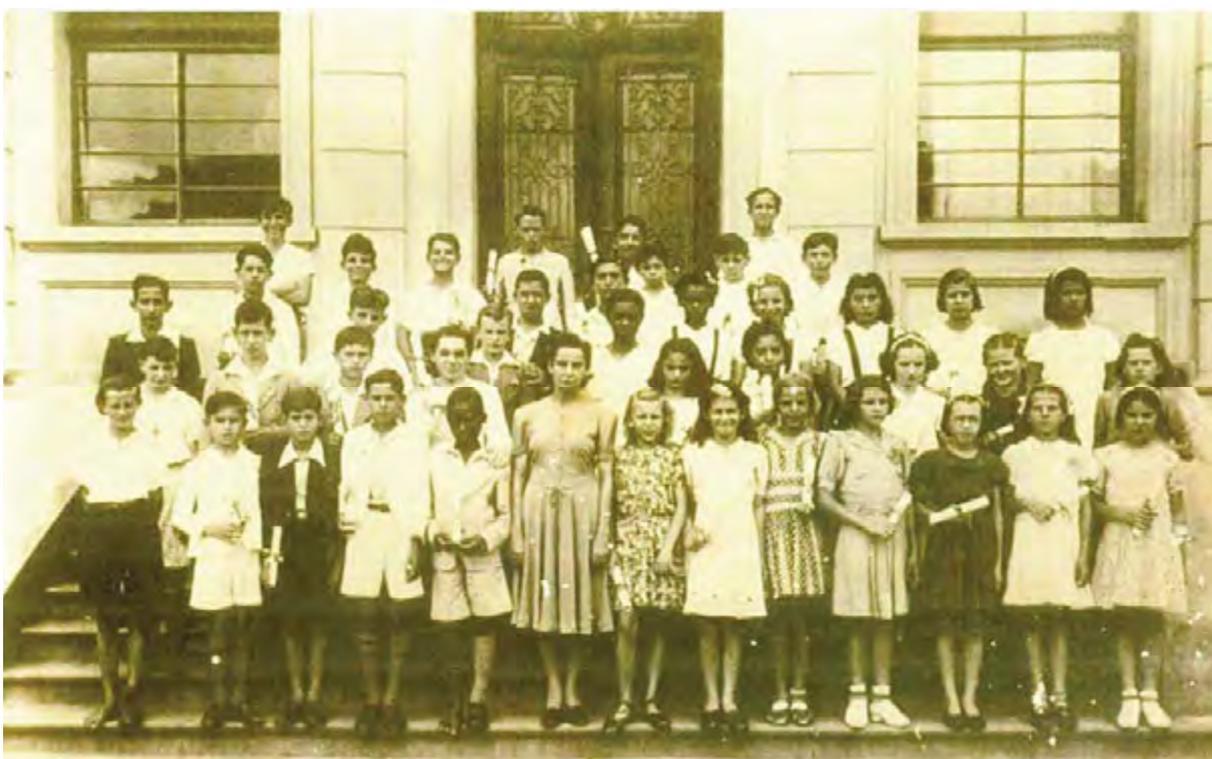
Menções em relação à confecção e ao uso do uniforme escolar são feitas por um aluno de 1939 a 1942:

Ia de uniforme quem podia. Quem não podia, ia com uma camiseta branca e uma calça azul. Quem não tivesse não se fazia questão, pois já era difícil comprar os cadernos. Exigia-se apenas que a roupa fosse limpa. [...]. O

uniforme tínhamos que mandar fazer. Não era como hoje que compramos a roupa feita.<sup>73</sup>

Um aluno, agora do ano de 1940, descreve as características de seu uniforme escolar, apresentado na figura 14, e ainda, uma estratégia utilizada por ele e seu irmão para poderem frequentar à escola:

O uniforme era uma camisa de manga curta branca, bermuda azul, meia branca e sapato. O Estado obrigou todos a irem de sapato. Eu tinha um irmão mais novo e por a minha família não poder comprar um par de sapatos para cada um, dividíamos o mesmo par. Cada um ia com um pé calçado e outro descalço.<sup>74</sup>



**Figura 26.** Professora Maria das Dores Toledo Silva e sua turma de alunos do 4º ano Misto do ensino primário, 1942. Acervo de Dirceu Messias de Menezes.

Uma situação similar à descrita anteriormente pode ser observada na figura 26. Na fileira inferior, da esquerda para direita, o 1º e o 5º aluno encontram-se com apenas um dos pés calçados, pois o outro sapato, provavelmente, estariam dividindo com os seus irmãos, evidenciando o rigor na exigência desse acessório e as dificuldades econômicas das famílias de alguns alunos. Nesta fotografia os alunos não estão portando um uniforme, a julgar pelo contraste entre as distintas configurações de peças e cores de suas vestimentas. Esta é uma

<sup>73</sup> Relato de Jorge Aliberti – aluno de 1939 a 1942, 2007.

<sup>74</sup> Relato de João Batista Borrelli – aluno de 1940, 2007.

foto dos formandos da classe, note os alunos segurando o diploma, possivelmente estão trajando a melhor roupa para essa ocasião.

Assim como o uniforme usado pelos alunos, podemos verificar nas distintas fotos de classes os trajes dos professores. Na figura 14, o professor apresenta-se muito bem vestido, usando terno, incluindo gravata. Nas fotografias referentes às figuras 25 e 26, as professoras aparecem trajando vestidos, enquanto que em outras cenas, como nas figuras 01, 18 e 20, de períodos mais recentes, os professores estão portando sobre suas vestimentas, um jaleco – componente da atual cultura dos professores da Escola Brasil.

Nas figuras 27 e 28 um garoto e uma garota fazem pose para foto no primeiro dia de aula de suas vidas. Observamos, respectivamente, o uniforme característico para o sexo masculino e o feminino durante a década de 1950. Para os meninos: camisa de manga curta e meia na cor branca, bermuda com suspensórios e sapatos; para as meninas: camisa de manga curta e meias na cor branca, saia e sandálias rasteirinhas. Ambos portavam uma bolsa com alça para mão, utilizada no transporte dos materiais escolares. A garota, nesta fotografia (Figura 28), assim como é apresentada em outras fotografias escolares (Figuras 15 e 25) está usando cabelo curto, ao nível das orelhas, seguindo as normas de higiene exigidas pelo grupo escolar.



**Figura 27.** Vanderley Luiz de Paula Moretto em seu primeiro dia de aula no 1º ano do primário, 1952. Acervo de Natalia de Paula Moretto.



**Figura 28.** Elizabete Aparecida Moretto em seu primeiro dia de aula no 1º ano do primário, 1954. Acervo de Natalia de Paula Moretto.

Além das descrições das peças que compunham o seu uniforme escolar, outra aluna enfatiza a obrigatoriedade do seu uso em sua época de estudo:

O uniforme era uma saia pregueada cinza com camisa branca de manga curta, meia três quartos, branca. Depois as meninas passaram a usar calça comprida com uma camisa. Mais tarde, meu último uniforme, foi uma capa branca com dois bolsos laterais, cujo nome da escola estava bordado em seu bolso superior. Sem uniforme, independente de uma situação financeira boa, ou não, os alunos não entravam na escola. Os pais estavam cientes disso. A “Caixa Escolar” doava o uniforme quando justificada a necessidade.<sup>75</sup>



**Figura 29.** E. E. P. G. Brasil, 1979. Fonte: Arquivo do Jornal Gazeta de Limeira.

O uniforme citado pela aluna refere-se aos contidos nas figuras 29 e 36. Ainda na situação da figura 29 configura-se, a partir do sentido – descendo – caracterizado pelos alunos que se encontram na escada de acesso, o momento da saída da escola, ao final do dia letivo. A saída da escola, assim como a entrada, representa períodos de interstícios coletivos de uma extensão do espaço escolar não normatizado – pré-aula ou pós-aula. Constituí-se em tempo de interação e encontro com colegas de outras turmas, amigos, vizinhos ou companheiros no trajeto de ida e volta. Nesse momento de saída da aula, possíveis sentimentos podem ser apresentados pelos alunos: tristeza ou alegria pelo final das aulas; expectativa de rever o pai e a mãe e relatar o que aprendeu na escola; alívio por ter terminado a aula e imensa vontade de

<sup>75</sup> Relato de Margarete Piva – aluna de 1976 a 1983, 2007.

chegar logo em casa. Nesta fotografia é possível identificar, logo à frente, um garoto de costas portando uma bolsa de alças para os ombros, cujo modelo seria muito utilizado nas décadas futuras.

Hoje em dia, dentre o conjunto de peças que compõem as vestimentas do aluno, muitas escolas, como a Escola Brasil, há a padronização apenas da camiseta, sendo esta a mesma para meninos e meninas, variando-se as demais peças, sem obrigatoriedade por tipo de calçados, saias, calças, bermudas ou vestidos, desde que trajados adequadamente ao ambiente escolar. A escola incentiva os alunos a usar o uniforme, conscientizando-os da sua importância e fornecendo uniformes aos alunos cujos responsáveis justifiquem não ter condições financeiras para adquiri-los, entretanto, não pode impedir o aluno de frequentar a escola devido ao não uso<sup>76</sup>. Conforme Souza (2008), no final da década de 1970, o uso obrigatório e impecável do uniforme seria cada vez mais flexibilizado, assim como as revistas de uniforme e asseio e as filas para a entrada em sala de aula.



**Figura 30.** Retrato escolar de Luis Carlos Martiniti, 1º ano Masculino do ensino primário de 1961. Acervo de Alessandra de Cássia Camargo.

Nota-se na figura 18, que a turma utiliza distintas camisetas escolares, sendo apenas a de cor branca, a adotada na composição do uniforme geral da escola, pois a de cor verde, é

<sup>76</sup> Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990).

uma camiseta confeccionada especificamente pela turma de formandos, já que são concluintes do ensino fundamental. Atualmente faz parte da cultura da escola, as turmas de formandos elaborarem a própria camiseta, com cores, frases, desenhos, como representação identitária do grupo, representados por classe e série. Já na figura 19, mesmo os alunos portando a camiseta escolar, devido ao clima frio, o uso de agasalhos próprios dos alunos impossibilita a sua visualização, ocultando-o.

O retrato escolar, apresentado na figura 30, representa outro gênero de fotografias escolares tão popular quanto as fotografias de classes. Nela o aluno, que aparece sério e com o olhar em direção à câmera, está trajado com o seu uniforme, cujo bolso, situado ao lado esquerdo da camisa, está inscrita a sigla do Grupo Escolar Brasil. A cena aparece configurada por vários objetos escolares, tendo um mapa ao fundo e sobre a mesa, dividindo espaço com os seus braços, um o globo geográfico e um caderno, como símbolos que exalta a escola, e uma plaqueta indicando o ano correspondente de sua série.



**Figura 31.** Festa Caipira, 1965. Josyane Baccan Queiroz e seu colega Mauro Eduardo Chinelatto de Oliveira. Fonte: Acervo de Josyane Baccan Queiroz.

Dentre as diversas atividades escolares, permeiam o currículo da escola, as comemorações cívicas, exposições e outras naturezas de festas, sendo eventos importantes

para trabalhar conteúdos escolares, divulgação do trabalho da instituição, fonte de arrecadação de renda extra e a promoção da interação entre a comunidade escolar. Tradicionalmente, uma das festas realizadas pela escola é a festa caipira, que faz parte da programação do calendário escolar. Tal festa, geralmente realizada no mês de junho, por isso denominada também “festa junina”, integra uma das festas mais esperadas no ano pelos alunos, sendo um momento de encontro entre alunos, professores e a comunidade escolar num contexto de relações distintas da rotina escolar. Essas festas caracterizam-se por serem muito animadas, com muitas barracas, brincadeiras, música, incluindo a típica dança junina – quadrilha. Os professores comumente trabalham nas barracas e com auxílio de alguns pais, mães, alunos e outras pessoas da comunidade escolar, proporcionam uma variedade de atividades como venda de doces, salgados, correio elegante, com o intuito de entreter, divertir e obter um resultado financeiro a ser revertido em benfeitorias para a própria escola.

A dança junina é uma das maiores atrações dessa festa, além das barracas do palhaço, pescaria, cadeia, caixa-surpresa, correio elegante entre outras. Na figura 31, destaca-se um casal de alunos, caracterizados de caipiras, participando da dança junina. Visualizando suas roupas, confeccionadas com remendos, evidencia que a escola, até hoje, de forma errônea, auxilia na reprodução de uma imagem preconceituosa do caipira, como se fosse um mendigo ou maltrapilho<sup>77</sup>. A representação é sempre de um caipira mal vestido, desleixado e pobre, o que nada mais é do que mais um preconceito tutelado e espalhado pela escola quando se adota este tipo de festa. Vale lembrar, as várias escolas que fazem uma festa num estilo mais “country”, o que dá mais vergonha ainda, pois é adoção cultural de um padrão norte-americano que nada tem a ver com o nosso.

Uma festa que só acontece quando tudo termina é a formatura. Antigamente, na época dos grupos escolares, conforme Souza (1998), durante as festas de encerramento do ano letivo havia as exposições escolares, que representavam um momento de exibição pública aos familiares, à imprensa e a toda população da qualidade do trabalho e das atividades desenvolvidas na escola, apresentando os resultados dos objetos confeccionados pelos alunos na oficina de trabalhos manuais, cadernos, provas, encenações culturais (Figura 40) e outros registros do trabalho escolar. Por meio dessas festas a escola visava estimular as crianças e a criar no povo o interesse pela instituição, reafirmando sua identidade e seu valor social.

Na figura 32, estão representados, tendo como fundo a fachada principal do grupo escolar, todos os alunos formandos do 4º ano do ensino primário de 1952. Destaca-se na

---

<sup>77</sup> É importante lembrar que o diferencial da roupa do caipira é o estilo e não a qualidade, pois assim como outros grupos sociais, existem caipiras de diversas classes sociais.

estética da cena, a simetria na disposição e organização dos alunos, estando as meninas à frente e os meninos ao fundo, com o diretor<sup>78</sup> situado na lateral esquerda e, à direita, o dentista do grupo escolar. Os formandos estão usando calçados na cor preta, enquanto que as meias e o restante da roupa apresentam-se, predominantemente na cor branca, chamando à atenção entre a turma de formandos, uma aluna e um aluno, ambos no lado direito trajando suas roupas na cor preta.



**Figura 32.** Formandos do 4<sup>o</sup> ano do ensino primário de 1952. Fonte: Acervo de Osmar Baccan.

Atualmente, a formatura constitui uma festa sem interesses propagandistas, compondo um evento reservado aos alunos, familiares, professores e funcionários, na qual acontece a entrega do diploma, conforme vemos nas figuras 33 e 34. Constitui-se por uma festa de confraternização que é composta, na maioria das vezes, por uma cerimônia de colação de grau, jantar ou baile. Esta festa representa um rito de passagem que marca o encerrar de uma fase e o iniciar de outra, configurando um momento de comemoração e despedida entre professores, alunos, familiares, funcionários e diretor.

Jorge Aliberti, aluno de 1939 a 1942, ainda guarda consigo, desde a formatura, o seu diploma de quando se formou no ensino primário (Figura 33). Nele podemos observar, na

---

<sup>78</sup> Vicente Ferreira de Camargo.

parte superior esquerda, o carimbo do grupo escolar e na parte inferior esquerda, a sua nota final “56”. Segundo ele, o seu diploma está com essa nota em consequência de ter sido contagiado por caxumba um mês antes de fazer o exame final e não podido frequentar a escola. Hoje em dia, a entrega do certificado de conclusão de curso representa um ato simbólico, pois não se confecciona mais este tipo de documento para os alunos do ensino fundamental e médio. Ao final do curso o aluno solicita um documento equivalente: o histórico escolar.



**Figura 33.** Certificado de conclusão do 4º ano de Jorge Aliberti, 1942. Fonte: Acervo de Jorge Aliberti.

A figura 34 registra uma aluna recebendo das mãos de sua professora o diploma do curso primário. Este é um momento inesquecível tanto para o aluno, quanto para a escola e a família, pois representa uma vitória do aluno que, reciprocamente, reflete o sucesso da escola e da família. Nesse momento deve transbordar no formando, assim como fica evidente na professora, além da alegria nitidamente expressa em seu semblante pela conclusão do curso, uma mistura de diversos outros sentimentos, como saudades dos afetos e dos bons momentos compartilhados entre a sua turma, tristeza por findar uma época e toda uma história que não voltará mais e a preocupação de como será o seu porvir.



**Figura 34.** Formatura do 4<sup>o</sup> ano do primário. A professora Creusa Esteves Barbosa parabenizando a aluna Maria José dos Santos, 1965. Fonte: Acervo de Maria José dos Santos.

Outras atividades comuns nas práticas escolares são aquelas referentes ao desenvolvimento do civismo, como as comemorações das datas cívicas e desfile cívico. A escola sempre aproveita suas datas cívicas para estimular o desenvolvimento do espírito cívico e apresentar aos alunos partes da construção da história do país. Em determinada data cívica, realizam-se atividades comemorativas resgatando o contexto histórico relacionado e a implicação do fato na história do país. As datas cívicas na escola e na sociedade em geral sofreram um abalo devido a uma nova historiografia que mostrou que muitas destas datas e heróis nacionais – analise nosso hino nacional, um poema parnasiano sem sentido para quase todos nós – não passavam de propaganda e história forjada pela República e pelos Governos posteriores.

A prática do canto do hino nacional, conforme é visto na figura 35, sempre constituiu como atividade regular da escola, no entanto, com menor frequência que anteriormente. Atualmente, ao menos uma vez por semana, ela acontece, participando as turmas de todos os períodos<sup>79</sup>. Enquanto grupo escolar, a escola reportava uma concepção de ensino, em que:

<sup>79</sup> Nos estabelecimentos públicos e privados de ensino fundamental, tornou-se obrigatória a execução do Hino Nacional uma vez por semana (BRASIL, 2009). No Estado de São Paulo, desde 1990 com a Lei Estadual nº 6.757, de 15 de março de 1990, publicada no Diário Oficial do Estado de 16 de março de 1990, já era obrigatória a execução vocal do Hino Nacional e o hasteamento da Bandeira Nacional, em todos os estabelecimentos de ensino de 1<sup>o</sup> grau, da rede oficial e particular, uma vez por semana, em dia e horário a serem determinados pelas respectivas diretorias. Arquivo do Diário Oficial do Estado de São Paulo.

Educar pressupunha um compromisso com a formação integral da criança que ia muito além da simples transmissão de conhecimentos úteis dados pela instrução e implicava essencialmente a formação do caráter mediante a aprendizagem da disciplina social – obediência, asseio, ordem, pontualidade, amor ao trabalho, honestidade, respeito às autoridades, virtudes morais e valores cívico-patrióticos necessários à formação do espírito de nacionalidade (SOUZA, 2006, p. 127).



**Figura 35.** Atividade Cívica. Turmas do ensino fundamental, 2009. Fonte: Acervo da Escola Estadual Brasil.

Na figura 35 pode-se observar a preparação dos alunos do ensino fundamental para o canto do hino nacional. Os corpos dos alunos começam a serem disciplinados, adquirindo uma disposição organizada e ordenada, enquanto que alguns seguram em suas mãos uma folha, provavelmente com a letra do hino, para acompanharem durante o canto, detalhe indicador de que estão sendo educados para esta prática. Ressalta-se aqui, a falta de sentido e motivação desta cena, contrastando com situações de fotos antigas em que a ordem e a disciplina parecem dominar todo o espaço. Caracteriza uma atividade que só fazia sentido anteriormente, pela força e pela alienação, como numa ditadura, onde se precisa criar um sentido nacional para que haja um engajamento mental maior, ou numa revolução quando se

procura dar novo sentido à nação. A escola não se encaixa em nenhum caso. Observe a postura dos alunos e suas roupas, a direção de suas cabeças e o rosto nada feliz.

A introdução de disciplinas como Moral e Cívica, Organização Social e política do Brasil e Estudos de Problemas Brasileiros, por exemplo, foi a forma utilizada nos dois grandes períodos ditatórias mais recentes de nossa história: o Estado Novo (1937-1945) e a partir de 1969, continuando nos currículos escolares mesmo após o fim da ditadura militar, em 21 de abril de 1985, até 1993. Essas disciplinas procuraram inculcar determinados conteúdos, valores, normas que visavam disciplinar e despolitizar o estudante, transformando-o em um indivíduo dócil, incapaz de uma visão crítica da realidade em que vivia (TOMAZI, 1997, p. 158).

O desenvolvimento dos valores cívico-patrióticos recebeu destaque nas escolas devido à ideologia do regime militar. A partir de 1971, com a inclusão da disciplina de Educação Moral e Cívica, assim como a Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde como matéria obrigatória do currículo, além do Ensino Religioso, de caráter facultativo<sup>80</sup>, foram introduzidos nas escolas os denominados “Centros Cívicos”, composto por alunos e pelo professor orientador de Educação Moral e Cívica. Nos Centros Cívicos eram desenvolvidas atividades relacionadas à promoção de atividades cívicas e culturais, tais como comemorações das datas cívicas, campanhas de solidariedade (Figura 36), realização de sessões com debates entre alunos a respeito de fatos significativos para a construção da cidadania. Época da ditadura, aqui fazia sentido estas ações na escola. Uma educação dos corpos e das mentes, disciplinarização do sujeito que pertence ao Estado.

Esta cena na figura 36 representa o produto final de mais uma campanha realizada pela escola para o auxílio de entidades beneficentes. Ao redor dos alimentos arrecadados, os alunos postam-se para o registro de mais uma campanha concretizada. Os alunos mais à frente dispõem-se abaixados de modo que se permita a visualização de todos. Mesmo com alguns alunos apresentando-se inibidos, sérios, este, sem dúvida, representa um momento de muita satisfação para todos, pois é resultado das junções das ações de cada um. Podemos notar nos jalecos dos alunos, além da denominação do grupo escolar, um emblema em verde e amarelo, simbolizando a “Semana da Pátria”. As campanhas são constantes na instituição, não sendo atividades realizadas exclusivamente em datas cívicas, cujas atuações concentram-se na arrecadação de alimentos, produtos de limpeza, agasalhos e até mesmo doações em dinheiro. Participar de atividades solidárias, auxiliando ou doando algo de si aos outros, significa ser mais que um cidadão, é ser humano. Iniciativas como esta mobiliza a escola toda, auxiliando

---

<sup>80</sup> LDB nº 5.692, de 11 de agosto de 1971(BRASIL, 1971).

na formação do caráter dos alunos, conscientizando da importância de ajudar os mais necessitados. No entanto, caridade não é bondade e não ajuda em nada a mudança social, ao contrário, mantém este ciclo funcionando. Os jovens deveriam ser educados para serem melhores, menos gananciosos e menos egoístas.



**Figura 36.** Campanha de arrecadação de alimentos para entidades. Galpão da Escola Estadual Brasil, 1977. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Enquanto grupo escolar, a escola utilizava também a “Pasta Cívica” para desenvolver o civismo com os alunos. Nesta pasta, como mostra a figura 37, os alunos escreviam e guardavam a biografia de pessoas ilustres, importantes no cenário político municipal, estadual e nacional. A pasta era totalmente personalizada, constando em sua capa o nome do grupo escolar, nome do aluno e do ano, incluindo os três produtos agrícolas em destaque e responsáveis pela economia no momento, como o café, o algodão e, especialmente, a laranja. Caracterizava-se uma educação para o país, em que o cidadão era muito mais importante do que o braço forte para a indústria. Nesta época ainda se procurava dar sentido ao Brasil, formando brasileirinhos.



**Figura 37.** Pasta Cívica, 1939-1942. Fonte: Acervo de Jorge Aliberti.

O ensino de caligrafia, como se observa na figura 10, conforme Souza (2006) também se prestava ao aprendizado da ordem e dos valores. A letra redonda e bem feita era praticada na escrita de provérbios, ditos e máximas, valorizando o trabalho, a perseverança e as virtudes morais.

Os desfiles cívicos, rituais cívico-patrióticos, legado dos grupos escolares, continuam incorporados às práticas escolares, ainda sendo enaltecidos e incentivados pelo poder público, pois, como observamos na figura 38, são espetáculos de grande visibilidade social, e acontecem todos os anos em comemoração à independência do Brasil. Cada ano possui uma temática, na qual alunos, professores e funcionários empenham-se em desenvolver, apresentar e conscientizar a sociedade quanto a fatos históricos e a cultura vinculada ao tema. Assim como as demais atividades referentes à prática do civismo, o desfile cívico apresenta-se como um ritual dotado de muita ordem e disciplina. À frente deste desfile cívico situa-se a banda fanfarra da Escola Brasil, na qual mobiliza a participação intensa dos alunos, cuja disposição dos integrantes apresenta-se muito bem organizada, com os instrumentos distribuídos de forma simétrica, abrindo e dando ritmo à marcha dos participantes do desfile que se segue, o qual tornava evidente à sociedade os vínculos da escola com a Nação.



**Figura 38.** Desfile Cívico “7 de Setembro”, 2004. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Merece ser destacado o fato de algumas datas comemorativas terem sido excluídas do calendário da escola, como os dias das “Mães” e dos “Pais”, pois o que deveria ser um momento de alegria, muitas vezes se transformara em tristeza pelo fato de algumas crianças não conhecerem algum de seus genitores. Embora a disciplina de Educação Moral e Cívica não integre mais a grade curricular do ensino público do estado de São Paulo, atividades de civismo continuam sendo realizadas, sem que haja uma atualização.

Durante muito tempo, a disciplina de Educação Física também desenvolvia no aluno, além da coragem, o patriotismo. Conforme Souza (2001, p. 96), “a disciplina de Educação Física passou a compor os programas do ensino primário do estado de São Paulo, na última década do século XIX, sob a rubrica ‘ginástica e exercícios militares’”. Possuía uma influência moralizadora e higiênica, preocupando-se em tornar os corpos ágeis, robustos e vigorosos. Tinha por finalidade preparar, especialmente os meninos, deixando-os à disposição para servir à Pátria. Este era o objetivo da escola.

Nesse período o ensino primário do Estado possuía um conjunto de disciplinas abrangendo “leitura, linguagem escrita, caligrafia, aritmética, geografia, ciências físicas e

naturais e noções de higiene, instrução cívica e moral, ginástica, exercícios militares, música, desenho, geometria e trabalhos manuais” (SOUZA, 2006, p. 128), compondo “um programa único para meninos e meninas, com exceção dos trabalhos manuais e ginástica, cuja organização mantinha a diferenciação por gênero” (SOUZA, 1998, p. 172).



**Figura 39.** Aula de Educação Física, 2010. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Nas atuais aulas de Educação Física, conforme vemos na figura 39, não somente alunos de ambos os sexos realizam as práticas no mesmo ambiente, como também, interagem e se tocam um ao outro. Nada de exercícios militares exaustivos e sim estudo e atividades de aperfeiçoamento, manutenção ou reabilitação da saúde do corpo e da mente, atividades não-competitivas e esportes com fins recreativos, jogos grupais e cooperativos, sendo uma disciplina muito mais prazerosa. Aqui a finalidade é o conhecimento corporal, suas possibilidades de ação e suas limitações, tornar o corpo saudável, disciplinando-o e moralizando-o para a convivência com os demais, seja por meio de práticas físicas, como também, por conhecimentos teóricos.

A separação dos gêneros nas aulas de Trabalhos Manuais do Grupo Escolar Brasil pode ser lembrada a partir de relatos de alguns alunos da época. Para os meninos “o professor ensinava atividades de marcenaria, e dentre os objetos produzidos, fiz uma cadeirinha para

criança e um cabo de vassoura”<sup>81</sup> e para as meninas “aprendiam a pregar botão, colchetes, a fazer barra, costurar e bordar”<sup>82</sup>, e as habilidades desenvolvidas na oficina, variavam de acordo com cada professor, sendo que “o professor Nestor Martins Lino gostava muito de trabalhar com a madeira enquanto a professora Cotinha (Maria Pinto Sampaio) ensinava a trabalhar com a palha, fazendo cestas”<sup>83</sup>.

Para a prática dos trabalhos manuais apresentavam como recomendações básicas que os trabalhos fossem realizados pelos próprios alunos e que não fossem utilizados materiais onerosos (SOUZA, 1998). Os reformadores da instrução pública em São Paulo acreditavam que:

Por meio dos trabalhos manuais as crianças de todas as classes sociais aprenderiam a valorizar o trabalho manual. Para as crianças do povo, significava a afeição ao trabalho, o início da aprendizagem de um ofício. Para os filhos das camadas médias e altas, o respeito ao trabalho, elemento de riqueza e progresso da nação (SOUZA, 1998, p. 181).

Ao final do ano havia uma exposição com os trabalhos manuais feitos pelos alunos, que era visitada pelos pais.

Ainda em relação a algumas disciplinas da época de grupo escolar, Josyane Baccan Queiroz, aluna de 1965 a 1969, relata que quando cursou o primário havia aula de religião – mas respeitando a religiosidade de cada um – e a disciplina de Estudos Sociais e aulas de Música e de Orfeão<sup>84</sup>. Ela cita, também, que havia para as meninas aula de Puericultura, e a professora orientadora dividia a classe; os meninos saíam e as meninas ficavam para aprender, por exemplo, como se usava um absorvente. Ela confessa que essa orientação foi importante, pois estavam em período de transição, da infância para a adolescência, o que era algo fantástico para a época, pois muitos pais e mães não tinham a liberdade para estudar esse tipo de assunto: a sexualidade.

Ainda hoje, os pais encontram dificuldades para dialogar sobre a sexualidade com os filhos e, embora os jovens tenham acesso a informações por meio de livros, revistas, televisão, internet e principalmente na rua, não é possível garantir a credibilidade desses dados. Por isso, é necessário encarar a sexualidade como forma de respeito e cuidado com a saúde do corpo, na qual o diálogo consiste numa importante via para a sua orientação.

---

<sup>81</sup> Relato de João Batista Borrelli – aluno de 1940, 2007.

<sup>82</sup> Relato de Jurema Sedamar Fonseca de Oliveira – aluna de 1958 a 1962, 2007.

<sup>83</sup> Relato de Antonio Carlos Micheletti – aluno de 1939 a 1942, 2007.

<sup>84</sup> O canto orfeônico foi uma prática do nacionalismo vigente, criado com a finalidade de desenvolver, por meio do canto, o gosto artístico pela poesia e pela música nacionais (SOUZA, 2008).

Na atual grade curricular, o ensino fundamental apresenta em sua base comum e diversificada as disciplinas de Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Texto, Geografia, História, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, Língua Estrangeira como o Inglês, Arte, Educação Física e Ensino Religioso – matrícula facultativa. Já o ensino médio possui na base comum e diversificada as disciplinas Língua Portuguesa e Literatura, Geografia, História, Matemática, Língua Estrangeira: Inglês, Sociologia, Filosofia, Biologia, Química, Física, Educação Física e como oficinas curriculares as disciplinas de apoio de Língua Portuguesa e Literatura, História e Matemática.

Diante de diversas disciplinas, torna-se interessante ressaltar o momento de transição do ensino fundamental I para o II, pois no primeiro curso, a escola apresenta para o aluno a cultura de um único professor ministrando todas as disciplinas, ao longo de todo o ano letivo; logo mais, no curso seguinte, defronta com uma nova cultura de divisão de trabalho, com vários professores, um para cada disciplina. Esta transição é muito significativa para alguns alunos, que ficam amedrontados diante de tantas mudanças, sendo necessária a atenção do professor durante esse processo.

Para diagnosticar a eficiência dos métodos e técnicas usadas no processo educacional, a escola realiza constantes avaliações. Na sala de aula, o professor avalia o desenvolvimento de seu trabalho, continuamente, desde uma mera observação da participação e criatividade do aluno à realização de provas, como apresentado na figura 19, analisando as facilidades e dificuldades apresentadas pelo aluno durante o ato de construção de seu conhecimento. O propósito da avaliação é verificar o nível de desenvolvimento de habilidades e competências em relação a determinados conteúdos, em decorrência de determinadas técnicas utilizadas, que podem ser realizadas por meio de provas escritas (Figura 19), orais e práticas (Figura 40). Dessas, há aquelas de caráter individual e ou em grupo, afinal, além de o aluno adquirir a capacidade de posicionar-se diante de uma situação da vida cotidiana, solucionando-a, é necessário que ele seja capaz de interagir em equipe. A verificação do rendimento escolar, independente da natureza da avaliação, deve ser “contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais”<sup>85</sup>.

Na época de grupo escolar, as provas eram mensais e havia um caderno específico para a realização delas (Figura 23), e “ao fim do ano havia, também, um exame e somente depois de aprovado fazia o exame de admissão para entrar no ginásio. O aluno que não estivesse

---

<sup>85</sup> LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996).

alfabetizado e que não dominasse as operações matemáticas não iria para a série seguinte; reprovava mesmo”<sup>86</sup>. Conforme Souza (2008, p. 50), “os rígidos critérios de avaliação escolar consolidados na escola primária são reveladores das contradições que marcaram a institucionalização da escola no Brasil, isto é, uma educação voltada para o povo, mas altamente hierarquizada e excludente”.

A partir de 1971, em virtude da junção entre o curso primário com o curso ginásial num só curso fundamental de oito anos, foi eliminado um dos pontos de estrangulamento do antigo sistema, ou seja, a passagem do primário para o ginásial, feita por meio dos chamados exames de admissão, agentes de seletividade no ensino (MARCILIO, 2005), sendo instituída uma concepção de avaliação mais qualitativa e flexível, introduzindo o sistema de recuperação de alunos e o conselho de classe e série<sup>87</sup>. Na educação contemporânea, após a implantação da progressão continuada<sup>88</sup>, na qual se defende o respeito ao ritmo individual de cada aluno, verifica-se a sua ineficiência prática, constatando-se que o aluno é aprovado de uma série para outra no ensino fundamental, independente de seu rendimento, bastando apenas possuir a frequência mínima de 75%. Já no ensino médio, o aluno com rendimento insatisfatório em até três componentes curriculares também é aprovado. Há casos em que o aluno, propositadamente, aproveita-se dessa situação, compreendendo que é seu direito apenas frequentar à escola, no caso do ensino fundamental, enquanto no ensino médio, escolhe até três disciplinas para não estudar.

Contudo, na escola também há os momentos dedicados ao lazer e às brincadeiras. Observe o prazer das crianças na figura 40, durante apresentação de um teatro. Brincadeira como essa que desenvolve a imaginação, criatividade e a capacidade motora e de raciocínio é conhecida também como atividade lúdica, importantes para o desenvolvimento afetivo, motor, mental, intelectual, social, enfim para desenvolvimento integral da criança. Entretanto, a maior frequência das brincadeiras ocorrem comumente no recreio. Neste intervalo os grupos de pessoas não se misturam. Os professores dirigem-se a uma sala específica e os alunos ficam no pátio, em geral brincam por série, tamanho, sexo, faixa etária, sendo vigiados pelos inspetores. As brincadeiras, ações características das crianças e, conseqüentemente, constantes nas práticas escolares, variam de natureza conforme a época. Durante as décadas de 1980 e 1990, nós, meninos, ainda brincávamos muito de pega-pega, bola de gude, esconde-esconde,

---

<sup>86</sup> Relato de Valmir Benedito Silveira – aluno de 1964 a 1968, 2007.

<sup>87</sup> LDB nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 (BRASIL, 1971).

<sup>88</sup> LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996).

futebol, queimada; as meninas brincavam de roda em volta da árvore, amarelinha e diversas outras brincadeiras simples.



**Figura 40.** Apresentação no palco da escola, 1970. Acervo de Cláudia Ferrari Iaquina.

Ao contrário de hoje, as brincadeiras eram mais primitivas, feitas com a imaginação e com o uso da natureza, do que com aparelhos eletrônicos e de informática. Durante o recreio não se vê mais aquelas brincadeiras clássicas, e sim quase todos os alunos portando e usando seus aparelhos eletrônicos – aparelho de som, celular, notebook – entretendo-se com jogos, música, fotografias, sendo muito mais um momento de encontro, para conversas, paqueras e brigas. Isto se chama mitologização da vida adulta, ou seja, há uma constante adoção de postura de “adultos” por parte das crianças e adolescentes, sem que haja processo de aprendizado, sem que haja crescimento. As brincadeiras que fazíamos na nossa época soam como coisas de criança, e hoje o que se vê no recreio e nos corredores é uma postura imatura, pois eles não são ainda formados, mas com ares de não-criança e não-adolescente. O resultado disso vemos em cada sala. Isto, porém, é um perigo no sentido em que os alunos se expõem a um mundo que exige certo tipo de experiência e conhecimento que eles não possuem, o que redundará num simulacro bem mal-feito. O mercado estimula esta situação na medida em que

oferece produtos para estas faixas etárias, que nada lembram as brincadeiras infantis. O problema não é a mudança no cenário, é o fato de a escola não estar sabendo se encontrar neste novo universo, não estar sabendo se reinventar.



**Figura 41.** Rádio da escola, 2002. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Veja a figura 41, para garantir o entretenimento e um ambiente mais agradável, muitas escolas tocam músicas no momento do intervalo, e algumas escolas até possuem uma rádio própria, dirigida pelos alunos integrantes do grêmio estudantil, na qual os alunos revezam o comando no seu contraturno de estudo. Perceba a alegria dos estudantes comandando a rádio. Ao mesmo tempo que proporcionam essa recreação, eles próprios se divertem.

O recreio, além de ser uma pausa para descontrair e relaxar, é momento para tomar água, ir ao banheiro e se alimentar. A escola proporciona merenda para os cursos de ensino fundamental e do médio, sendo a refeição diária para vários alunos que não tem o que comer em casa e para aqueles que emendam turnos, da escola para o trabalho ou do trabalho para a escola. Sem dúvida, o aluno bem alimentado há de ter maior disposição para participar e realizar as atividades propostas no processo de ensino e aprendizagem. Conforme vemos na figura 42, o refeitório é frequentado por muitas crianças, muitas já acomodadas às mesas e várias outras ainda concorrem e aguardam na fila por um prato de refeição. Este momento, para as merendeiras deve ser de muita satisfação, após prepararem e distribuírem centenas de

pratos com alimento poder admirar a alegria que as crianças sentem ao receber a sua porção nutritiva.



**Figura 42.** Refeitório, 2010. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Entretanto, nem sempre existiu merenda: “Cada aluno levava o seu lanche e quando havia algum aluno sem lanche, sempre repartiam a merenda com ele”<sup>89</sup>. Outros alunos até improvisavam:

No grupo escolar só se tomava água e minha mãe, quando podia, me dava dinheiro e eu comprava um sorvete ou então ela me dava um pãozinho e como não tinha manteiga e o fogão era de lenha, ela cortava e esquentava o pão e punha banha de porco e embrulhava num saquinho e ia para a escola.<sup>90</sup>

Era comum nas primeiras décadas da segunda metade do século XX a criança levar o seu material em bolsas, como se vê nas figuras 27 e 28, e lancheira com garrafa de suco ou água para ser tomada no momento do recreio. Atualmente a merenda é definida como uma política pública educacional, custeada pela Prefeitura Municipal. No entanto, em sua origem até a década de 1950, foi um empreendimento voluntário da comunidade escolar promovido, inicialmente, pelos contribuintes da “Caixa Escolar”, fornecendo alimentação a todos os

<sup>89</sup> Relato de Maria José dos Santos – aluna de 1962 a 1965, 2007.

<sup>90</sup> Relato de Jorge Aliberti – aluno de 1939 a 1940, 2007.

alunos carentes, fortalecendo o vínculo da criança com a escola e evitando a evasão escolar, pois muitas delas chegavam à escola sem ter ingerido qualquer alimento.

Somente em 1955, por meio de transferência de recursos financeiros, é garantida a merenda para a educação infantil e o ensino fundamental<sup>91</sup>, e a partir de 1988 adquire o caráter de programa suplementar<sup>92</sup>. Mesmo havendo merenda, o lanche de muitas crianças era preparado em casa e, com o tempo, a partir da introdução das cantinas nas escolas, levar lanche passou a ser um grande “mico”.

Finalmente, pode-se contemplar a instituição escolar como um grupo social e detentora de uma cultura própria, transformada e consolidada ao longo de tempo de forma dinâmica. A cultura escolar caracteriza a escola conforme a sua função, dando forma às atividades escolares e confirmando o quanto é importante para a manutenção do processo educacional.

---

<sup>91</sup> Decreto nº 37.106, de 31 de março de 1955 (BRASIL, 1955).

<sup>92</sup> Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988).

#### 4. O PROCESSO EDUCACIONAL

*A superação da contradição educador-educando caminha em um percurso de reconhecimento das determinações constituídas no plano da necessidade e no plano da realidade, com a capacidade de distinguir aquelas determinações inerentes à condição material da existência daquelas produzidas historicamente. Neste esforço de distinção, o diálogo se faz presente como dispositivo político do processo educacional. Por meio do diálogo, educador e educando rastreiam em meio às determinações impostas sobre a vida para deslocar para as possibilidades, para o exercício das escolhas que lançam ao ser mais (DIAS, 2010, p. 25).*

Compreende-se por processo educacional o modo como a educação se realiza, ou seja, implica na interação entre um conjunto de elementos e técnicas necessárias para que haja educação. O processo educacional possui como elementos fundamentais o professor, o aluno, a família e o sistema gestor, além de outros diversos fatores e materiais indispensáveis e importantes para que a educação aconteça. O conjunto de todas as experiências e atividades escolares de aprendizagem proporcionadas por meio do processo educacional compõe o currículo escolar, englobando disciplinas específicas para determinado curso ou grau de ensino e seus respectivos programas de ensino. Essas atividades e experiências correspondem a uma finalidade e são realizadas conforme um plano de ação determinado, ou seja, de acordo com o projeto pedagógico da escola. Logo, o processo educacional constitui a forma como a escola organiza o trabalho dos profissionais da educação e de sua prática pedagógica – complementada pelo auxílio dos demais integrantes da comunidade escolar, recursos didático-pedagógicos, espaços físicos, metodologia – para o desenvolvimento do currículo escolar, sendo orientado por uma proposta pedagógica.

A proposta pedagógica, com suas finalidades política e pedagógica – compromisso com a formação do cidadão e intencionalidade da escola, respectivamente – direciona o processo educacional conforme a realidade do estabelecimento de ensino e da sociedade em que está inserida. Para isso, a escola, com a participação dos docentes e demais profissionais

da educação constrói o seu projeto pedagógico (BRASIL, 1996), mediante reflexões com representantes de pais e alunos e de acordo com os seus problemas, peculiaridades e respeitando as normas de seu sistema de ensino.

#### **4. 1. Organização do trabalho escolar.**

A escola contemporânea apresenta características que são legados da escola graduada, compreendendo uma organização didático-pedagógica e administrativa mais econômica e racional, constituído por um edifício com várias salas de aula e vários professores, baseada na classificação dos alunos<sup>93</sup> e na divisão do trabalho docente por classes e séries, seguindo um calendário letivo, em que os dias que o compõem se distribuem em períodos de aula. Aspectos como esses estão representados nas fotografias de classe, nas quais uma turma de alunos, na maioria das vezes, aparece acompanhada pelo professor, posicionado ao lado ou no centro do grupo e, às vezes, também, com a presença do diretor, como na situação da figura 22, cuja diretora e a professora aparecem ao fundo, em pé. Para Souza (2001), fotografias de classes como esta representa a reprodução da estrutura essencial da escola graduada, na qual as relações de hierarquia e poder, que juntam os diversos membros do grupo retratado, diretor-professores-alunos, conserva-se na representação da classe, esta unidade de racionalização escolar. Portanto, conforme Souza (2008), a série tornou-se a matriz estrutural da organização do trabalho escolar, cuja unidade temporal, aliada aos horários escolares e aos sistemas de exames, configurou as rotinas escolares, consolidando práticas que compõem uma identidade da instituição educacional.

Na escola, na esfera administrativa, o diretor é responsável pelo gerenciamento das atividades pertinentes, dos recursos financeiros e humanos, como o controle dos funcionários e professores, e pela manutenção da ordem e disciplina dos alunos, enquanto no campo pedagógico, o currículo apresenta uma ordenação temática cujos conteúdos são distribuídos por disciplinas e séries, com professores correspondentes para cada classe da série, ou nas séries iniciais do ensino fundamental, ou para cada disciplina da série, nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio, incluindo meios de avaliação e instrumentos de controle do tempo – calendário letivo e jornada escolar.

---

<sup>93</sup> Ao contrário do critério de homogeneidade adotado na organização das classes enquanto grupo escolar, conforme a idade e mediante avaliação, por níveis de adiantamento, atualmente as classes encontram-se cada vez mais heterogêneas, permanecendo apenas o critério da idade (SOUZA, 2008).

Embora seja evidenciada apenas a figura do professor e do diretor, a organização do trabalho escolar depende de um conjunto muito mais amplo de profissionais da educação, atuando em funções de naturezas diversas. Geralmente ocultos, entretanto, desempenhando atividades específicas que implicam diretamente no funcionamento da escola e no processo educacional, são exemplos: o secretário, o coordenador pedagógico, os agentes de serviços escolares como inspetores e auxiliar administrativo e de limpeza e a merendeira.



**Figura 43.** Agente de serviços escolares, 2005. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Na cena da figura 43 flagra-se uma agente de serviços escolares executando a limpeza em uma sala de aula, preparando-a para o uso do professor e alunos. Aqui podemos notar uma situação curiosa, e que muito nos diz sobre o cotidiano escolar. Não há fotografias de profissionais, como essa funcionária, em pose de poder, como o diretor e os professores com sua classe. Observa-se uma sala vazia, o silêncio, e a “falta” de visibilidade de uma funcionária da escola. Possivelmente este serviço esteja sendo realizado antes, depois ou entre turnos das aulas, e todos os detalhes observados como a sujeira pelo chão, pó e fragmentos de papéis depositados sobre as carteiras, os escritos no quadro-negro e carteiras desorganizadas deixarão de existir ao iniciar um novo período de aula. Por isso, embora esse trabalho seja

importante, necessário ao extremo, não é percebido, estampando nesta situação, em nada montada, a falta de glamour e de visibilidade de um funcionário cujo serviço que seria visivelmente notado quando não realizado, pois dele depende um ambiente limpo, higiênico e organizado para o bem-estar de professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem. A cena ilustra esta realidade, basta acabarem as aulas para esses funcionários executarem seus serviços deixando as salas limpas para os próximos alunos e professores.



**Figura 44.** Merendeiras, 2006. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Agora, na figura 44, vemos mais uma destas servidoras da educação. Embora a sua presença, e existência, seja notada somente nos momentos do intervalo escolar, quando os alunos correm para fazer fila, a fim de receber a merenda escolar, seu trabalho se inicia juntamente com o turno escolar, pois a quantidade do alimento varia de acordo com o tamanho da escola; deve estar pronto e com qualidade na hora do intervalo, de todos os turnos. Soma-se a isto o lanche que os alunos recebem ao entrar no estabelecimento, no seu período.

Nestas situações, das figuras 43 e 44, ao contrário de diversas outras fotografias apresentadas, não há um processo escolar visível, como uma sala de aula com alunos, atividades realizadas, professores com seus alunos, há apenas um aparente silêncio e o vazio de um trabalho que, em razão disso, fica o profissional ocultado no interior da escola, não

sendo visto como integrante (mas o é) da rotina da organização do trabalho escolar. O que parece é que esses profissionais entram em ação quando as aulas “terminam”, dão uma “pausa”, quando “não há aluno”. Na verdade o serviço desempenhado por eles integram a atividade escolar. A razão disto pode ter duas causas: o preconceito contra estes tipos de profissionais, que são vistos como mais baixos na cadeia trabalhista (a hierarquia presente na escola, mesmo sendo um lugar de educação), bem como o fato de ter uma visão reducionista do processo educacional, que relega como pedagógicas e importantes para o processo apenas situações que envolvam alunos e professores, e não todo ambiente escolar.

A reflexão que estas imagens suscitam nos leva a questionar o espaço escolar e seus agentes, pois um ambiente escolar e um processo de aprendizado pensado de modo mais amplo devem incluir todos aqueles que estão envolvidos no dia a dia escolar, em todos os seus momentos, pois toda relação travada dentro da escola deve ser imbuída por uma necessidade de construir o conhecimento, e por isso devem todos nele envolvidos participar e ser reconhecidos, ainda mais, estimulados a fazer parte dele, convidados a assumirem o compromisso de criar um espaço de construção do conhecimento. Mas isto só pode ocorrer, como tentamos mostrar, na medida em que deixarmos a concepção de que a aprendizagem só ocorre dentro de uma sala de aula, ou com um professor. Será que somente o aluno tem a aprender num ambiente escolar? Serão os professores tão prontos e completos que não podem participar do processo de aprendizagem também como aqueles que aprendem?

#### **4.2. Frequência às aulas e reunião de pais e mestres**

A assiduidade às aulas sempre foi e continua sendo, sem dúvida, uma condição importante para que o aluno participe das atividades desenvolvidas pela escola e mantenha uma interação, continuamente, com os conteúdos estudados. Entretanto, para estudar, não basta apenas frequentar a escola, é preciso que o aluno seja disciplinado, ou seja, que esteja disposto a concentrar-se nos estudos, permitindo-se fazer parte do processo educacional, de modo que o processo de ensino e aprendizagem seja possível. O processo educacional precisa de todos os seus componentes interagindo entre si, já que na falta de um deles o processo fica falho ou não se efetiva. O processo todo não é hierárquico: precisa da participação de todos os seus membros.

Para que a família acompanhe e seja informada da vida escolar de seu filho, um instrumento de comunicação, tradicionalmente, adotado até os dias atuais pelas escolas é o boletim escolar. A partir dos dados nele contidos pode-se ter um diagnóstico da vida escolar

do aluno, permitindo acompanhar os resultados e orientá-lo no processo de ensino e aprendizagem.

**2º GRUPO ESCOLAR LIMEIRA**  
(Denominação do Estabelecimento)

Aluno *Balthazar da Silveira*

MESES	Com- par- ação	Aplica- ção	Compa- re- mentos	Faltas	ASSINATURA DO PAI OU RESPONSÁVEL	RESIDÊNCIA
Fevereiro . . .	95	80	20	2	<i>Jose B. Silveira</i>	<i>Rua Itaipanga nº 582</i>
Março . . . . .	100	75	27		<i>Jose B. Silveira</i>	<i>Rua Itaipanga nº 582</i>
Abril . . . . .	100	60	21		<i>Jose B. Silveira</i>	<i>Rua Itaipanga nº 582</i>
Mai . . . . .	100	58	25		<i>Jose B. Silveira</i>	<i>Rua Itaipanga nº 582</i>
Junho . . . . .	100	69	8		<i>Jose B. Silveira</i>	<i>Rua Itaipanga nº 582</i>
Julho . . . . .	90	63	22	2	<i>Jose B. Silveira</i>	<i>Rua Itaipanga nº 582</i>
Agosto . . . . .	85	70	27		<i>Jose B. Silveira</i>	<i>Rua Itaipanga nº 582</i>
Setembro . . . .	90	68	23		<i>Jose B. Silveira</i>	<i>Rua Itaipanga nº 582</i>
Outubro . . . . .	90	70	25	1	<i>Jose B. Silveira</i>	<i>Rua Itaipanga nº 582</i>
Novembro . . . .						

O professor *[Assinatura]* provado com a média \_\_\_\_\_, no corrente ano letivo, tem o direito de matricular-se no \_\_\_\_\_ ano, do curso primário, mediante a apresentação deste boletim.  
(Por extenso) \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1939

(Assinatura da autoridade que presidiu aos exames)

**Figura 45.** Boletim escolar de Balthazar da Silveira, 4º ano de 1939. Fonte: Acervo de Maria Antonietta Faber.

Na figura 45 é apresentado um modelo de boletim escolar do ano de 1939, cujo acompanhamento do desempenho escolar do aluno é mensal, correspondente aos meses de fevereiro a novembro e destacam-se as notas de comportamento, as notas de aplicação, o número de dias de comparecimento e a quantidade de faltas. As notas variavam de 0 a 100 e a cada múltiplo de 10 as notas possuíam significados específicos: 0 = nula; 10 = péssima; 20 = má; 30 = menos que sofrível; 40 = sofrível; 50 = para regular; 60 = regular; 70 = para boa; 80 = boa; 90 = para ótima; 100 = ótima. Todo o mês o boletim era entregue ao aluno para que ele fosse assinado por seu responsável e devesse imediatamente ser devolvido. Conforme registrado na parte inferior do boletim, a matrícula no curso primário do ano subsequente estaria condicionada à apresentação deste documento. Um ex-aluno deste período comenta a utilização do boletim, seu rigor e a eficácia no controle das notas e das faltas dos alunos:

Relativo à frequência existia um boletim, no qual a professora fazia chamada e quem faltava, ela punha falta. Em cada mês era registrada a nota referente ao comportamento, ao comparecimento, à aplicação e à falta, daí era entregue o boletim e o aluno levava para o pai assinar. Por meio do boletim, o pai e a mãe tomavam ciência da aplicação, da falta e como é que estava o comportamento do filho na escola. Se baixasse ou diminuísse qualquer nota, o pai ia ver o que aconteceu. Era muito interessante esse método, de levar o boletim para o pai ou a mãe assinar, e não poderia levar de volta se não tivesse assinado, senão o filho não entraria na escola. O boletim ficava guardado na escola. Era um período severo, rigoroso, porém muito bom.<sup>94</sup>

Entretanto, além do boletim, uma ex-aluna de 1975 a 1983, relata que a frequência diária dos alunos era registrada por meio de uma carteirinha na qual:

Todo o dia era entregue ao inspetor de alunos e ela retornava carimbada com a palavra 'presente'. Quando havia lacunas, em casos que os alunos faltavam, vinha escrito em vermelho a palavra 'ausente'. O pai possuía o controle absoluto se o filho havia entrado ou não na escola, pois era somente na última aula que os alunos recebiam a carteirinha.<sup>95</sup>

Atualmente nos boletins escolares constam apenas o rendimento e as faltas bimestrais do aluno em cada disciplina e são impressos e enviados às escolas pela Secretaria de Educação do Estado logo após o término de cada bimestre, ou sendo acessados, virtualmente, e impressos pelo próprio aluno ou responsável diretamente pelo site da Secretaria. O boletim escolar é um documento de caráter informativo, pois ao contrário da década de 1940, não se pode impedir o aluno de participar da aula<sup>96</sup>, no qual o responsável pelo aluno atestará ciência da situação educacional do mesmo, e caso essa comunicação não seja possível por meio do aluno e seu responsável, outros meios de comunicação entre escola e pais são acionados.

Nota-se, como já tínhamos visto no capítulo anterior, como a escola vai perdendo seu poder disciplinar, devido aos novos rumos da educação, mas isto acontece sem a mudança de mentalidade dos servidores da educação e dos pais, que pensam do modo antigo – com hierarquia e autoridade – e, no entanto, são obrigados a trabalhar do novo modo, o que mostra falha, como vemos. Criamos mecanismos para evitar a violência e o poder desmedido por parte dos funcionários e pais, mas não criamos formas eficientes de educação e ordem a partir da nova realidade escolar. Diante do peso que o boletim possuía, o controle que se exercia, evidencia-se o contraste que seu sentido adquiriu hoje, com a falta de controle por parte da escola e dos pais. O processo educacional é um processo de moldagem mesmo, de tornar o

<sup>94</sup> Relato de Jorge Aliberti – aluno de 1939 a 1942, 2007.

<sup>95</sup> Relato de Margarete Piva – aluna de 1975 a 1983, 2007.

<sup>96</sup> Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990).

jovem um cidadão adulto, capaz de utilizar as ferramentas do conhecimento para pensar e compreender o mundo, não é algo mágico, é um processo com certo toque de violência, na medida em que se molda um sujeito. Mas não há civilização, cidadão e pessoa livre sem esta moldagem, já que nascemos sem estas atribuições e as aprendemos socialmente. Mas não está mais sendo criado este tipo de aprendizagem, os jovens estão sendo levados a uma situação de total abandono, enquanto que não estamos sabendo lidar com a nova realidade. Apreciemos o exemplo do boletim, algo banal, podemos dizer, mas que diz muito sobre a realidade escolar.

Outro procedimento da escola manter a família informada da vida escolar de seu filho é a reunião de pais e mestres, realizada, geralmente, no início do ano letivo e ao menos ao final de cada bimestre, logo após a realização do conselho de classe e série do bimestre anterior. A reunião de pais no início do ano letivo faz-se necessária para que os pais, principalmente dos alunos recém matriculados, conheçam a proposta pedagógica da escola e para que recebam ciência do regimento escolar e das normas de convivência. Já a reunião de pais e mestres realizada ao final de cada bimestre, após o conselho de classe e série, é necessária para que o responsável possa inteirar-se da vida escolar do filho referente ao longo do bimestre anterior e momento atual. Todavia, tais reuniões quase sempre não são eficazes, pois os responsáveis pelos alunos mais defasados não comparecem.

Antigamente, conforme relata uma professora do período de 1962 a 1976, “a escola contava muito com o auxílio dos pais, que estavam sempre presentes nas reuniões, e devido a isso, os resultados com os alunos, tanto na disciplina quanto no aprendizado, eram sempre positivos”<sup>97</sup>. Nessa época, como fica evidente, havia um trabalho em conjunto entre a família e instituição. A maioria dos pais frequentavam as reuniões de pais e mestres, participavam da vida escolar de seus filhos e apoiavam o professor. Mas somente numa relação de autoritarismo e violência é que funcionava.

Hoje em dia, conforme mostra a figura 46, os pais estão cada vez mais ausentes na escola e conseqüentemente da vida escolar de seus filhos. Nas reuniões de pais e mestres, momento em que a cadeira de cada aluno deveria estar ocupada por seu responsável correspondente, verifica-se um grande vazio na sala de aula, com apenas quatro pais presentes de um total aproximado de quarenta alunos por sala. Mesmo a escola divulgando e solicitando por meio de convite e convocação a presença dos responsáveis às reuniões, a frequência não é satisfatória. Constatamos o fato de que os estudantes com bom rendimento e disciplinados são aqueles cujos responsáveis frequentam a escola, acompanhando a vida escolar deles. Os

---

<sup>97</sup> Relato de Priscilla Kühl Del Grande – professora de 1962 a 1976, 2007.

responsáveis pelos alunos indisciplinados e que apresentam mau rendimento pouco ou nunca frequentam a escola, razão pela qual esse fato possa justificar tal situação dos discentes.



**Figura 46.** Reunião de Pais e Mestres, com a professora Thais Arruda Ferreira, 2009. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Nesta cena nota-se, também, que não há relação de igualdade entre pais e professores. A professora de pé e de jaleco a conversar com pais como se fosse uma classe de alunos. É preciso que se construa um patamar de igualdade, caso se queira que pais auxiliem na educação, já que é um trabalho conjunto. Por que não se sentarem em roda, todos no mesmo nível e se tratem como iguais, com responsabilidades diferentes, na relação de educação dos filhos? O fim da hierarquia não representa a confusão de competências diferentes, como podemos ser levados a pensarmos, mas o fim da representatividade da força, pois o processo escolar deve visar a igualdade, e a certeza de que há competência diferentes, pois pais e professores não têm a mesma função nem representam a mesma figura. Porém todos devem fazer parte do universo escolar, toda a sociedade deve entender como este processo é importante.

A relação entre a família e o processo de ensino e aprendizagem de seus filhos tem-se caracterizado cada vez mais como inexistente, pois vivemos num contexto em que tanto o pai quanto a mãe, independentemente de classes sociais, trabalham fora de casa, conferindo seus filhos, ainda enquanto criancinhas a creches; quando não, contratam babás. Devido a este fator, a família limitou a atenção, o acompanhamento e a educação dedicada a seus filhos, interagindo cada vez menos com eles. Ao retornarem do trabalho, o pouco tempo que os pais têm, acabam utilizando-o para serviços domésticos ou se deixam “roubar” pela televisão e pela internet, eliminando a oportunidade de diálogo com seus filhos, a privá-los de uma efetiva convivência afetiva, deixando de orientá-los e incentivá-los em aspectos como a vida escolar. Essa problemática tende a se complicar ainda mais quando os pais são separados ou então, quando o turno de folga dos pais no trabalho não é compatível com o momento em que os filhos permanecem em casa.

Assim, a família transferiu toda a responsabilidade para a escola, e a criança, encontrando-se em processo de maturação, poderá ficar desorientada, pois a escola sozinha torna-se insuficiente, já que nela a criança permanece apenas uma pequena parte do tempo. Outro motivo é a falta de entendimento do novo mundo em que nos encontramos. Os pais não sabem lidar com os filhos, pois nunca pensaram nisto; só sabem usar a “autoridade” por meio da violência, porque certamente assim foram criados e é assim que seus amigos também criam os seus.

Num ambiente de total falta de direitos à criança e ao adolescente isto parecia funcionar; a violência era um artifício pedagógico, o que foi rechaçado, e o jovem sabe o que podem fazer com ele. Acontece que vemos pais, cada vez mais, abrirem mão de educar os filhos, para resultar na falta de participação na vida escolar do estudante (apenas um dos aspectos da vida deste), e entregando completamente tal “poder” à escola, que também não sabe lidar com esta nova realidade. É bom lembrar, ainda pensamos com uma “cabeça” antiga uma realidade nova. Soma-se a esta outra situação: a falta de necessidade de estudo, em que o diploma “vale” mais que o conhecimento construído, conquistado e acumulado.

Entretanto, nem sempre foi assim. Apesar da longa jornada de trabalho, os pais sempre encontravam tempo para zelar pela educação de seus descendentes. Cobravam e incentivavam-lhes ao estudo, apoiando os professores e repreendendo seus filhos quando necessário.

Antigamente, quem trabalhava era só o pai, a mãe ficava em casa cuidando do lar, da comida, da vestimenta e ensinava e auxiliava os filhos nas tarefas da escola. O pai trabalhava, mas à tarde ou à noite a família toda estava

reunida e cobrava as lições. Quando se fazia algo errado ou não acompanhava a turma, o professor enviava um bilhete aos pais, chamando-os para irem ao grupo escolar. Os pais nunca ficavam contra o professor e repreendia os filhos em casa.<sup>98</sup>

### 4.3. Relação aluno-escola e professor-aluno

A natureza da relação entre professor e aluno, como também, da relação entre o aluno e o conteúdo estudado consiste em fatores importantes para o processo educacional. A partir da situação apresentada na figura 47, observamos uma turma de alunas do 1º ano feminino de 1954, ano marcado pelo suicídio de Getúlio Vargas, finalizando a época de seu retorno por via eleitoral à presidência (RIBEIRO, 2007). Neste contexto, o professor lecionava, em média, 12 aulas por semana, tendo tempo para preparar aulas e acompanhar seus alunos, recebendo um salário compensador e era considerado por possuir um prestígio social correspondente ao do médico e ao do advogado (GADOTTI, 1980) e de acordo com Souza (2001, p. 90) “o professor ou a professora era digno de respeito, reconhecimento, admiração”, situação contrastante com a realidade atual em que o professor se encontra cada vez mais desvalorizado e desestimulado, com carga horária excessiva e baixa remuneração.

Mesmo diante dessas circunstâncias, existem profissionais que sentem prazer pelo ofício e, diante das diversas contas e impostos a pagarem, ainda têm o salário como consequência do trabalho e não o oposto. Felizmente, ainda existem profissionais que compartilham deste sentimento. Embora, atualmente, diante da desvalorização, pouca remuneração e muito trabalho, ser professor é poder sonhar em conjunto, acreditando na possibilidade de construção, pela educação, de um mundo melhor. No entanto, nem todos os professores agem assim, pois muitos, em razão da baixa remuneração e da necessidade de sobrevivência, perdem o estímulo e mudam de profissão ou, por falta de opção, insistem em continuar, porém desenvolvendo um mau trabalho, sentindo-se desmotivados e transferindo tal sensação e ações para o aluno, que diante de tanto desânimo, falta de entusiasmo e mau desempenho profissional, não se motivam a aprender.

Entre o professor e o aluno existe uma relação de poder, de natureza desigual. São diferentes culturas, classes sociais, raças e gêneros que compõem uma turma de alunos, que convivem em mundos subjetivos (e objetivos) distintos, com muitos sentimentos envolvidos: sucesso, fracasso, justiça, injustiça, amor, ódio, etc., podendo gerar uma relação conflituosa.

---

<sup>98</sup> Relato de Dirceu Messias de Menezes, Horácio Tetzner, Jorge Aliberti, Milton Ferrari e Lázaro de Oliveira Couto – alunos de 1939 a 1942, 2007.

A relação professor-aluno torna-se fundamental para o processo educacional, para a construção da história escolar e de vida do aluno, pois são, também, nestas relações que o aluno constrói sua subjetividade, pois seja

O professor autoritário, o professor competente, sério, o professor incompetente, o professor irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.73).



**Figura 47.** Professora Isabel Ribeiro e sua turma de alunas do 1º ano Feminino, 1954. Fonte: Acervo de Elizabete Aparecida Moretto.

Durante o processo de ensino e aprendizagem, essa diversidade existente numa turma de alunos é ignorada pelos professores, pois muitos desenvolvem suas aulas a um tipo “imaginário” de aluno, que não existe na realidade, ou seja, é idealizado apenas para quem ensina. As possibilidades de uma educação ser transformadora ou conservadora necessariamente passam, também, pela atuação dos professores em relação aos alunos em sala de aula. Diante da dificuldade imposta pela diversidade Tomazi (1997) esclarece que:

Os docentes, na maioria das vezes, não conseguem trabalhar com a diversidade e a heterogeneidade de classes, raças ou etnias no interior das salas de aula, e procuram homogeneizar o que não pode ser homogeneizado, criando assim uma camisa-de-força que enquadra todos num mesmo padrão,

quando nos melhores sistemas educacionais e nas propostas pedagógicas mais contemporâneas é fundamental essa diversidade, para que as crianças possam desde cedo viver num mundo real, e não imaginário, desenvolvendo antes de tudo o senso de respeito para com os outros (TOMAZI, 1997, p. 44).

Retomando a fotografia de classe destacada na figura 47, verifica-se que a turma é composta apenas por meninas, evidenciando que a separação de sexos ainda era uma característica presente neste o período (década de 1950), sustentando a ideia de diferença e desigualdade entre meninos e meninas. Os meninos e as meninas não se misturavam, ou seja, a interação entre crianças de sexos diferentes não era permitido na formação das classes, nem mesmo na entrada e saída da escola e durante os intervalos e momentos de lazer, jogos e brincadeiras. A escola era composta por turmas masculinas e femininas, cada qual com seus espaços e momentos diferentes.

[...]. As meninas, geralmente, comiam seus lanches trazidos de casa em volta das árvores. Depois, adorávamos nos enfeitar com flores e brincar de roda em volta da árvore mais florida. Os meninos iam geralmente para a cozinha, também em fila e comiam a merenda [...]. Depois que os meninos comiam, eles brincavam longe das meninas, de bolinha de gude ou pega-pega. Cuidar da horta também era tarefa só para meninos. As filas também eram separadas por sexo. Os meninos tinham a tarefa de apagar a lousa no final da aula e as meninas de verificar se a classe estava limpa.<sup>99</sup>

Como o apresentado anteriormente em depoimento, apesar de a escola ser mista, as turmas eram separadas em masculino e feminino, incluindo as atividades desempenhadas por cada gênero em sala de aula e, também, no recreio, com áreas específicas para meninos e meninas, sem comunicação entre si. Havia disciplinas voltadas apenas para um destes grupos, a partir de padrões evidentemente discriminatórios, como curso de economia doméstica, bordado, puericultura e oficinas de corte e costura para meninas, enquanto os meninos frequentavam cursos de oficina mecânica e marcenaria. Nas aulas de Educação Física, geralmente, eram reservadas aos meninos práticas consideradas como tipicamente masculinas, como o futebol, enquanto às meninas eram destinadas práticas como a dança, na qual era comum o par ser uma menina vestida de menino.

A divisão sexual do trabalho no magistério primário e a natureza na composição das turmas no período de grupo escolar pode ser remetida pelas fotografias de classes, como também, pela relação dos primeiros professores do Segundo Grupo Escolar de Limeira, na qual se observam muito mais turmas do sexo masculino do que feminino, e que os professores

---

<sup>99</sup> Relato de Jurema Sedamar de Oliveira Figueiredo – aluna de 1958 a 1962, 2007.

do sexo masculino lecionavam apenas para turmas de meninos, enquanto professores do sexo feminino lecionavam para turmas de ambos os sexos, até meados do século XX. Souza (2001) descreve que o diretor da escola era quase sempre do sexo masculino.

Em relação à formação de turmas, de acordo com AUAD (2006), os seres humanos devem ser educados e não adestrados, dessa forma a escola pode ser um espaço de aprendizado da separação ou importante espaço para a emancipação e mudança, dependendo somente de como os professores e professoras lidam com as diferenças, ao mesmo tempo em que valorizam a relevância de oportunidades iguais para meninos e meninas. Os estereótipos construídos pela sociedade estão presentes na escola e provocam separação, submissão e poder, tornando os meninos, conseqüentemente os homens, sempre como rebeldes, desleixados e fortes, e as meninas, também as mulheres, como submissas, caprichosas e frágeis.

Apesar dos avanços sociais e legais a favor de mudanças em busca de maior igualdade de oportunidades e tratamento entre os sexos, em nosso cotidiano ainda deparamos com situações de discriminação relacionadas ao gênero. Na escola, a instituição de padrões fortalece a homogeneidade entre os indivíduos, contrariando a diversidade do ambiente escolar, já que os alunos são constituídos por diferenças culturais, sociais e econômicas. Para Auad (2006), não se deve estabelecer padrões para meninos, meninas, jovens, homens, mulheres, idosos, idosas, sejam deficientes ou não. As relações de gênero devem ser entendidas como socialmente construídas, rescindindo paradigmas quanto às posições historicamente definidas para homens e mulheres na sociedade, como natural. A autora enfatiza que é a diversidade existente entre as pessoas torna o mundo num ambiente muito mais rico para se viver.

No Grupo Escolar Brasil, somente a partir de 1969 todas as turmas passaram a ser mistas<sup>100</sup>. Segundo Souza (2001, p. 88), “classes masculinas e femininas registram a divisão sexual predominante no ensino público até o início dos anos de 1970, motivada e mantida por princípios morais”. E, mesmo posteriormente, na formação de turmas mistas, havia a separação de gêneros por fileiras. Atualmente esse interdito não existe mais, pois meninos e meninas convivem nos mesmos espaços físicos. Entretanto,

[...] a mistura de meninas e meninos no ambiente escolar é insuficiente para o término das desigualdades. Isso só irá ocorrer quando, além de garantir a convivência entre os sexos masculino e feminino, também forem combatidas

---

<sup>100</sup> Livro de Matrículas, 1969. Arquivo da Escola Brasil.

a separação e a oposição dos gêneros masculino e feminino (AUAD, 2006, p. 55).

Isso demonstra que há muito ainda por fazer, com o intuito de eliminar das escolas os flagrantes resíduos do paternalismo e do tratamento diferenciado que tem resistido à democratização da relação homem-mulher. Diante dessa situação, resta à escola o desafio de superar essa prática reprodutora de estereótipos, adotando novas práticas que possam, efetivamente, contribuir para a mudança de atitudes.

Na figura 47, pode ser verificada também, a heterogeneidade racial dos alunos, apresentando um pequeno número de crianças negras na formação da turma. Dentre as crianças da turma observam-se apenas duas crianças negras, destacando o ínfimo acesso desse grupo étnico à escola nesse período. Essa evidência é constatada, ainda, em diversas outras turmas de alunos da década de 1940 e 1950 – como nas figuras 14, 25 e 26 – com, respectivamente, três, dois, e três alunos negros na formação de suas turmas, retratando, portanto, a exclusão social do negro na Educação.

Nos dias atuais, de acordo com o relatório do UNICEF (2009), 97,6% de crianças de 7 a 14 anos – faixa em que se concentra a obrigatoriedade do ensino fundamental<sup>101</sup> – estão matriculadas na escola, entretanto, os 2,4% que estão fora da escola que representam cerca de 680 mil, dos quais (66%) 450 mil são negras. Isso evidencia que as desigualdades presentes na sociedade ainda têm um importante reflexo no ensino brasileiro.

De forma curiosa, aquelas duas meninas negras na formação da turma, como destacado na figura 47, formavam par numa mesma carteira e embora seja espontaneamente ou por imposição, a situação apresenta um isolamento das duas meninas em relação ao restante do grupo, fazendo alusão a eventuais atitudes preconceituosas e discriminatórias. Embora nos dias atuais esteja muito difundida a ideia de que a constituição do povo brasileiro é caracterizada pela miscigenação e pela diversidade cultural, ainda estamos distante de uma sociedade inclusiva e democrática, que prima pela igualdade de oportunidades para todos. As discriminações, preconceitos e a falta de respeito às diferenças, continuam presentes no âmbito escolar, e, às vezes, aparecem de forma explícita ou implícita. De acordo com Itani (1998), o preconceito étnico faz parte do comportamento cotidiano, sendo o mais frequente na sociedade brasileira e, conseqüentemente, na prática escolar, fazendo os negros se

---

<sup>101</sup> A partir de 2010, o ensino fundamental deverá ter nove anos de duração, sendo obrigatório para a faixa etária de 6 a 14 anos. O último ano da educação infantil transformar-se-á no primeiro ano do ensino fundamental (BRASIL, 2006).

defrontarem constantemente com atitudes preconceituosas, seja em atitudes ou gestos, discursos e palavras.

Portanto, sem dúvida, a relação professor-aluno implica de forma decisiva para o processo educacional e, por meio dela dependerão as características e os resultados do processo de ensino e aprendizagem, cabendo ao professor a responsabilidade de estabelecer as condições para que ela ocorra. Ainda na figura 47, analisando a relação professor-aluno, podemos destacar algumas diferenças em relação ao contexto atual. Observamos que as carteiras eram voltadas em direção ao professor e fixas ao chão, de forma que não possibilitava uma disposição diferente. Constata-se também que, durante o momento do registro da cena, as crianças encontram-se com os braços cruzados, poucas emitem sorrisos e isentas de quaisquer outras demonstrações de alegria, aspectos que revelam uma situação de submissão das alunas em relação ao professor, detalhes que sugerem a escola como um espaço para o condicionamento comportamental mediante uma rigorosa disciplina, ordem, obediência e silêncio. Ao menos nesses quesitos, como se observa na fotografia de classe, brancos, negros, filhos de imigrantes ou não, eram submetidos aos mesmos padrões morais e às mesmas regras comportamentais. Era uma época em que os alunos eram repreendidos, ou seja, sem liberdade de expressão de seus anseios, dificuldades e necessidades.

No plano das representações que os professores fazem do aluno, normalmente o bom aluno é aquele que é asseado, estudioso, atencioso e, principalmente, obediente, o que quase sempre significa ser submisso. Ora, com isso pode-se estar criando um indivíduo automatizado, sem iniciativa, que será quase sempre dominado. Se ele não pode ter iniciativas, por mais sensatas que possam ser, no ambiente da escola, possivelmente se sentirá tolhido em fazer isso em outras situações, em outros lugares, e a escola torna-se, portanto, um local de reforço de tal comportamento (TOMAZI, 1997, p. 44).

Nesse período a educação restringia-se ao ambiente da sala de aula, com a utilização dos recursos do quadro-negro e giz, o professor transmitia o conteúdo como verdade absoluta e de forma autoritária, e o aluno assumia um papel passivo no processo educacional, sendo uma relação em que o professor era o único detentor do conhecimento e o silêncio na sala de aula fazia-se necessário para que a transmissão do saber fosse efetuada com sucesso. O escrito na parte superior do quadro-negro da sala de aula dizendo “Faça o favor de ficar quieto” auxilia a justificar a relação analisada. Isto explica o sucesso em termos de disciplina neste período escolar, como já abordei anteriormente.

Nas salas de aula há uma determinada disposição espacial das mesas, carteiras e armários e, como vemos na Figura 47, à frente da sala possui um espaço destinado à mesa do

professor cuja disposição encontra-se à frente das carteiras dos alunos, que geralmente estão dispostas em filas, e esta relação na organização do mobiliário já define uma visão de como é o processo de ensino e aprendizagem. O professor situa-se num lugar de destaque, às vezes ainda mais alto que o resto da sala, o que lhe confere, especialmente, uma visibilidade geral e, conseqüentemente, autoridade para poder controlar, vigiar e disciplinar por meio de um simples olhar, além de representar e diferenciar quem sabe e deve ensinar de quem deve aprender. Esse controle inicia-se com a chamada nominal, para saber quem está ou não na sala de aula.



**Figura 48.** Professora Lisandra Taveira Nogueira Sérgio e sua turma de alunos da 5ª série do Ensino Fundamental, 2009. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Atualmente, a escola tende a uma tentativa de democratização no ato de educar, a partir da interação do aluno no processo de ensino e aprendizagem, no qual o professor assume um papel de orientador e o aluno é percebido em sua singularidade e suas diferenças individuais. No entanto, apesar do empenho do professor em atender os alunos individualmente conforme suas especificidades e necessidades, devido ao excesso de alunos

nas salas de aula, essa iniciativa tem sido prejudicada e isento de opção, o professor ainda acaba por ministrar a mesma aula a todos da turma, ignorando a heterogeneidade dos alunos.

Porém, se ele pode ter esse espaço para a criatividade e a diversidade na sala de aula, então o (a) professor (a) estará ampliando as possibilidades de esse aluno criar, ser inventivo, questionar, enfim, participar do processo de transformação da sociedade em que vive, não só naquele espaço, mas em qualquer outra situação (TOMAZI, 1997, p. 44).

Se nas salas de aula atuais, o aluno ainda não adquiriu uma postura de protagonista na construção do próprio conhecimento, sendo livre para expressar e participar, posicionando de forma crítica perante as situações do cotidiano escolar, existe ao menos muito mais liberdade, conforme atesta a figura 48, por meio dos risos e da postura desordenada dos corpos dos alunos. Percebe-se também, mudanças na organização espacial da sala de aula, acabando com a rigidez na disposição das carteiras enfileiradas e voltadas para o professor. As carteiras apresentam-se na forma individual e móvel, permitindo a realização de atividades diversificadas, com disposição da classe em diferentes formas, como em grupos ou círculos, adequando-se à necessidade da situação e à proposta de desenvolvimento da atividade, sob a orientação da professora, que se desloca para todas as partes da sala para atender as necessidades específicas de cada aluno. Mas, mesmo que exista esta diferença no plano físico-espacial da sala, ainda o conhecimento é tratado de forma autoritária. Eu sempre ouço dos alunos, as seguintes perguntas: – Professor, a resposta está no livro ou no caderno? Na sua cabeça, onde ela sempre estará, digo. – Professor dá prova de “xizinho”? A natureza dessas interrogações demonstra que ainda falta muito para conquistarmos o protagonismo no conhecimento.

#### **4.4. Escola, ciência e tecnologia**

Ainda que esteja distante uma qualidade na educação escolar, é fato que a sua natureza não é mais a mesma, pois com transcorrer do tempo, o homem constantemente vem transformando o mundo, tornando-o cada vez mais desenvolvido tecnologicamente, e cujo ensino restringia-se a recursos convencionais como o quadro-negro e giz (Figura 47), atualmente contrasta com o uso de aparelhos eletrônicos e de informática (Figura 49).

Nascer no Brasil hoje é bem diferente de ter nascido no Brasil nas décadas de 1950, 1930, ou do início do século XX. Só para dar uma idéia: o telefone, seja ele particular, seja público, é algo muito recente na realidade brasileira. Nos anos de 1950, era difícil fazer uma

ligação de uma cidade para outra, e, mais ainda, de um estado para outro. Telefones públicos eram raros, ou quase inexistentes, mesmo nas grandes cidades. Geladeiras e fogões a gás também eram bens que poucos possuíam. Se voltarmos um pouco mais para a década de 1930, e examinarmos a situação do Brasil, iremos perceber que a diferença era ainda maior, pois grande parte da população vivia na zona rural, com pouca informação (TOMAZI, 1997).

Num fragmento de depoimento, uma aluna do período de 1954 a 1957, expõe: “Não tínhamos televisão, computador, telefone, carro próprio, aparelho de som com ‘CD’, celular e outras utilidades que facilitam nossas vidas (ou dificultam)”<sup>102</sup>. Isso evidencia que os alunos viveram e estudaram numa época em que esses objetos e demais tecnologias de informática e informação eram ausentes e mesmo assim, a inexistência deles não impediu a eficácia do ensino, fazendo com que os alunos aprendessem e obtivessem sucesso.

Pela época era uma escola que não ficava devendo nada para a de hoje. A escola foi feita mesmo para estudar e tenho muitas recordações de que o estudo era bastante aplicado [...]. A alfabetização era muito boa, muito importante, bem avançada.<sup>103</sup>

Hoje, as tecnologias estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano, sendo acessível à grande parte da população e, portanto, não podem ficar ausentes do processo educacional. Tecnologias de informação e comunicação como a televisão, o vídeo, o aparelho de telefonia celular, computador e a internet são responsáveis pela globalização da informação, sobre os mais variados temas e, na escola contemporânea, elas têm sido importantes para a inovação da prática pedagógica do professor e grandes aliados para o processo de ensino e aprendizagem, em especial o computador. De acordo com Marinho (2002), estes são recursos importantes para a educação e inevitavelmente estarão cada vez mais incorporados no cotidiano escolar, pois a escola, principalmente por meio do professor, não é mais a única detentora do cognoscível.

Toda essa tecnologia ampliou o acesso do homem à informação, fator imprescindível para a produção do conhecimento. Antigamente, conforme um ex-aluno de 1939 a 1942, “não havia rádio e televisão, a criança não sabia nada, era na escola que aprendia. Hoje eles assistem televisão, acessam o computador e a internet e sem ir à escola sabem tudo”<sup>104</sup>. O uso das tecnologias na Educação não deve apenas contemplar a introdução de novos recursos na sala de aula, mas, sobretudo, disponibilizá-los aos alunos para que possam interagir e refletir

---

<sup>102</sup> Relato de América Helena Monteiro Patrício – aluna de 1954 a 1957, 2007.

<sup>103</sup> Relato de Pedro Teodoro Kühn – aluno de 1955 a 1958, 2007.

<sup>104</sup> Relato de Jorge Aliberti – aluno de 1940 a 1942, 2007.

sobre o tema proposto, e que nesse processo possa transformar as informações obtidas em conhecimento didático, relacionando com o cotidiano fora da escola.

Atualmente, as escolas possuem sala de vídeo, com televisor, DVD, aparelhos de som e data-show, utilizados pelo professor como recursos para o desenvolvimento das aulas, apresentação de filmes e palestras. A partir de 1998 as escolas receberam uma sala ambiente de informática, proporcionando a inclusão digital tanto para os alunos como para os professores. Nesse momento a máquina de escrever e o mimeógrafo utilizado pelo professor foram substituídos com muito mais praticidade e eficiência pelo computador e impressora.



**Figura 49.** Sala ambiente de informática. Professora Marcia Sueli Feltrin e sua turma de alunos do 3º ano do ensino médio, 2006. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Vemos na figura 49, a sala ambiente de informática sendo utilizada pela professora e um grupo de alunos como recurso para desenvolver o conteúdo e vivenciar atividades de aprendizagem, e como meio para motivação, adequando-se à realidade atual do aluno. A partir postura da professora, que se encontra em pé e logo atrás dos alunos, orientando-os, percebe-se o caráter de sua função, como mediadora da aprendizagem. Nesta cena, durante o

ato fotográfico, alguns alunos são atraídos pela câmera, voltando-se seus corpos e olhares em direção a ela, evidenciando-se o interesse despertado pelo aparato tecnológico, e também, a preocupação em ficar reconhecível na fotografia. Dentre diversas opções de uso da sala de informática, o professor utiliza de softwares, pesquisa na internet e produção e digitação de textos e outros, além de ser utilizada por alunos no contraturno de seus estudos. Contudo, o número ínfimo de computadores mostra-se insuficiente para atender uma turma de 35 a 40 alunos, e por vezes algumas dessas máquinas encontram-se debilitadas, já que sentem a falta de manutenções constantes e nem todas as escolas possuem monitores para auxiliar os professores e alunos. Observando a sala de informática (Figura 49) podemos mensurar apenas 10 alunos e muitos deles formando dupla numa mesma máquina. Daí surge a pergunta: Onde estão os outros 35, 40 alunos? Provavelmente este deve ser um dia atípico, em que a frequência dos alunos apresenta-se baixa e, infelizmente, somente diante de situações como esta o professor pode utilizar esse tipo de tecnologia em suas aulas.

Além de questões materiais, há também, a falta de capacitação dos professores, que emperram o uso das tecnologias na escola. Por isso, não basta apenas que essas tecnologias educacionais estejam disponíveis na escola, elas devem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas visando à construção do conhecimento. Essa é uma tarefa que incumbe também ao professor articular, para isso é necessário que ele esteja em constante processo de alfabetização tecnológica. De qualquer forma, a tecnologia, por si só, não representa a solução dos problemas educacionais.

Contudo, o uso indevido de algumas tecnologias como o aparelho de telefonia móvel (celular) – cada vez mais comum a todas as pessoas e presentes em salas de aulas – com suas múltiplas funções (internet, som, fotografia, etc), tem ocasionado dispersão da atenção das crianças durante as aulas, além de gerar conflitos entre professores e alunos. Devido a situações como estas, o seu uso vem sendo proibido nas escolas de alguns estados, contudo uma solução para esse problema é encontrar formas para utilizar essa tecnologia de informação e comunicação – assim como outras – como mais um recurso didático-pedagógico para o processo de ensino e aprendizagem.

Mesmo diante dessas tecnologias que fornecem de forma rápida o acesso a qualquer informação, frequentar a biblioteca, manusear um livro página a página, continua sendo uma prática insubstituível tanto na escola como na vida cotidiana. O uso das tecnologias de comunicação e informação constitui meios eficientes e motivadores para o processo de ensino e aprendizagem, no entanto não os tornam mais importantes de modo a substituir todos os outros. Precisa-se saber utilizar os diferentes recursos, cada qual explorando o seu potencial e

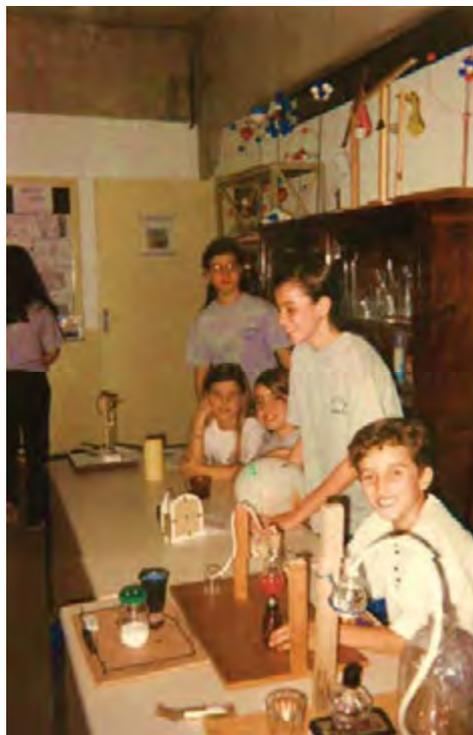
o uso da biblioteca escolar como se observa na figura 50, continua sendo um meio importante para desenvolver o gosto e a prática pela leitura. Na fotografia, repare a imensa quantidade do acervo de livros, embora visualizemos apenas parte da biblioteca. Perceba como os alunos estão à vontade, a julgar pela postura inadequada adotada por seus corpos, e a intensa concentração dos alunos durante a leitura.



**Figura 50.** Biblioteca “José Bento Monteiro Lobato”, 2005. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

A sala de aula ainda pode ser o local da escola onde é processada grande parte do aprendizado dos alunos, no entanto, a educação escolar ultrapassou as suas paredes ou os muros da escola, sendo imprescindível destacar a contribuição complementar de atividades externas à sala de aula e à escola, de relevância educacional, como frequentar a biblioteca (Figura 50), o laboratório de ciências, a sala de informática (Figura 49), o teatro, o cinema, participar de eventos técnicos e científicos (Figura 51), produção de pesquisas e pesquisa de campo, excursões (Figura 52), participação em palestras, debates e até mesmo a televisão, internet, a família e a participação em outros grupos sociais. Assim, uma aula pode ocorrer também fora da escola, num espaço-tempo pedagógico mediante atividades planejadas e

orientadas, contemplando objetivos e finalidades educacionais conhecidos por professor e aluno. O conjunto dessas aulas resulta no processo de ensino e aprendizagem.



**Figura 51.** Feira científica, 1997. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

Faz-se importante que a escola proporcione a comunhão entre a teoria e a prática de seus conteúdos, pois essa relação proporcionará maior compreensão e aprendizado do que está sendo desenvolvido, na medida em que terá sentido para o aluno quando perceber que determinado conhecimento está integrado ao seu cotidiano. Um bom exemplo disso pode-se observar na figura 51, durante a feira científica, quando alunos têm a oportunidade de expor e interagir de forma prática e técnica com o objeto de estudo e os conhecimentos adquiridos em sala de aula, conferindo e aplicando conteúdos estudados. A alegria dos alunos demonstra a satisfação e o prazer de apresentar os seus projetos, o resultado da construção de seus conhecimentos. Outro exemplo encontra-se na fotografia a seguir (Figura 52), confirmando-se a abertura da escola para o mundo, deixando de ser fechada em si, complementando e ampliando o seu currículo com experiências externas, como visitar museus, teatros, conhecer lugares históricos, frequentar o cinema, realizar trabalho de campo e visitar indústrias, instituições beneficentes e de ensino e pesquisa. Observe os estudantes no interior do ônibus durante uma visita. O professor não aparece, provavelmente é quem fotografa. Uma sala de aula móvel, disposta em duas fileiras de poltronas duplas e um corredor central, cujas janelas

laterais são os quadros-negros, que durante o itinerário da viagem, expõem e apresentam o mundo externo. Atividades como essas fogem à rotina do ambiente escolar e instiga a curiosidade do aluno em conhecer o diferente, evidenciando que a busca do saber não é algo restrito à escola, podendo tanto relacioná-lo com situações do cotidiano como retirar experiências do dia a dia para serem complementadas pela instituição de ensino. Portanto, aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos e sentimos. Ao relacionar e estabelecer vínculo com o conteúdo que estava fragmentado, integrando-o em um novo contexto, produz-se significado, descobrindo um novo sentido.



**Figura 52.** Excursão, 2001. Fonte: Arquivo da Escola Estadual Brasil.

De toda forma, embora haja mudanças em vários aspectos da vida escolar, ainda não nos adequamos a ela e não conseguimos construí-las como momentos de aprendizado. Embora tenhamos experimentado inúmeras mudanças na rotina escolar, ainda estamos presos a um paradigma antigo de educação, um paradigma de uma organização em que um dia fomos alunos ou ensinados a pensar. A crise se instala nesta confluência de duas realidades, pois de um lado temos adultos (pais, professores, gestores, funcionários) que estão presos e perdidos diante de uma nova realidade, e doutro lado temos crianças e jovens experimentando um mundo novo, nada claro ainda, em que precisam de auxílio para adquirir ferramentas, a fim de compreender e pensar o mundo.

As fotos apresentadas neste capítulo, e ao longo da dissertação, buscam mostrar, não apenas o cotidiano escolar, mas também suas mudanças, seus desdobramentos através do tempo. A mudança de realidade e concepção escolar fica visível nas fotos contrapostas de épocas diversas, e nos convidam a repensar o cotidiano escolar e refletir sobre a necessidade de criarmos saídas aos impasses que a educação vem enfrentando.

Por fim, para enfrentar os desafios instaurados no processo educacional faz-se necessário a construção de um projeto político e pedagógico de forma sistêmica, coerente com a realidade, especificidades e expectativas da escola, e participativa, incluindo todos os segmentos da comunidade escolar, de modo que a sua execução contenha sentido e obtenha êxito.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de fotografias de situações do cotidiano escolar, da leitura, do olhar curioso e atento do pesquisador educacional, pretendeu-se trazer à tona detalhes passados, presentes na fotografia, com a proposta de desvendar e compreender aspectos da história da escola, da Educação e da cultura escolar. Ao aproximarmos fotografia de épocas diversas procuramos identificar e deixar à mostra, eventuais semelhanças e transformações ocorridas no processo educacional, ao longo de sua existência, comparando com situações do cotidiano da educação contemporânea.

Para a elaboração do retrato da escola utilizaram-se fotografias feitas por outras pessoas, ou seja, aquelas encontradas no arquivo da própria escola ou em álbuns fotográficos de pessoas que tiveram alguma relação com a escola. A fotografia caracterizou-se como recurso metodológico principal, no entanto, não a única, pois, às vezes, sozinha, a fotografia mostrou-se insuficiente para revelar detalhes da situação nela representados. Por isso, o uso de depoimentos de pessoas contemporâneas a situações específicas das imagens fotográficas e de alguns documentos – como fonte complementar – foi um auxílio importante na exploração de perceptos e afetos nelas contidas.

Conseguir fotografias anteriores a década de 1970, foi tarefa difícil, já que nesse período, o acesso a esse recurso, era limitado e o arquivo da instituição não possuía acervo fotográfico dessa época. A alternativa foi recorrer a álbuns de retrato de familiares daqueles que tiveram uma relação com a escola – aluno, professor, funcionário. Por meio da contactação dessas pessoas a partir de agendas de telefone e fichas do prontuário da escola, além de vários anúncios na imprensa local, começaram a surgir algumas fotografias antigas.

Nas fotografias obtidas não foi possível identificar o seu fotógrafo, entretanto, verificou-se que as mais antigas foram produzidas por fotógrafos profissionais, por máquinas analógicas, cuja fotografia apresentava a forma impressa e em preto e branco. Enquanto as mais recentes, a partir da década de 1970, foram feitas por familiares dos próprios alunos e

professores, sendo algumas ainda impressas, porém em cores e as mais recentes na configuração digital. Embora isto se deva, claramente, por questões de acesso, a fotografia familiar, algo tão comum para nós, antigamente era feita por especialistas, pois as famílias não tinham sua máquina de fotografar em casa, mas por outro lado, as fotos antigas apresentam um aspecto mais imponente, não só por serem feitas por um profissional, mas pelo privilégio que o universo educacional proporcionava aos seus contemplados. As fotos mais recentes, embora já feitas com uma tecnologia mais moderna, de alcance para as famílias, revela o oposto, a simplicidade do universo educacional – o que não quer dizer que não tenha mais importância ou sentido – com fotos mais casuais, poses menos coagidas e relações hierárquicas mais suavizadas.

Mediante o acervo fotográfico obtido, foram selecionadas 47 fotografias que representassem algumas situações do cotidiano escolar, em diferentes espaços e tempos, inseridos no intervalo de existência da instituição de ensino, e outros 5 documentos escolares como diploma, boletim escolar, pasta cívica, caderno e atividade de aluno que, devido ao grande potencial de informações e significados para situações retratadas nas fotografias, foram incorporados à pesquisa. Para a organização das imagens fotográficas adotou-se uma ordem temática e não cronológica, contemplando aspectos da história da escola, da cultura escolar e de seu processo educacional.

Escolhidas as fotografias, a pesquisa recorreu a alguns depoimentos. Neste caso buscou-se, a partir do livro de matrículas e lista telefônica, pessoas contemporâneas das situações apresentadas nas imagens fotográficas e em alguns casos, os próprios depoentes estavam retratados nas fotografias. Os depoimentos, algumas vezes, em conjunto com o olhar do investigador, permitiu a leitura de fotografias e, muitas vezes, foram responsáveis por interpretações e emoções, que somente quem viveu poderia elucidar e sentir.

Para estudar as situações apresentadas em cada fotografia, fez-se necessário compreender o contexto em que ela foi produzida, pois seja o fotógrafo profissional, ou amador, o ato de fotografar não acontece ao acaso e encontra-se carregado de intenções. Ele é quem escolhe a cena, o ângulo adequado e o melhor momento para a imagem ser fotografada. Portanto, numa fotografia estão representadas a presença ou a ausência de aspectos que o fotógrafo quis registrar, conforme o seu propósito. Ao pesquisador coube a tarefa de ler e explorar a fotografia conforme o seu olhar, e tentar compreender aquela imagem dentro do tema proposto, fotos que representassem a cultura escolar, o cotidiano escolar – práticas e valores dentro de certo período de tempo e situação – bem como as mudanças ao longo das

épocas e, em alguns pontos, pensar os desafios que estas mudanças trouxeram e trazem para os envolvidos no processo escolar e para toda a sociedade.

A leitura de vestígios contidos nas imagens fotográficas reportou a aspectos histórico-filosóficos, socioeconômicos, políticos e culturais que permeiam o âmbito escolar. A análise da fotografia forneceu dados para refletir sobre o cotidiano escolar, evidenciando quanto o processo educacional e a organização dos trabalhos dos profissionais da educação estão implicados à cultura escolar e, esta à sua história, pois é impraticável citar um deles sem referir-se a outro, delimitando o plano da intencionalidade, enquanto projeto político e pedagógico e o plano da realização enquanto processo educacional além de elaborar o mapa dos sentidos da ação educacional.

O empenho inicial desta investigação concentrou-se em conhecer o estabelecimento educacional, onde, cujas fotografias, objetos de estudo, foram produzidas. O estudo do contexto histórico da criação do referido, então denominado grupo escolar – conhecido também como escola-modelo ou escola graduada, pois ministrava o ensino primário de quatro anos – proporcionou o diálogo com aspectos da história da educação. Os grupos escolares foram criados inicialmente em 1893 no estado de São Paulo, reunindo as escolas isoladas e apresentaram grande importância para a educação do Brasil. O prédio do grupo escolar destacava-se por sua grandiosidade e beleza, uma concepção de ensino simultâneo e cada série numa classe e cada classe com um professor, pois até o momento de sua criação, uma única turma era composta por alunos de várias séries.

Comparações entre o prédio velho do Segundo Grupo Escolar de Limeira, fundado em 1939 e do prédio novo construído em 1994, permitiram analisar a diferença na arquitetura das escolas ao longo do tempo. Enquanto o prédio velho possui uma arquitetura neocolonial, com superiores condições materiais, feitos de alvenaria, impressionar-nos por sua majestade e imponência, o prédio novo caracteriza-se por uma arquitetura moderna, com um desenho de fachada muito reto e simples e feito de pré-moldado de concreto. A conjuntura que envolveu a construção do prédio velho foi caracterizada por questões político-partidárias, visto que após a sua criação, o início e a continuação das obras foram adiadas por várias vezes, já que um político não queria continuar a obra de outro do partido adversário. Enquanto o grupo escolar não ficava pronto, as aulas eram ministradas em salas cedidas por outro grupo escolar existente e por um colégio particular. E quando o grupo escolar foi concluído, sua inauguração foi muito comemorada pela população, pois queriam seus filhos ali. Essa festa foi realizada juntamente com a “Primeira Festa da Laranja”, pois a cidade estava em destaque no cenário nacional, pela outorga do título de “Capital da Laranja”. E por consequência a esse

destaque no cenário nacional, em 1941, o grupo escolar passou a ser denominado Grupo Escolar Brasil.

O Segundo Grupo Escolar de Limeira, ao longo das décadas, recebeu várias outras denominações, de acordo com o curso ministrado, passando do ensino primário ao ensino médio, incluindo educação infantil, educação especial e educação de jovens e adultos. Atende atualmente os cursos de ensino fundamental II e ensino médio regular e educação de jovens e adultos. Considerando os aspectos físicos dos dois edifícios, pode-se avaliar a importância da escola pública para a sociedade nesses dois momentos, pois o valor simbólico do prédio escolar está atrelado à sua configuração externa. Entretanto, enquanto o prédio velho abrigava uma educação de qualidade para poucos, o prédio novo é consequência do crescimento quantitativo de escolas a fim de atender a todos, exigindo uma estrutura física mais funcional e barata. Como anotado acima, a mudança de arquitetura nos dá indícios de como o simbolismo vai mudando. O prédio antigo e novo são exemplos claros de mudanças de políticas educacionais, de aspectos políticos e econômicos de sua realização, mas também de filosofias educacionais diversas, tudo isto num mesmo espaço. A Escola Brasil é um exemplo claro destas duas concepções, ou mais, de educação, de espaço escolar, pois tem dois “monumentos”, de épocas, necessidades e concepções diferentes, convivendo e funcionando no mesmo espaço, no mesmo terreno. Isto mostra, numa análise mais profunda, um simbolismo rico, pois temos na escola concepções educacionais diversas, como tivemos chance de comentar no último capítulo, e que torna ainda mais complexa o universo escolar. Temos uma realidade nova, que nasce das mudanças sociais, mas uma identidade ainda antiga, mantidas por pais, professores, funcionários e mesmo alunos, do que seja educação, pois ainda não se assimilou concretamente todas estas mudanças, e ainda estamos tentando achar um caminho seguro para enfrentar este dilema e desafio.

Verificou-se que a escola detém uma cultura exclusiva que a caracteriza conforme sua função e a difere dos demais grupos sociais e mesmo entre as instituições escolares, cada uma possui uma cultura escolar específica, sendo socialmente construída, consolidada pela dinâmica ao longo do tempo, mediante a interação social do grupo de recursos humanos que a compõem, a natureza do seu sistema de ensino e a sua realidade local. Assim, cada educandário possui uma singularidade dentre os demais, alimentado pela subjetividade de seus sujeitos e possuindo projeto político e pedagógico e regimento escolar próprios.

Constatou-se, também que, alguns fatores, por vezes, contrariam a efetivação da manutenção da cultura escolar. Para ilustrar essa situação pode-se citar o uniforme escolar, que apesar de fazer parte da cultura do contexto, questões econômicas e legislativas

inviabilizam o seu uso, já que nem sempre a família do estudante tem condições financeiras para adquiri-lo e, concomitantemente, a escola, conforme a lei vigente, não pode impedir o aluno de frequentar às aulas<sup>105</sup>.

Fotografias das décadas de 1930 e 1940 denunciam a exposição de poucos alunos negros na composição da turma, cerca de dois ou três, indicando a restrição ao acesso desse grupo étnico à escola naquele período. Atualmente, dos alunos que estão fora da escola, conforme UNICEF (2009), 66% são negros, confirmando que as desigualdades estão presentes na sociedade e refletem no ensino brasileiro. No entanto, ainda as discriminações e os preconceitos permeiam o cotidiano escolar, muitas vezes de forma implícita, como o isolamento de alunos negros na classe. É preciso entender que o universo escolar não é um mundo autônomo, paralelo, mas que contem os mesmos dilemas e imperfeições de toda sociedade, um microcosmo que ecoa, em seu interior, os problemas do mundo social. O que a escola precisa enfrentar, e este é um desafio urgente, é, na contramão do senso comum, criar e forçar, de modo pedagógico, a igualdade, construindo-a em seu interior, e não a estimulando, de modo velado, ou até mesmo claro. A educação é uma das formas mais efetivas de combater a desigualdade, o preconceito, mas será mais efetiva se realmente construir em seu interior um ambiente de igualdade, e não apenas com aulas, palestras ou eventos. A cultura escolar deve propiciar a igualdade, e não tolerar a desigualdade histórica que há tempo vem maculando nossa história.

O acesso à fotografia, assim como as outras tecnologias de comunicação e informação, ampliou-se num ritmo intenso ao longo das últimas décadas, e a escola constantemente tenta ajustar-se a essas mudanças, adequando-se o seu processo educacional à realidade do aluno. Anteriormente, a escola era responsável pela transmissão de cultura e à família cabia sua mediação. Hoje esse papel de mediação transferiu-se a organização de ensino, pois as crianças já chegam a ela carregadas de informações “despejadas” pela televisão e pela internet. Independentemente das consequências das tecnologias de informática e comunicação na educação, a escola não poderá conviver sem elas, já que são ferramentas indispensáveis ao cotidiano profissional da vida contemporânea. Diante dessas transformações, a certeza é de que a escola atual é diferente daquela do passado, já que com a globalização da informação, o sistema nunca mais retrocederá. Logo, o desafio é ter uma educação de qualidade usufruindo de toda essa tecnologia

---

<sup>105</sup> Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990).

Com referência à relação professor-aluno e aluno-escola, as fotografias indicam que até o período anterior ao final da década de 1980, prevaleciam rituais de autoritarismo. As carteiras eram enfileiradas, voltadas ao professor, muitas vezes fixas ao chão, principalmente nas décadas de 1940 e 1950, nas quais o aluno definia-se como um sujeito passivo no processo educacional e não era atendido conforme suas dificuldades e especificidades. Na relação de poder entre o professor e o aluno, o aluno tinha uma postura submissa e quando cometia algum ato de indisciplina e desrespeito era punido por meio de castigos. Ainda hoje, o professor exerce uma relação de poder sobre o aluno, no entanto, não se caracteriza com a mesma intensidade. As salas de aula possibilitam variações na disposição das carteiras, de acordo com a natureza da atividade desenvolvida, na qual o aluno participa da construção de seu conhecimento. Entretanto, mesmo que o professor tenha ciência da necessidade de respeitar o ritmo e a natureza de aprendizagem de cada aluno, o excesso de alunos por turma torna esse princípio impraticável, prevalecendo, assim, o ensino simultâneo, como se toda a turma fosse homogênea. A autoridade do professor perante os alunos tem-se enfraquecido a cada dia, pelo reflexo dos atos de violência, ante a vivência de um contexto de muita proteção para com o indivíduo, principalmente quando menor de idade. Muitos alunos acham que podem fazer tudo que querem convictos da impunidade e, sinceramente, é isto que infelizmente acontece na maioria dos casos. Criamos uma legislação que protege crianças e adolescentes, e isto representa um avanço, mas não construímos formas de trabalhos que substituíssem a antiga punição, ou a educação pelo medo. A legislação foi aplicada, e é aplicada, sem o devido cuidado e preparo dos profissionais, que vêm na lei apenas uma permissão para que o aluno seja educacionalmente displicente.

A escola deve perceber que a educação de um cidadão livre e ativo se faz por meio da atividade consciente e da necessidade do respeito numa vida em sociedade, e não na ameaça e no medo da punição. Se a escola pretende construir um espaço para o desenvolvimento de pessoas conscientes e responsáveis socialmente ela, primeiramente, deve eliminar de seu interior, qualquer forma de autoritarismo e apostar numa educação para a liberdade, o respeito e o amor. O excesso de desrespeito dos alunos apenas revela a falta de um caminho a se construir e que leve em conta a nova ordem.

Outro fator muito notável nas fotografias ao longo do período de estudo, é a questão do gênero. Nas fotos mais antigas percebe-se que as turmas eram formadas pela separação dos gêneros, enquanto que com o passar do tempo tornaram-se mistas. No entanto, a separação entre meninos e meninas não estava presente apenas em sala de aula, mas também durante a entrada e saída dos alunos da escola, durante o recreio, na aula de educação física e nos

trabalhos manuais. O fim das turmas femininas e masculinas, proporcionando a convivência entre ambos na mesma sala, contribuiu muito para acabar com o paradigma da diferença entre os sexos. Não obstante, colocar meninos e meninas juntos numa sala é insuficiente para o término das desigualdades, pois é necessário proporcionar a convivência e acabar com a separação e padrões entre os sexos e dignificar seus perfis de educandos.

A partir das fotografias de classes pode-se, também, obter aspectos identitários da turma como a manifestação da diversidade do nível socioeconômico do grupo, seja pela denotação dos traços físicos ou pelo vestuário: qualidade e limpeza material. Este acervo de imagens fotográficas exibe as impressões de uma instituição educacional dotada de identidade e cultura próprias, testemunhas de situações passadas do cotidiano escolar que arquivam uma memória em constante movimento e questionam o presente.

Para fazer com que a imagem fotográfica falasse, o investigador utilizou, além de sua capacidade para ver e ler o que se apresenta visível, a sua sensibilidade, permitiu suscitar e compreender afetos e intensidades que compunham o invisível da experiência. Importa destacar que o pesquisador possui vivências e experiências enquanto educador, com um olhar e uma sensibilidade específicos, distintos de qualquer outra pessoa, devido a sua história de vida. Logo, conforme o olho de quem vê e sua sensibilidade, as fotografias estão sujeitas a diversas interpretações, o que não esgota outras eventuais descobertas. Ao apresentarmos nosso olhar sobre as fotografias e documentos, não buscamos esgotar as inúmeras possibilidades de leituras, mas apenas convidar o leitor a fazer o mesmo. Se apresentamos uma leitura é porque, e isto deve ficar claro, se torna possível leituras e interpretações que, juntas, podem enriquecer nosso debate e nos ajudar a encontrar um caminho mais seguro que possibilite construir uma cultura escolar rica em conhecimento, criativa, igualitária, inclusiva, pacífica e cidadã.

## 6. REFERÊNCIAS

AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola.** São Paulo: Contexto, 2006.

AZZOLINO, A. P. **Projeto Resgate: a utilização da fotografia no ensino com pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: iEditora, 2002.

BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BECKER, H. S. **Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social.** Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2009.

BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas, vol. 1. 3 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. p. 91 – 107.

BERGSON, H. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BETTINI, R. F. A. J. **Laços tecidos no tempo: a instrução pública em Limeira.** São Carlos: RiMa, 2000.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BORGES, M. E. L. **História e Fotografia.** 2 ed. Belo horizonte: Autêntica, 2005.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** E Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Decreto nº 37.106, de 31 de março de 1955.** Dispõe sobre a Campanha Nacional de Merenda Escolar (CNME). Diário Oficial da República Federativa do Brasil de 01 de abril de 1955, Poder Executivo: Brasília, DF, 1955.

\_\_\_\_\_. **LDB nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil de 21 de dezembro de 1961, Poder Executivo: Brasília, DF, 1961.

\_\_\_\_\_. **LDB nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil de 12 de agosto de 1971, Poder Executivo: Brasília, DF, 1971.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989.** Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil de 25 de outubro de 1989, Poder Executivo: Brasília, DF, 1989.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil. Diário Oficial da República Federativa do Brasil de 14 de julho de 1990, Poder Executivo: Brasília, DF, 1990.

\_\_\_\_\_. **LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil de 21 de dezembro de 1996, Poder Executivo: Brasília, DF, 1996.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999.** Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil de 21 de dezembro de 1999, Poder Executivo: Brasília, DF, 1999.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006.** Altera a redação dos art. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Diário Oficial da República Federativa do Brasil de 07 de fevereiro de 2006, Poder Executivo: Brasília, DF, 2006.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007. Diário Oficial da República Federativa do Brasil de 18 de setembro de 2008, Poder Executivo: Brasília, DF, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.031, de 21 de setembro de 2009.** Altera a Lei nº 5.700, de 1º de setembro de 1971, para determinar a obrigatoriedade de execução semanal do Hino Nacional nos estabelecimentos de ensino fundamental. Diário Oficial da República Federativa do Brasil de 22 de setembro de 2009, Poder Executivo: Brasília, DF, 2009.

- BUFFA, E.; PINTO, G A. **Arquitetura e Educação**: organização dos espaços e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893/1971. São Carlos, Brasília: EdUFSCar, INEP, 2002.
- BUSCH, R. K. **História de Limeira**. 3 ed. Limeira: Sociedade Pró-Memória de Limeira, 2007.
- CAMARGO, M. A. J. G. **“Coisas velhas”**: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo: UNESP, 2000.
- CERTEAU, M. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.
- CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Org.). **A leitura de imagens na pesquisa social**: história, comunicação e educação. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- COSTA, R. A. **Disciplina na escola**: adolescência e constituição da subjetividade. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2002.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DIAS, R. O “educador-educando com o educando-educador”. In: DIAS, R. (Org.). **A inclusão da exclusão**. Jaboticabal: Funep, 2010. p. 13-27.
- DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 13 ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.
- FERREIRA, J. P. (Org.). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Vol. XXIX** (São Paulo, J-Q). Rio de Janeiro: IBGE, 1957.
- FISCHMAN, G. E. Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional. In: CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Org.). **A leitura de imagens na pesquisa social**: história, comunicação e educação. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 109-125.
- FLÜSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 21 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. **Educação e poder**: introdução à pedagogia do conflito. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GOMES, L. C. G. A história da educação através de imagens fotográficas e outras fontes complementares: vários espelhos de um mesmo objeto. **Vértices**, Campos dos Goytacazes, RJ, CEFET Campos, v. 5, n. 2, p. 39-62, maio/ago. 2003.

ITANI, A. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, J. G. (Coord.). **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998. p. 119-134.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Trad. Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**. Autores Associados, Campinas, SP: n. 1, p.9-43, jan./jun. 2001.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEITE, M. L. M. Texto Visual e Texto Verbal. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (Orgs.). **Desafios da Imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, SP: Papyrus, 1998. p. 37-49.

LIMA, M. W. S. **Arquitetura e Educação**. São Paulo: Nobel, 1995.

LIMEIRA. Arquivo da Escola Estadual “Brasil”.

\_\_\_\_\_. Arquivo do Jornal “O Limeirense”.

\_\_\_\_\_. Arquivo do Jornal “A Gazeta de Limeira”.

\_\_\_\_\_. Arquivo da Prefeitura Municipal de Limeira.

\_\_\_\_\_. Centro Municipal de Memória Histórica de Limeira.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documento de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 137-155.

MACHADO, A. **A ilusão espetacular**. São Paulo: Brasiliense; Funarte, 1984.

MARCÍLIO, M. L. **História da Escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Fernand Braudel, 2005.

MARINHO, S. P. Tecnologia, educação contemporânea e desafios ao professor. In: JOLY, M. C. R. A. (Org.). **A tecnologia no ensino**: implicações para a aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 41-64.

MARTINS, J. S. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAUAD, A. M. Fotografia e história, possibilidades de análise. In: CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**: história, comunicação e educação. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.p. 19-36.

MONARCHA, C. **Escola normal da praça**: o lado noturno das luzes. Campinas, SP : Unicamp, 1999.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira**: a organização escolar. 20 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SALES, L. C. **O valor simbólico do prédio escolar**. Teresina: EDUFPI, 2000.

SÃO PAULO (Estado). Arquivo do Diário Oficial do Estado de São Paulo. IMESP. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Fundação para o Desenvolvimento da Educação - FDE, 2010.

SAVIANI, D. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: SAVIANI, D. (et. al.). 2 ed. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 9-58.

\_\_\_\_\_. **A pedagogia no Brasil**: história e teoria. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SIMSON, O. R. M. V. Som e imagem na pesquisa qualitativa em Ciências Sociais: reflexões de pesquisa. In: Armando Martins (Org.). **Anais do Seminário “Pedagogia da Imagem, imagem na Pedagogia”**. Niterói, RJ: UFF, Faculdade de Educação, 1996. p. 88-101.

SOUZA, R. F. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar**, Curitiba: UFPR, n. 18, 2001, p. 75-101.

\_\_\_\_\_. Lições da escola primária. In: SAVIANI, D.; ALMEIDA, J. S.; SOUZA, R. F.; VALDEMARIN, V. T. **O legado educacional do século XX no Brasil**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006, p. 109-161.

\_\_\_\_\_. **História da organização escolar e do currículo no século XX**: ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

TOMAZI, N. D. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Atual, 1997.

UNICEF. **Situação da Infância e da Adolescência Brasileira – 2009. O Direito de Aprender**: Potencializar avanços e reduzir desigualdades. Coordenação geral: Maria de Salette Silva e Pedro Ivo Alcântara. Brasília, DF: Fundo das Nações Unidas para a infância - UNICEF, 2009. Disponível em: < [http://www.unicef.org/brazil/pt/siab\\_capitulos.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/siab_capitulos.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2009.

VIDAL, D. G. Escola pública e método intuitivo: aspectos de uma história conectada. In: Lombardi, J. C. (et. al.) (Orgs). **A escola pública no Brasil**: história e historiografia. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR, 2005. p. 143 – 157.

## 7. ANEXOS

### 7. 1. Termo de autorização de uso de imagem e depoimento – modelo.

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_, declaro conhecer e entender os propósitos, a importância, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e ou depoimento, *autorizando*, por meio do presente termo, o pesquisador **Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida** a utilizar meu depoimento e fotografias para fins científicos, de estudos e publicação (artigo, dissertação, tese, livro), sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. O pesquisador garante à (ao) depoente a possibilidade de efetivar correções de informações ou acréscimos de detalhes não ditos, via cópia do depoimento transcrito.

Limeira, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2007.

---

**Nome**  
Participante da pesquisa

---

**Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida**  
Pesquisador

## 7.2. Depoimentos

### 7.2.1. Jorge Aliberti – aluno de 1939 a 1942, 2007.

Comecei a estudar em 1939, cursei da 1ª a 4ª série. Minha professora de 1ºano foi a Dona Cotinha, sobrenome eu não sei, 2º ano era a Dona Lucinha e 3º ano era a Dona Antonieta Coimbra e no 4º ano era o professor Nestor Martins Lino. Quando eu comecei a estudar aqui foi em 1939 e ainda não estava terminada a escola, a minha turma foi a primeira, estudávamos no porão. Começamos lá embaixo, depois fomos para o Santo Antônio e no meio do ano viemos terminar aqui, no porão e aí sim 2º ano no térreo e 3º e 4º ano no andar de cima. Quando eu entrei no começo do ano ainda não estava concluído e no meio do ano eles vieram para cá, daí terminamos. No meu caderno do 1º ano está a data certinha e a fichinha que a própria professora, Dona “Cotinha” – Maria Pinto Sampaio – fez quando começamos a estudar no grupo escolar, pois apesar de estarmos estudando antes, só recebemos os cadernos quando o grupo escolar começou a funcionar. Eu estudava de manhã, durante 4 horas sendo das 7h às 11h. A educação era boa, os professores eram bons, ensinavam muito bem, não posso reclamar, não tinha problemas, com o ensino não. A disciplina era muito exigida e bastante rigorosa, o diretor e os professores eram bastante exigentes, tinha-se respeito, ordem e disciplina, eles tinham força e hoje os professores não têm mais força pra corrigir os alunos, então naquele tempo era mais severo. Meu pai e minha mãe, no meu tempo de criança, não admitiam bagunça. A educação era severa, se fizesse apanhava mesmo, não tinha conversa, se fizesse coisa errada apanhava no ato. Mandava-se você ir a um lugar você tinha que ir e não podia falar não. Hoje em dia as crianças são muito mimadas, brincam demais, e tem as crianças boas hoje, mas algumas são peraltas. No meu tempo não havia rádio e televisão, a criança não sabia nada, era na escola que aprendia. Hoje eles assistem televisão, acessam o computador e a internet e sem ir à escola sabem tudo. A gente escrevia com lápis e caneta, a carteira era pra dois alunos e no meio da carteira tinha um tinteiro, então a servente chegava todo dia cedo e enchia carteira por carteira, e tinha aquela pena que você colocava tinta e escrevia. O lápis não mudou nada, caneta sim, só tinha aquele tipo de pena, tinha uma que era bicudinha e tinha outra que chamava mosquitinho, então ela tinha a tampinha virada, ela fazia uma letra mais bonita e macia. Ia de uniforme quem podia. Quem não podia, ia com uma camiseta branca e uma calça azul. Quem não tivesse não se fazia questão, pois já era difícil comprar os cadernos. Exigia-se apenas que a roupa fosse limpa. Eu ia pra escola descalço, não ia de sapato, a gente saía cedo de casa, às vezes aquela geadinha e pisávamos com o pé em cima, não tinha sapato, andávamos descalços. As meninas usavam saia azul e camisa branca com bolso escrito “Grupo Brasil”. O uniforme tínhamos que mandar fazer. Não era como hoje que compramos a roupa feita. Relativo à frequência existia um boletim, no qual a professora fazia chamada e quem faltava, ela punha falta. Em cada mês era registrada a nota referente ao comportamento, ao comparecimento, à aplicação e à falta, daí era entregue o boletim e o aluno levava para o pai assinar. Por meio do boletim, o pai e a mãe tomavam ciência da aplicação, da falta e como é que estava o comportamento do filho na escola. Se baixasse ou diminuísse qualquer nota, o pai ia ver o que aconteceu. Era muito interessante esse método, de levar o boletim para o pai ou a mãe assinar, e não poderia levar de volta se não tivesse assinado, senão o filho não entraria na escola. O boletim ficava guardado na escola. Era um período severo, rigoroso, porém muito bom. Diretor na minha época era o seu João. Aqui onde hoje é o pátio era o nosso recreio, aqui dentro não tinha nenhuma árvore, era tudo limpo, nem na frente da escola tinha árvore, não tinha nada. Na festa da laranja que teve não havia árvore, depois que foram plantadas as árvores. Eu não faltava, só se tivesse doente. Meu

diploma está com nota 53 porque um mês antes de fazer o exame fiquei com caxumba. Então meu pai veio e falou: – Seu João, o que vamos fazer, meu filho está com caxumba e ainda não sarou e agora vai ter o exame. –Não, no dia do exame ele pode vim. Ele pode ir se preparando, porque se tiver nota ele passa e recebe o diploma. Eu nunca tive represália do professor e do diretor, pois eu não fazia algazarra, só pra quem era pinta brava mesmo. Quanto aos castigos, uma professora muito severa, ela punha de castigo, mas punha no corredor, outra pegava uma bolinha e dava uma pancadinha na cabeça, não era palmatória nem ajoelhar em cima de milho, isso não existia não. Elas tratavam bem, não tenho do que reclamar, eu gostava da escola. Minha disciplina sempre foi boa, minhas notas eram 90, 100, comportamento também, 90, 100. Caderno de provas mensais... Caneta!, Olha como que escrevia, essa era a mosquitinha, tinha que mergulhar na tinta. Havia o caderno de “provas mensais”, em que uma vez por mês realizavam provas; o de “borrador”, onde eram realizadas as primeiras escritas, desenvolvendo a caligrafia, com o propósito de aperfeiçoar a estética da escrita, para educar a letra. Hoje tendo todos os cadernos guardados eu me sinto orgulhoso, pois eu posso mostrar para você que naquela época eu era caprichoso, é para provar que durante todo esse tempo os cadernos existem e hoje não acha nenhum aluno daquela época que tenha um caderno ou um livro guardado. Então, eu tenho amor, foi onde eu aprendi. Tive boas amizades com os professores, nunca tive inimizade, gostei muito do grupo escolar e tenho amor nele até agora, como se eu ainda estudasse nele. Foi onde me ensinaram a ler e a escrever, se eu não tivesse vindo aqui, eu não saberia nada, eu agradeço. No 1º e 2º anos minhas classes eram mistas, mas haviam duas carreiras de meninas e duas para meninos. Não sentávamos misturados e, no 3º e 4º anos não, eram separados os meninos das meninas. Mas para nós não fazia nenhuma diferença, a gente se respeitava, íamos a escola pra estudar, não tinha nada de paquera, esse agarra-agarra. Mesmo no intervalo, as meninas brincavam de um lado e os meninos do outro. Não deixavam misturar, ninguém nem podia chegar perto um do outro, ficávamos separados, meninas poderiam brincar, mas com as meninas e os meninos com os meninos, era severo, a disciplina era ótima. Para sair do recreio formava fila, para entrar também. De manhã formava fila, tudo direitinho e começava assim, o menor primeiro e ia subindo, o maior era o último, na fila já tinha a posição certa de cada um e a professora acompanhava até a entrada da classe. As carteiras eram de dois alunos, ela se abria, tinha umas redinhas e o tinteiro no meio, era retangular e um pouco inclinada e em cima tinha um risco que era para colocar o lápis, a carteira era bem bonita, a tábua era grossa. Para saber o momento de início da aula tinha um sino, quando batia o sino, cada classe formava sua fila, cada uma no seu lugar determinado e o professor vinha e acompanhava até a classe. Para sair, olhava no relógio e na hora certa, os alunos enfileiravam no corredor e saíam um atrás do outro, era bem organizado, não tinha baderna. Não havia formatura, o diretor chegava, chamava cada classe, entregava o diploma, dava os parabéns e ia embora, essa era a formatura. No Grupo Escolar só se tomava água e minha mãe, quando podia, me dava dinheiro e eu comprava um sorvete ou então ela me dava um pãozinho e como não tinha manteiga e o fogão era de lenha, ela cortava e esquentava o pão e punha banha de porco e embrulhava num saquinho e ia para a escola.

### **7.2.2. Trajano de Barros Camargo Filho, 2007.**

A história do Grupo Brasil está ligada intimamente ao início da carreira política de minha mãe, a dona Maria Tereza Silveira de Barros Camargo que foi nomeada primeira prefeita de Limeira. Então, nesta ocasião ela era apenas uma industrial da cidade e a política nacional estava numa fase, a ditadura estava num recesso e foi aberta a oportunidade para a

formação de partidos e candidatos aos cargos eletivos, inclusive à presidência da república que foi o candidato do Dr. Armando Salles de Oliveira que tinha sido nomeado governador do Estado, interventor. Então, nesta ocasião, a organização deste partido constitucionalista, que era Doutor Armando de Salles Oliveira, estava tendo um sucesso muito grande em todas as cidades do estado, mas em Limeira não conseguia se organizar devido a força política do Major Levy que naquele tempo era um político tipo a moda antiga, que mandava e desmandava na cidade. Então o partido constitucionalista do Dr. Armando de Salles Oliveira e um amigo íntimo dele que não me lembro o nome agora, mas é fácil, que era o dono da fazenda Montevidel. Toda semana ele vinha passar o fim de semana na fazenda e passava lá em casa e o Dr. Armando convidou a minha mãe para entrar para o partido e minha mãe falou que no momento não dava, mas como minha mãe era neta de Prudente de Moraes e talvez estivesse no sangue a vontade de exercer a política, acabou cedendo e ela estabeleceu então as condições para ela entrar para a política. Algumas das condições eram, criação de um Grupo Escolar, uma escola Profissional, a construção da ponte do funil que liga Limeira a Santa Bárbara e retificação da estrada Limeira-Piracicaba. Então, estas condições foram levadas ao governador Armando Salles de Oliveira que prontamente aceitou essas condições e prometeu que iria satisfazer todas as exigências da minha mãe para ela ingressar na política. Então, ela começou a se organizar para entrar na política. Então a primeira coisa foi comprar o jornal Gazeta de Limeira, naquele tempo não tinha rádio e televisão como se tem hoje e o veículo maior de comunicação era justamente o jornal. Então começou a campanha, com propagandas e foi organizado o partido. Diante disso, foi criado o Segundo Grupo Escolar de Limeira. Foi feita a concorrência pública e a firma que venceu a concorrência estava aguardando o Governo liberar as verbas para que o grupo escolar fosse construído. Nesse tempo, a política contrária a minha mãe, do Partido Republicano Paulista, do Major José Levy Sobrinho, fez um artigo dizendo que “esse grupo escolar só seria para os nossos netos”. Minha mãe, em vista disso contatou a firma que havia vencido a concorrência estabelecendo um acordo; de que iniciasse a construção do grupo escolar, que ela se responsabilizaria pelas despesas até que viesse a verba. Assim foi a primeira fase do Grupo Escolar Brasil; foi criado e iniciado a sua construção. Nesse período mudou o interventor do Estado, saindo o Dr. Armando de Salles Oliveira e sendo nomeado, Adhemar Pereira de Barros, e como era muito amigo do Major Levy, atendeu a um pedido do Major e interrompeu sua construção. Mais tarde, ao fim da gestão de Adhemar Pereira de Barros e sendo nomeado outro interventor, a construção do grupo escolar foi retomada. O Grupo Escolar Brasil teve essa fase inicial difícil, a divisão política era muito grande e minha mãe sempre atenta a esses problemas da cidade, conseguiu com que fosse construído e transformado nesse belo estabelecimento que é hoje. Criação de 1934 para 1935, quando minha mãe foi nomeada prefeita. Então, essa é uma história muito bonita que representa o esforço de minha família para que Limeira tivesse escolas e assim também foi com a Escola Trajano de Camargo que teve uma fase muito mais difícil que foi fechado várias vezes pelo Major Levy, por meio do governador e interventor Adhemar de Barros e assim Limeira teve essa evolução de escolas, uma escola profissional, uma cidade que começava a ter indústrias e a nossa indústria era a maior indústria da cidade, transformando-se numa cidade agrícola e industrial.

### **7.2.3. Tiago Fernando Valentim – aluno de 1992 a 2002, 2007.**

Quando entrei na escola ainda não tinha o prédio novo ainda, era apenas aquele barracão e uma escadaria que descia ate um gramado lá embaixo. A cantina era perto de onde tem aquele vestiário hoje, havia somente aquela quadra, o barracão e o prédio velho. No ano em que eu

estava no 1º ano, a gente estudava numa sala que era mais separada e tinha um areião para gente brincar, que era tipo o primário, onde funcionava na época um parquinho e a gente tinha medo de subir no prédio velho, pois os alunos eram maiores, a gente temia em encontrar o pessoal. Mas, no 2º ano derrubaram o velho galpão, cercaram todo o pátio e começaram a construir o prédio novo. Ficávamos todos na janela observando e acompanhando a construção, maravilhados com o trabalho dos operários e das máquinas que colocavam os blocos pré-moldados, embora tenha havido redução no tempo do recreio e o barulho o dia todo. Foram dois anos para a finalização da obra, tendo sido inaugurado em 1994.

#### **7.2.4. Benedicto Carlos Toledo Lima – aluno do 4º ano de 1947, 2007.**

Dos dias 07 a 14 de maio de 1939, houve a instalação da 1ª Festa da Laranja de Limeira, aproveitando o prédio que seria inaugurado. Com a presença do interventor federal Adhemar Pereira de Barros e outras autoridades, aconteceu a esperada festa. Esta iniciativa era um sonho dos proprietários dos pomposos laranjais e da cidade que aninhava em seu seio riquezas formidáveis como as suas fábricas de chaminés fumegantes e o verde de suas plantações. Segundo consta, a organização foi encabeçada pela família Levy, pois o Major José Levy Sobrinho, era na época secretário da Agricultura do Estado, e muito se empenhou para a realização do evento. Ainda muito pequeno lembro um pouco dos meus pais, Benedicto Carlos de Lima e Irene Alves de Toledo Lima, prestigiando o evento, onde meu pai foi o fotógrafo. Muita saudade sinto de minha mãe, que no fim de sua vida, exercia o cargo de diretora do tradicional Grupo Escolar Brasil. A festa foi a mais requintada: teve eleição com escolha da rainha da 1ª Festa e princesas. Havia em frente ao Grupo Brasil esculturas de dois homens, estando um de costas ao outro, representando trabalhadores despejando uma caixa de laranja. Da casa do Dr. Martinho Levy, em frente ao Grupo Escolar, havia uma fonte que jorrava suco de laranja.

#### **7.2.5. Sandra Helena Barbosa Godoy – aluna com necessidades educacionais especiais na década de 1960, 2007.**

Meu nome é Sandra Helena Barbosa Godoy, nascida em Limeira, SP no ano de 1953, tenho 53 anos. Um susto, um traumatismo de parto, conclusão... lesão cerebral, uma deficiência neurológica. Um quilo e meio, muitos problemas. Lá fui eu para uma caixinha de sapato, com uma lâmpada em cima. Fui uma criança muito manhosa, custei muito a sentar, andar, falar, mas, apesar de tudo isso atrasar meu desenvolvimento, eu ia vivendo. Como toda mãe de uma criança deficiente, eu tive a minha. Não poderia ser diferente, tendo em vista que nasci no ano de mil novecentos e cinquenta e três. As coisas eram diferentes, mas... tão iguais. As coisas não se passaram conforme havia planejado. Eu não era aquela criança, cartão de visita, que ela sonhara, mas... Sentia minha mãe do meu lado, colada em mim, com vergonha de mim, me amando, ora me odiando, ou se culpando, ou me culpando, mas sempre do meu lado. A lesão que veio com meu nascimento afetou apenas a parte física. Meus movimentos eram bruscos precisava de ajuda para me alimentar e me vestir. A princípio tudo ia bem. O amor e a dedicação que a mim dispensavam, eram suficientes. Eu era uma criança, dentro de casa, sendo cuidada. Fui vivendo... Não consegui matricular com sete anos nessa escola, pois minha mãe impediu. A escola, o mundo fora de casa. A mãe negando, o diretor negando, e eu chorando... Estávamos em 1960. Tempos difíceis. Deficientes eram trancados em casa. A

escola não estava preparada para me receber. Minha mãe não estava preparada para me repartir com o mundo, não queria me atirar para fora do ninho. Bem, professor, agora, eu acho que já deu para me conhecer melhor e chegamos à época em que fui para essa querida escola. Vou contar para você um pouco de como era a escola vista pelo pelos olhos de uma criança que tinha acabado de sair do ninho, não conhecia nada. Começando pelo espaço físico. A escola era linda, cheia de árvores enormes. Logo na entrada compramos biju de um senhor que passava fazendo um barulho danado. Comprávamos também, 5 balas por um cruzeiro, só quando sobrava algum dinheiro e a mãe dava. O pátio era enorme com enormes bancos. Nossos pezinhos ficavam balançando nos bancos. Na hora do recreio saímos e Dona Irene, nossa servente tão querida (hoje já falecida) vinha com um bule enorme cheio de leite. Ficamos em fila e ela ia servindo. Como não conseguia segurar o copo, Dona Irene pedia para as outras alunas segurá-lo para mim. Era uma briga para ver quem iria segurar o copo. Quase todos os copos eram de canudinhos, última moda na época. Depois do leite íamos para debaixo das árvores, fazíamos piquenique, cada uma trazia um petisco de casa, colocamos tudo debaixo das árvores e era uma festa. Depois era procurar as coleguinhas e brincar de roda, cantando canções folclóricas, dançando o miudinho, coisas que só quem foi da época sabe do que estou falando. Sempre tinha festa, nas datas importantes e as alunas recitavam poesias no palco que ficava lá no pátio. Brincávamos neste palco sempre quando não havia festa. A aluna, Maria Luiza Garcia, recitava sempre a mesma poesia “Quem será”. Era uma poesia que falava da mãe. Acho que era a única que ela sabia e todos pareciam gostar e não esquecemos, apesar de tanto tempo. Antes de entrar para aula, fazíamos filas e cada professora ficava na frente de seus alunos para cantar o Hino Nacional. Era sagrado, todos os dias era cantado. Só que para viver tudo isso lá no pátio da escola eu tive que lutar muito. Não havia nada aqui na cidade, era tudo em São Paulo, meu pai teve que ir à Secretaria da Educação, conversar sobre o meu caso e um supervisor veio até Limeira ver o que estava acontecendo. Oito anos. Consegui afinal convencer minha mãe... As condições, para isso, foram péssimas. Ela exigiu que aprendesse a ler, antes de ir à escola. Hoje, para mim e para todos, tal fato pode parecer estranho, mas para ela, que não acreditava em meu potencial, era natural. Passei por isso. Era persistente. Fazia qualquer coisa para provar, principalmente para ela e para mim, que eu era capaz. Meu pai foi incumbido dessa tarefa. Esperava-o, todos os dias, com papel de pão e pedaço de lápis nas mãos e ele ia me ensinando as primeiras letras. Entrei para a escola sabendo ler. Tudo isso, depois de uma batalha, na escola, que não aceitava o deficiente. Eles confundiam a deficiência neurológica com deficiência mental. Porém, a escola me encaminhou para a classe de deficientes mentais. Devo a Sra. Elisa Mattos Silveira, professora da época, a colocação numa sala convencional, decisão sensata tomada por ela, após a aplicação de um teste para medir a inteligência (teste de Q.I. – quociente de inteligência – conhecido e aplicado nos anos 60); e o teste acabou revelando uma inteligência acima do normal. A escola era bem equipada, com bom material didático, lembro de cartazes que usávamos para aprender redações. Usávamos a Cartilha “Caminho Suave” para as primeiras letras, como primeiro livro usávamos o livro cujo autor era o “Sodré”. Havia festa para recebermos o primeiro livro. O corpo docente era muito bom. Os professores não eram só mestres em ensinar a ler e escrever. Eles faziam a parte social. Orientavam as mães quanto aos cuidados com a limpeza, olhavam os cabelos, as roupas das alunas e algumas olhavam até as calcinhas das meninas. O dia em que a professora ia olhar as roupas, era surpresa, todos mantinham se sempre limpos, pois nunca sabíamos quando seria a revista. Na classe era também mantida a limpeza, nenhum papelzinho no chão. Era muito importante a correção de postura ao sentar na carteira. As professoras não descuidavam nunca deste item. Alguns alunos eram considerados “alunos da Caixa”, isto significavam que eram pobres e não tinham dinheiro para comprar os materiais e o uniforme. Esses alunos eram mantidos pelos outros alunos que tinham melhores condições. Ninguém queria ser da “Caixa”, bem poucos

recebiam os materiais. Eram respeitados pelos demais alunos, mas olhados com muita piedade. A escola mantinha o curso de 1ª a 4ª série, o Jardim de Infância e uma classe para portadores de deficiência mental, cuja professora era a Elisa Ciarrochi Mattos Silveira. Marta Guimarães Dias Cunha aceitou me alfabetizar. Nessa época escrevia com o pé. Quando entrei para a escola, meus braços não alcançavam a carteira escolar. De um dia para o outro tive que usar as mãos. Nada de pré-escola, adaptações. Isso são coisas modernas. Naquela época, uma tábua na carteira, colocada pela sábia professora, resolveu a situação. Consegui! Apesar dos garranchos, consegui. Estava afinal escrevendo com as mãos. Foram pesados os preconceitos e ninguém escapou deles – professores, colegas, direção da escola. Todos mostraram suas intransigências, sua ótica restritiva. O diretor da escola pulava minha carteira, quando andava pela classe, nunca me dirigiu a palavra. Eu continuava... Dona Marta foi minha professora de primeiro ano. Foi a única que aceitou a alfabetizar uma criança deficiente. No final do ano de 1961, houve uma mudança nas classes. O diretor resolveu colocar os melhores alunos em uma só classe e os considerados fracos ficaram em outra classe. Marta ficou com os alunos mais fracos e eu fui ter aula na classe da Prof. Gessy Coeli, que ficou com a classe mais forte. Logo depois fui para o segundo ano, com a professora Vilma Chinelatto. Sempre que eu mudava de professora elas preparavam uma as outras para saber como lidar comigo. Minha letra era horrível e eu fazia quase todas as provas, oral. Só português e matemática eu fazia escritas. Na época, crianças do segundo ano primário já começavam escrever com caneta. Novos problemas. Não conseguia usar a caneta tinteiro. As primeiras canetas esferográficas já estavam no mercado, mas não era comum usá-las, tendo sido eu uma das primeiras alunas a escrever com a nova caneta. Tivemos que pedir autorização e depois de muita burocracia permitiram. Era a única aluna a usar essa novidade, no Grupo Escolar Brasil. Mais uma etapa vencida...”. As carteiras eram de duas, isto é, em cada carteira sentavam duas alunas. No meio da carteira ficava um tinteiro e as alunas molhavam as canetas de penas e escreviam. Depois passaram a usar a caneta tinteiro. Usavam mata-porões para limpar os resíduos de tintas. Eu não consegui usar as canetas. Usava a caneta “BIC”. No terceiro ano fui para a classe de Dona Ivete de Carvalho. Excelente professora. Ensinava redações com os belos cartazes, material didático da escola. Depois veio a Dona Paulina Diniz, professora enérgica, dava lições que não acabavam mais. Nas férias passava folhas e folhas de lições. Assim foi minha passagem por essa maravilhosa escola. Lembranças, eternas lembranças.

#### **7.2.6. Josyane Baccan Queiroz – aluna de 1965 a 1969, 2007.**

Falar do Grupo Brasil para mim sempre é muito bom porque era um período que a gente vivia para brincar e para estudar e eu segui a família, porque desde os meus tios, todos estudaram no Grupo Brasil. Morava próximo a escola, na Rua Presidente Roosevelt, era um “retão” só e eu me lembro bem de 65 quando fiz o pré com a professora Madalena Vasconcellos e era uma época que você tinha a educação bem diferente do que é agora, então você estudava mesmo, mesmo no pré você sabia que não estava lá para brincar. Lembro das músicas, das canções, dos exercícios de coordenação motora, que a dona Madalena, porque ela era uma mãezona, enérgica, mas muito terna, muito carinhosa, convivi esse tempo lá. Lembro das quadrilhas, que a gente fazia, das festas juninas, as datas comemorativas que você escolhia as poesias para declamar e você não era ainda alfabetizado, então você tinha que decorar a poesia, então alguém falava a poesia, a mãe em casa falava a poesia para você decorar. Mas era muito gostoso, eram umas mesinhas, você já aprendia a compartilhar ali, pois eram quatro na mesinha. Você compartilhava as atividades, compartilhava até o seu lanche, porque não tinha merenda. A gente levava lancheira com suco, com fruta e dava-se um leite, às vezes

mandava-se um docinho, mas não era como hoje que o aluno vai e tem almoço. Então você ia não com a finalidade de se alimentar como é hoje. O que acho interessante é que a gente fala tanto em atividades diferenciadas na sala de aula, eu peguei a professora já de 1ª série, naquela época falava “1º ano de grupo escolar”, que a dona Iria de Abreu Leitão, muito rígida, muita disciplina. As salas não eram superlotadas e as escolas mais antigas, as salas eram altas e bem espaçosas, bem largas. As carteiras você sentava em dupla, havia o tinteirinho, você sentava com o colega, eram femininas, não eram mistas ainda e lembro-me da dona Iria, pois ela vinha com uma bolsa grande e pesada, que ela carregava tudo. Então era tudo passo a passo, a cartilha “caminho suave”, depois você tinha o livro durante o meio do ano quando você já aprendia a ler e, é interessante porque as operações matemáticas, por exemplo, que eu gravei bem, favas que ela levava para gente aprender a contar, com as favas e palitinhos de sorvete e depois eu lembro do relógio que ela fazia, pois eu sou do tempo da tabuada, cobrada, decorada e aquela chispa da varinha de marmelo dela batendo na lousa. Uma etapa você aprendia até o cinco, era decorar mesmo e depois a outra etapa você aprendia as mais difíceis que era a tabuada do 6 ao 10. Era engraçado porque ela fazia questão de ir de carteira em carteira. Era o tempo que se puchava a orelha. Muitas vezes ela puchava a orelha sim, mas, acho interessante é que todo mundo gostava dela, porque aquele tempo ela morava na Rua São João na Vila Jacom e os alunos iam buscá-la no meio do caminho para ajudar a carregar o material. Na escola, faziam questão de levar as coisas dela pra sala de aula, a flor que você sempre entregava, você levava uma maçã para dar de presente. A mesa da professora era distante do aluno, mas tinha aquela flor que você levava. Uma coisa que me marcou muito também, ela tinha essa energia, a dona Iria, mas ninguém, eu acredito que ficou traumatizado com o período e era um período que a classe tinha A, B e C, ou seja, pobre, médio e rico. Fala-se tanto que a escola daquela época era elitista, mas conviviam-se todas as classes sociais e vivia de certa forma harmonicamente, porque, “Caixa Escolar”, você fazia uma doação espontânea, mas mesmo as pessoas mais humildes faziam questão em dar uma colaboração. Era muito interessante observar, o que hoje você vê, para uma APM, você dar um R\$1,00 é complicado. Então, todos sentiam participativos nessa época. E depois, já pra 2ª série, pois tinha reprova, você reprovava mesmo, ficava retido e nas provas de finais de ano tinha uma prova de leitura e era “Delegacia de Ensino” e não Diretoria de Ensino, era em Rio Claro e o delegado de ensino vinha fazer a prova de leitura pra você e a diretora era a dona Haydee e a gente, naquela época, não tinha quem não brincasse de escolinha. Olha só como era, você já queria imitar o professor, então ele não era tão ruim assim. Tinham as filas e quando eu fui para a 2ª série, tive com a dona Jupira Lordello, um pouco mais rígida, enérgica e você entrava numa época das composições. Eles punham aquelas gravuras e você tinha que olhar para as gravuras e fazer composições. Acho que isso foi importante. Não partia do aluno não. Você era sempre obrigado, no mesmo ano, a mesma composição, mas de certa forma você já estava desenvolvendo alguma habilidade de escrita. Eles pautavam muito para escrever na linha, caligrafia e algumas coisas erradas que a gente vê, porque naquela época não tinha essa noção do canhoto, destro. Então obrigava você a escrever com a mão direita, lógico, isso já evoluiu, então, são algumas coisas que marcaram. As classes ainda eram femininas e masculinas. Só foram ter classes mistas a partir da 4ª série. Quando chegava na 2ª série, a gente usava escrever no boletim o professor que você queria pegar no ano seguinte. Como todo mundo falava bem de determinado professor, então você queria estudar com ele. Infelizmente, também havia classe forte, classe média e classe fraca e não havia inclusão na sala de aula, mas já havia salas para alunos especiais na escola e eles conviviam no mesmo espaço físico. Tínhamos as aulas de orfeão e aulas de religião, mas respeitando a religiosidade de cada um. A gente fazia um caderno para cantar o orfeão e já preparando para as festas e era interessante, pois já entrava Estudos Sociais. Era uma coisa muito superficial, até a 2ª série, era bem assim: Quem descobriu o Brasil? Então não tinha muito o que se discutir e muito que

se questionar. A professora Esmeralda Salibe foi a minha da 3ª série, depois a dona Paulina Diniz foi minha professora de 4ª série, que se aposentou no meio do ano. Lembro que no meu período, a educação naquela época era aquela que você levava lição para casa, com tarefa para as férias inteiras. Você nem brincava nas férias de tanta lição que tinha. Lembro das festas, das emediações da escola, tudo marcava pra você, porque a escola era a referência e ali você tinha, por exemplo, a padaria América, que você comprava as suas balinhas bem diferentes da época, tinha o rapaz que vendia o quebra-queixo e o martelinho na esquina, tinha a sorveteria Espumone, depois tinha o bar Rizzo que você comprava aquelas pizzas de quatinhos, não vendia pizzas inteiras, vendia por fatias. À frente da escola, ficava a chácara da família Levy, onde hoje é o Supermercado “Comprebem” e a gente ficava sentado ali, porque falavam que a casa era mal assombrada e as pessoas ali, as empregadas sabiam disso e aproveitavam da ingenuidade da gente e ficavam incentivando esses comentários. Foi muito bom esse período. Hoje a gente encontra com muitas pessoas, principalmente na área de Educação, que estudaram lá, que são colegas de trabalho e eu e nenhum da minha geração falar o contrário do que foi a Escola Brasil, nesta fase que a gente estudou. Então eu acredito que, a disciplina, os zelos que eles tinham para com a gente e a metodologia que eles usavam, que pode ser arcaica, tradicional, funcionou sim, porque todas as pessoas do meu tempo, realmente, deram gente, independentemente da classe social que ocupa hoje. O que eu tenho conhecimento se tornaram gente. Então nesse aspecto a escola valeu sim, e te dava muito mais independência, pois não tinha essa de ficar passando a mão na sua cabeça não, ou você prestava para alguma coisa ou você não prestava. Você tinha já, que adquirir a responsabilidade ali e ai foi importante porque você sai de uma escola que você tem um professor, como eu saí dali e fui para a Escola “Castello Branco”, pegar 5, 6 disciplinas. Se você não tivesse tido aquela estrutura lá, a adaptação seria mais difícil, porque você já estava num contexto político, social e econômico da época de regime militar. Você já não questionava muito as coisas. Televisão e acesso a informação isso não existia. Eram poucos que tinham a televisão. Por exemplo, para se ter uma idéia, a dona Olga Forster, que era a orientadora de puericultura, ela dividia a sala, por exemplo, os meninos saíam e as meninas ficavam pra ela ensinar até como se usava um absorvente. Para a época isso era uma coisa fantástica, porque quantos pais ou mães ali ainda não havia a liberdade para trabalhar esse tipo de assunto, a sexualidade, trabalhar essa questão, é lógico que ela não aprofundava, mas a classe estava ficando mista. As crianças já estavam mudando da infância para a adolescência e as meninas até já ficavam mocinhas mais cedo e sem saber de nada. Então ela se preocupava com essa parte de dar essa orientação e isso foi muito importante pra gente. Meu sentimento pela escola não passa apenas pelo sentimento de gratidão, pois muito do que eu tenho hoje, de ser um pouco sistemática com as coisas, com o estudo, com a disciplina, é lógico que a gente evolui, o tempo caminha e você não vai ficar parado, no saudosismo, mas é um saudosismo produtivo, porque depois disso eu já tive filha que estudou lá, outra época e ela foi com esse referencial. Tudo o que eu pude passar para as minhas filhas na formação, e é uma geração bem diferente da minha, eu acho que elas se pautaram nisso, a questão, principalmente da alfabetização e olha que elas frequentaram outras escolas, já foram desde um aninho de idade para fazer jardimzinho, para fazer a pré-escola e a questão da alfabetização já estava mudada, era construtivismo, mas eu acredito que pude fazer minha parte de acompanhamento muito voltado naquilo que eu peguei como referência para mim. Eu acho que valeu a pena, porque a educação já estava diferenciada na década de 1980, quando elas estudaram, fizeram CB, CBI, foi diferente, mas ainda muitos professores eram daquela geração. Muitos já tinham aposentado, mas beberam na mesma fonte, se espelharam naqueles professores e quando eu falo que não criou nenhuma geração traumatizada porque o professor sabia ser enérgico, sabia conduzir, tanto que todo mundo brincava de escolinha e tentava imitar e levou isso para dentro de casa de certa forma. Aquele espaço para mim foi muito rico, porque você tinha como referencial somente a escola

para troca de informações e na medida do possível em casa, porque minha mãe sendo professora, embora nunca ter dado aula, é lógico que ela contribuiu também, mas ela não estava atuando para falar o que seria melhor ou não e o respeito para com o docente, que depois já na época de faculdade, a nossa geração soube respeitar mais e isso eu devo a ele, ao Grupo Escolar Brasil e só tenho a agradecer, principalmente aqueles professores linha dura, mas cumpriram o seu papel. Se conversar com esse ou com outro aluno, algumas rusquinhas podem ter ficado, mas acho que isso não pesou na balança. Todo mundo deve ter conseguido resolver bem os seus problemas lá e ficou lá, e na nossa recordação porque a gente hoje quando reúne, ninguém fala desmotivado, sempre fala bem. Pode ter sido muito rígido, muito rude, mas foi bom. Então pra mim valeu, valeu muito. É importante resgatar a memória da escola, não porque sou professora de História, mas porque a maioria da cidade de Limeira passou por ali. O Grupo Brasil sempre foi um referencial. Médicos, dentistas, advogados, bombeiros, lixeiros, policiais, pedreiros, políticos e qualquer que seja a profissão beberam naquela fonte e rezaram naquela cartilha e eu acredito que, lógico que não terá 100%, pois a vida transforma as pessoas por várias razões, mas a educação mesmo vem de berço, mas o grande berço do grupo escolar funcionou. Até a noção de como escrever com a caneta tinteiro, no meu tempo não tinha esferográfica. Primeiro era o lápis, eram fases e isso a gente ia amadurecendo, mais lentamente e com os pés no chão. Para mim valeu muito e espero que hoje a geração que lá está, sirvam estas memórias para eles refletirem um pouco sobre os espaços da escola.

#### **7.2.7. Pedro Teodoro Kühn, aluno de 1955 a 1958, 2007.**

Estudei no Grupo Brasil de 1954 a 1958 e a primeira professora minha foi a Dona Ivete, no 2º ano foi a Dona Marly Coelli, no 3º ano foi a Dona Esmeralda Salibe e no 4º ano foi a Dona Carmem, professora que vinha de Rio Claro para cá e por sinal quatro excelentes professoras, que deram uma base muito boa pra gente e que serve até hoje. Passei momentos muito agradáveis no Grupo Brasil. Tive um enorme prazer em ter estudado lá. Depois fui para o Colégio Santo Antonio, onde terminei o 2º grau, mas o Grupo Brasil, realmente tem um histórico ali que me marcou muito. No período que passei por lá, fazíamos alguns teatrinhos e trabalhos manuais, a gente aprendia a fazer sacolas, enfim, naquela época a 50 anos atrás além das aulas normais tínhamos os trabalhos manuais feitos pelos professores, o Grupo Brasil faz parte de minha vida. Na escola, chegávamos e já entrávamos em fila, cantávamos o Hino Nacional e já íamos para as aulas. O recreio não era tão demorado, mas a gente fazia aquelas brincadeiras de criança, de correr atrás. A gente chegava à escola, já entrava, indo para a sala de aula e se perdia pouco tempo com brincadeiras dentro da escola. A área de lazer da escola daquela época não é como hoje, que se têm quadras e tudo mais. Pouco se brincava na escola, se brincava muito mais fora. As brincadeiras antigamente das crianças eram na rua, de jogar bola e outras brincadeiras mais simples, pois hoje evoluiu muito. Tinham alguns teatrinhos e algumas apresentações, mas tudo muito simples, não como hoje que as atividades escolares são infinitamente maiores do que antigamente. Íamos para a escola, mesmo, para estudar. As carteiras eram boas, bastante reforçadas, salas amplas e bem confortáveis, usava-se caneta-tena, lápis e lápis de cor, era uma escola muito boa, de um nível excelente. Tenho muita saudade, foi o período bastante agradável em minha vida, uma infância muito boa, período legal, enfim, só tenho boas recordações do Grupo Escolar Brasil, faz parte de minha vida, mesmo. Eu passo diariamente em frente da escola e mesmo como prefeito estive fazendo algumas visitas em festas e deixou muitas recordações, ou seja, primeiramente foi uma escola que marcou a minha vida, onde fiz os quatro anos primários que foram profundamente

agradáveis. Foi uma passagem alegre, sem nenhum tipo de problema desagradável e tinha prazer em ir a escola, gostava muito. As professoras eram extraordinárias, e sempre dizia que as professoras, praticamente, substituíam a mãe da gente. Mantenho contato com as professoras até hoje, a ligação de amor e carinho é longa. Ganhei prêmio de melhor aluno no 1º ano, lembro que ganhei um livro, chamado “Peixinho Voador”, livro muito simples, então naquela época não tinha os recursos como tem hoje, principalmente de mídia. Pela época era uma escola que não ficava devendo nada para a de hoje. A escola foi feita mesmo para estudar e tenho muitas recordações de que o estudo era bastante aplicado. A alfabetização era muito boa, muito importante, bem avançada. No 2º ano já fazíamos composição e tenho uma bagagem muito boa desses quatro anos que estudei no Grupo Brasil. Um fato marcante, foi quando eu tinha que entrar numa festa que teve, não sei se era de 7 de setembro, e teria que entrar e falar meia dúzia de palavrinhas no palco que estava cheio de criançada. Meu Deus do céu! Não dormi a noite inteira só pensando nisso. Foi a primeira inserção minha em palco, coisa de segundos, mas quase morri. Foi uma coisa rápida, uma pequena declamação, mas foi um nervoso pra falar em público, então isso, devido ao nervoso que eu passei, inclusive eu não dormi direito. Imagine quem que iria imaginar que depois eu seria prefeito. O Grupo Brasil vai ficar em minha memória, é uma escola boa, muito boa, de altíssima qualidade, desde aquela época. As professoras realmente alfabetizavam e a disciplina e respeito, não lembro nenhum ato de indisciplina. As serventes eram muito companheiras, Dona Nenê, Senhor Lorival.

#### **7.2.8. Vera Lucia Leitão Cavinato – aluna de 1958 a 1960 e professora desde 1989, 2007.**

Minha relação com o Grupo Escolar Brasil começou em 1958 quando vim fazer 2ª série do antigo primário, na classe de d. Yole Piccinini. Havia apenas duas escolas primárias em Limeira: Grupo Escolar Coronel Flamínio Ferreira e Grupo Escolar Brasil. Por ser mais próxima de minha casa, minha mãe optou pela segunda. Já naquela época a escola era linda. Não tinha essa praça em frente, era apenas um largo, mais nada. Mas no pátio já havia essas árvores e era uma delícia sentar embaixo delas na hora do recreio. Várias meninas em círculo, uma toalhinha no chão e os lanches dispostos lado a lado. Depois vinham as brincadeiras: pega-pega entre os meninos e amarelinha, roda ou saquinhos de arroz entre as meninas. As aulas eram de segunda a sábado. Aos sábados havia aulas de orfeão e de artes manuais (bordado), sempre depôs do recreio. No final do ano havia uma exposição dos trabalhos manuais feitos pelos alunos. As carteiras eram duplas e tinha um tinteiro bem no centro. Na 2ª série a gente começava a escrever a tinta. Eram canetas-tinteiro. Como não era muito seguro levar o vidro de tinta, a servente todo início de aula enchia o tinteiro das carteiras, para reabastecer as canetas. Usava-se, também, mata-borrão”. Os cadernos eram encapados em cores diferentes dependendo da série. Nessa época havia preocupação com a conservação do patrimônio, porque aos sábados trazíamos “bombril” para ilustrar os tinteiros que eram de latão dourado. Lavávamos os vidrinhos onde ficava a tinta também. Em todas as comemorações (dia das mães, Tiradentes, 7 de setembro, dia do trabalho, proclamação da república) havia apresentação de poesias pelos alunos que declamavam para os pais, professores e alunos. Também havia apresentação do orfeão. Os hinos eram cantados diariamente antes de entrarmos na aula. Em 1959, 3ª série, minha professora foi d. Edméia Barana e na 4ª série, d. Lucila Forster. Todo final de ano fazíamos a prova anual, na presença de um inspetor vindo da Delegacia de Ensino. Em 1960 eu recebi meu diploma de primário e saí da escola para ir fazer o ginásio no Castello Branco, sem jamais ter sequer experimentado o lanche (pão com mortadela) que era servido aos alunos carentes da época, que pertenciam á

Caixa Escolar, e que a servente vinha entregar minutos antes do recreio! Eu me lembro que a gente contribuía com uma quantia mensal para a escola manter a Caixa escolar, uma espécie de A.P.M. de hoje. Voltei aqui em 1989 como professora. As coisas já haviam mudado muito. Funcionavam classes de pré-escola até a 8ª série, classes para deficientes mentais e surdos-mudos e era uma das escolas mais bem conceituadas da cidade. De lá para cá houve algumas mudanças, veio o Ensino médio, saiu a pré-escola, as classes de deficientes também acabaram e finalmente de 1ª a 4ª séries mudaram de lugar. Isso trouxe uma nova clientela pra cá e deixou saudades dos pequeninhos. A nova clientela não tinha pela escola o amor e respeito que os pequenos adquiriam com o passar dos anos e o que se viu foi uma escola desrespeitada e maltratada com o passar dos anos. Muitas mudanças ocorreram. Escola Padrão, aumento do prédio, aumento do número de alunos, diminuição do número de alunos, mudança na grade curricular, mudança de direção. Mas eu continuo respeitando e gostando muito daqui. Gosto do local onde ela está. Gosto da aparência dela. Sinto-me bem aqui. Fiz amigos e pretendo me aposentar aqui, apesar das dificuldades. Dedico-me por inteira às minhas aulas e aos meus alunos. Sei que muitos não estão nem aí com os estudos, mas sei também que tudo de bom que nós ensinarmos, mesmo que alguns não utilizem ficará marcado na cabeça deles. Porque esse é o nosso papel - fazer uma pequena diferença.

### **7.2.9. Jorge Aliberti; Dirceu Messias de Menezes; Horácio Tetzner; Milton Ferrari; Lázaro de Oliveira Couto – alunos de 1939 a 1942, 2007.**

No recreio nós brincávamos, era gostoso, tinham brincadeiras razoáveis, balanço; sem se machucar. Corríamos um pra cá outro pra lá, só não podia ir ao banheiro e quebrar torneira, sujar o banheiro, eram brincadeiras decentes. Era meia hora de recreio, não tinha lanche, merenda, e quem queria comer levava de casa. Dentro da sala de aula tínhamos respeito pelos professores, éramos educados. Brincávamos no recreio, mas na sala de aula éramos comportados. A fila para entrar na sala também era respeitada, o aluno não podia conversar nem brincar. Era uma disciplina legal e não entrava atrasado não, quem chegava atrasado ia embora. A gente não era santinho, mas dentro da classe não poderia estar conversando com o companheiro ou olhando para cá ou para lá, pois se a professora pegasse, ela chamava a nossa atenção, quando não chamava a atenção dava uma reguadinha na mão. O aluno tinha respeito. Não éramos castigados, apenas havia disciplina. Se não há ordem e disciplina vira bagunça. O diretor, Senhor João era rígido, quando se falava em levar o aluno até o diretor, apagava o pito. Tínhamos também um servente o Senhor Osvaldo, ele era duro, ele tinha muita autoridade. Ele não batia nas crianças, mas o pessoal respeitava. Era muito raro ver briga de alunos. Fazíamos trabalhos manuais, trabalhos de palha e de barba de bode, bolsas, cestas e sacolas de barbante e no final do ano era feita a exposição. Os alunos da classe, um queria fazer os trabalhos melhor que o outro. Íamos um na casa do outro estudar e fazer trabalhos. O professor Lordello ensinava a trabalhar com a madeira também, fazíamos uns bancos como os bancos de jardim, a gente serrava a madeira e pregava as tabuinhas. Pra nós foi maravilhoso estudar no grupo escolar, só não foi melhor por causa da guerra. Em 1942, quando estávamos no 4º ano, a guerra começou e deixou a gente sem liberdade e triste. Sentimos saudades dos nossos mestres, lembramos deles constantemente, o que aprendemos com eles carregamos conosco até hoje. Temos orgulho em dizer que tivemos professores na acepção da palavra, ensinavam e eram como um pai ou mãe pra gente. Exigiam, eram duro, mas a gente assimilava o que eles diziam, a gente aprendia. Temos muita saudade do grupo escolar. Quando entramos lá, parece que estamos entrando para estudar, saudades dos amigos, das festinhas, que mesmo em tempos de guerra, fazíamos as comemorações. A 1ª festa da laranja,

em 1939, foi feita no grupo escolar e aquelas árvores na frente não tinham. Puseram uma fonte de suco de laranja. A gente tomava suco á vontade e levava quanto queria. Em 1939 começamos a estudar no “Clube dos Pretos” - Grêmio Recreativo Limeirense, prédio localizado na esquina entre as Ruas Barão de Cascalho e Rua Tiradentes, pois o grupo escolar estava sendo construído e o Colégio Santo Antonio também havia emprestado algumas salas e fomos para lá. E quando aprontaram o porão do grupo escolar começamos a estudar nele, mas as obras ainda continuaram. As carteiras eram individuais e também tinham em duplas. Havia classes com meninas e meninos, então sentavam numa metade da sala os meninos e na outra metade os meninos. No meio da carteira tinha um potinho para por a tinta para molharmos a caneta para escrever e um lugar mais fundo para colocar a caneta deitada. Naquele tempo, o aluno quando começava com brincadeiras e por sentar nas últimas carteiras, o professor pegava aquele aluno e trocava de lugar com um da frente mais quietinho, então o professor separava um aluno bom com um ruim e tinha que ficar quieto, não tinha conversa. Quando entrava alguma pessoa, nós estávamos sentados e tinha que levantar e ficar de pé. Antigamente, quem trabalhava era só o pai, a mãe ficava em casa cuidando do lar, da comida, da vestimenta e ensinava e auxiliava os filhos nas tarefas da escola. O pai trabalhava, mas à tarde ou à noite a família toda estava reunida e cobrava as lições. Quando se fazia algo errado ou não acompanhava a turma, o professor enviava um bilhete aos pais, chamando-os para irem ao grupo escolar. Os pais nunca ficavam contra o professor e repreendia os filhos em casa.

#### **7.2.10. Maria José dos Santos – aluna de 1962 a 1965 e funcionaria desde 1992, 2007.**

Minhas professoras foram: Jupira Franco Lordello, 1º e 2º anos, Esmeralda Salibe, 3º ano e Creusa Esteves Barbosa, 4º ano. As escolas funcionavam muito bem. Era um ambiente sossegado e limpo. Todos os alunos estavam uniformizados e não era permitido não usá-lo. Uniformes limpos e sapatos colegial preto, engraxados. Nos bolsos das blusas do uniforme era bordado o nome da escola. Aos alunos que não podiam, a “Caixa Escolar” doava o uniforme e até os materiais quando necessário. Eram de 30 a 35 alunos por sala, cada um no seu lugar. No começo, eram carteiras pregadas no chão, com dois lugares, mais tarde foram trocadas pelas carteiras de um só lugar. Havia castigos também, mas como sempre, a maioria merecidos. Embora sendo crianças, era difícil ocorrer brigas. Os pais eram praticamente obrigados a assinar o boletim bimestral e compareciam às reuniões. As professoras lecionavam sossegadas, sem barulho, sem gritaria. Tínhamos mais possibilidades de aprender. Havia dentista, que tratavam os dentes dos alunos. Há 15 anos, quando comecei a trabalhar na escola, como inspetora, nos primeiros dias me via em meus tempos de aluna, lembrava de tudo, como exatamente era. Nas filas feitas no pátio, antes da entrada para a sala, era dado leite para os alunos. Durante o recreio os alunos comiam os lanches trazidos de casa. Cada aluno levava o seu lanche e quando havia algum aluno sem lanche, sempre repartiam a merenda com ele e outros até improvisavam. As filas na entrada eram todas organizadas, cada um já sabia qual a sua fila e seu lugar. Em seguida, vinham as professoras, cada uma à frente de sua classe, ficávamos em silêncio e com as mãos no peito (coração) e cantávamos o Hino Nacional, com muita vontade, respeito e alegria. Os alunos quando queriam falar tinham que levantar a mão e pedir licença à professora. Usava-se bastante “muito obrigado”, “por favor” e “com licença. Adentrando à classe e logo no início da aula todos os alunos rezavam (oravam) o “Pai Nosso”. Os professores e a direção escolar eram mais enérgicos, eram mais respeitáveis e respeitados. Todos os funcionários eram valorizados, cada qual em suas funções.

**7.2.11. Jurema Sedamar de Oliveira Figueiredo – aluna de 1958 a 1962, 2007.**

No ano de 1959, meus pais me matricularam no 1º ano primário na Escola Brasil, por ser próxima de onde morava. Eu sempre estudei de manhã e o horário era das 7 às 11 horas. Minha 1ª professora foi a Dona Maria Amália Picolli e mais ou menos no meio do ano foi Dona Lurdes Francisco a qual nos preparava para apresentações no palco (danças e declamações). A escola tinha um jardim interno bem grande, com horta e muitos pés de ipê. Na época de florir o pátio ficava maravilhoso, como se fosse tapetes enormes coloridos. No momento do recreio, tocava um sino no corredor, fazíamos fila e saíamos ordenadamente. As meninas, geralmente, comiam seus lanches trazidos de casa em volta das árvores. Depois, adorávamos nos enfeitar com flores e brincar de roda em volta da árvore mais florida. Os meninos iam geralmente para a cozinha, também em fila e comiam a merenda. Depois que os meninos comiam, eles brincavam longe das meninas, de bolinha de gude ou pega-pega. Cuidar da horta também era tarefa só para meninos. Era servido também leite e pão à vontade. As professoras eram sempre presenteadas com flores, as quais eram colocadas na mesa delas para decorar a sala de aula. As carteiras eram para dois alunos e tinha um buraco para colocar tinteiro; meninas sentavam com meninas e meninos com meninos. As filas também eram separadas por sexo. Os meninos tinham a tarefa de apagar a lousa no final da aula e as meninas de verificar se a classe estava limpa. Havia muita ordem e disciplina para tudo e todos. Nunca presenciei cenas de indisciplinas ou desrespeito, tanto entre alunos, como de alunos para com funcionários da escola ou professores. As paredes eram conservadas sem rabiscos, assim como as carteiras. No pátio, ninguém se atrevia a espalhar lixo, tudo era colocado no salão apropriado. As meninas faziam trabalhos manuais e aprendiam a pregar botão, colchetes, fazer barra, costurar e bordar. Minhas professoras foram: 2º ano, Vilma Maganha, 3º ano, Ivete Carvalho e 4º ano (minha 1ª vez em uma classe mista) professora Ana Chirlei Chinelato a qual me entregou o diploma. Nesta época de minha vida, jamais imaginava em ser professora, gostava da área de saúde, queria ser enfermeira como minha mãe. O destino encarregou de me tornar professora de classe especial e me sinto muito feliz por essa escolha. Já me aposentei a 5 anos e como amo minha profissão continuo trabalhando. Atualmente sou funcionária da Aril e trabalho com crianças portadoras de deficiências múltiplas.

**7.2.12. Luiza Helena Teixeira – aluna de 1959 a 1962, 2007.**

Estudei no Grupo Brasil de 1959 a 1963. A educação naquela época era maravilhosa, a gente tinha respeito pelos professores e os professores também tinham respeito pela gente, não que hoje não tenha, mas os alunos de hoje são diferentes dos alunos de antigamente, porque os alunos de antigamente eles já vinham com a disciplina básica de casa e se ele fizesse alguma coisa errada na escola, então a mãe vinha, procurava saber e corrigia o filho em casa, hoje em dia não. Às vezes, os professores até colocavam de castigo, faziam alguma coisa, hoje em dia não pode, chama a atenção, não pode colocar de castigo, são regras completamente diferentes. Então os jovens de hoje são completamente diferentes, naquela época, a gente tinha dificuldade até de ir para a escola. Às vezes não tinha material, às vezes não tinha nem roupa pra vim na escola, mas o amor pela escola era muito grande, eu mesmo eu tinha um amor muito grande por esta escola porque ela sempre foi um grupo escolar de paz e de peso, uma escola que, era uma das primeiras, é até hoje, falar do Grupo Brasil é patrimônio histórico, porque os professores eles eram muito enérgicos, chamavam a atenção da gente, ensinavam a

gente, principalmente Dona Paulina foi assim uma professora que qualquer um que falar da dona Paulínia, hoje ela é um patrimônio pra nós. Eu tenho um irmão que tem quase 60 anos e ele fala da Dona Paulínia com muito orgulho, pois também foi professora dele, do Lorival, o mais velho. Então as crianças de hoje em dia elas estão muito rebeldes, não parecem ser crianças que tem aquele amor pelo professor e pela escola, antigamente era bem diferente. Hoje as crianças vêm, porque eles precisam de um diploma, pois se não estudarem, mais tarde será difícil para ele. Antigamente não, a gente não tinha nem idéia de que se a gente estudasse iríamos receber diploma, era mais aquele amor que a gente tinha na escola, a gente ia pra escola com a intenção em aprender, fazia trabalhos em grupos naquela época com muito amor mesmo. Quando estudei, minha classe era formada apenas por meninas, todas bem comportadas, tinham aquelas que eram um pouco rebeldes, mas quando o professor entrava na classe eram totalmente diferentes, mudavam tudo, o pessoal tinha respeito. Era uma inocência diferente, o mundo mudou muito, o mundo não, as pessoas, pois o mundo é o mesmo, as pessoas que mudaram. Naquele tempo as mães não tinham estudo, mas ela acompanhava se tinha feito a lição, mas elas não sabiam como se fazia a lição, mas elas acompanhavam assim mesmo, falando: - Você já fez a lição? – Está tudo certo? Está levando o lápis, o caderno, vai levando o lanche? Quando estudei, tinha dificuldade até de comprar o uniforme. O uniforme era uma saia cinza pregadinha, blusa branca, dos meninos era calça curta e azul marinho e camisa branca. Minha mãe procurava lavar, passar, era um uniforme meio surradinho, pra estar sempre em ordem pra ir pra escola. Na época que estudamos meus irmãos, os dois, eles não tinham meia pra ir pra escola, então um colocava um pé e o outro colocava o outro e chegava na escola tinha que mostrar o pé de meia e eles mostravam o pé que estava com meia. Eu lembro uma vez que, um de meus irmãos mostrou o pé errado, ele mostrou o pé que estava sem meia e ele voltou para casa, então tinha disciplina mesmo, sabe. O muro da escola era um muro baixo, hoje em dia passo aqui e fico besta de ver, o tamanho do muro, daqui a pouco vai ter de subir mais umas três fileiras, porque hoje em dia os alunos não têm disciplina e amor na escola. Naquela época a gente tinha amor na escola. Os pés de laranja que tinha ali, laranja cavalo, a gente não apanhava uma, pois era da escola, então ficou bem difícil agora. Tínhamos disciplina de horários, no horário determinado, fechava-se o portão e quem chegasse depois não entrava mesmo, ia embora para a casa, não ficava na rua não, não que a gente era santo naquela época, mas era totalmente diferente. Eu lembro da minha primeira professora aqui no grupo escolar, eu fiquei satisfeita, minha primeira professora foi a Dona Lia, uma professora gorda e ela ensinava a gente, ela falava tão alto que, a gente gravava sabe, ainda ela falava: - É ba porque tem o a, é be porque tem o e, então eu lembro disso até hoje, nos aprendemos assim, a cartilha, sabe, tinha cartilha e ela falava, ela andava na classe, ela tinha aquele amor em ensinar, então toda criança que entrava no Grupo Brasil queria cair na classe da toda Lia, era assim sabe, era muito bom.

### **7.2.13. João Batista Borrelli – aluno de 1940, 2007.**

Estudei, fiz o 4º ano no Grupo Brasil, e fiz até o 3º no Grupo Coronel Flaminio. Só existia um grupo escolar, depois com a construção do Grupo Escolar Brasil, de acordo com a região, morava perto e os que moravam perto foram todos para o Grupo Brasil. A formatura foi em 30 de novembro de 1940, então devia ter sido em 1940. Recordo bem, a educação dava de 10 a zero na educação de hoje. Naquele tempo os professores, devido a influência do tempo, tinha mais amor, tinha mais condições de trabalhar, e os alunos também, eram mais comportados, educados, respeitavam os professores, dificilmente a gente notava ou encontrava algum colega, aluno que respondesse para o professor. Os professores, na

realidade, eram um segundo pai do aluno, hoje é uma vergonha, hoje o aluno maltrata os professores, xinga, ofende e o professor tem que ficar quieto, mas no meu tempo, inclusive a rivalidade entre os dois professores do 4º ano, era o Antonio Perches Lordello que era o meu professor e o Nestor Martins Lino que era o professor do outro 4º ano, eram duas classes, então a rivalidade era de quem dava o maior número de problemas para os alunos, problema assim, não problema, tipo da aritmética, então o próprio professor dizia: - Hoje fizemos tantos problemas. Era uma rivalidade, uma classe vinha a fazer mais problemas que o outro. E no meu tempo, dessa parte, eu comparo o 4º ano de grupo com a 8ª série de hoje, com vantagem ainda, ensinava Geografia, História, Música Até hoje eu sei as músicas que eu aprendi com as minhas professoras, o Grupo Brasil era de 1º Mundo na época, tanto é que você pode ver em várias partes, no piso, é de mármore italiano, carrara, foi um grupo escolar de alto nível, mas infelizmente o tempo corrói tudo que é bom. Os professores perdem o estímulo porque passam a receber menos e mesmo que eles sejam idealistas e queiram manter certa diretriz eles não podem porque os alunos são intocáveis, professor que coloca a mão em aluno esta sujeito a responder processo. Eu falo pra você, porque eu tenho uma filha professora, minha filha é professora do ginásio. Eu sinto muito a situação do ensino nos dias de hoje, sempre considere os professores, os mestres, figuras importantíssimas na sociedade, professor era um pai, assim entre aspas, na educação. Um bom professor de Matemática hoje deve levar o aluno a uma faculdade de engenharia, ciências exatas, matemática, o bom professor de biologia pode levar o aluno a uma faculdade de medicina, induzir o aluno. E tive ótimos professores, tive a professora no primário que se chamava Dona Julinha Botelho, grande professora, brava, mas grande professora e a minha professora de Ciências naturais foi Dona Leni Camargo, no científico, espetacular. Precisa haver uma reviravolta no ensino, as coisas têm que voltar como eram antes, cada um no seu lugar, professor como professor, sempre respeitado, não só pelos alunos como pelas autoridades, deste que ele cumpra rigorosamente suas obrigações, seja uma pessoa idônea. O Grupo Brasil faz parte da história de Limeira, sofreu muito a contingência política da época, ali na Praça José Bonifácio já foi cadeia, mercado, e no Governo de Dona Terezinha de Barros Camargo, mulher do Dr. Trajano, ela era do partido PC, partido constitucionalista, então ela começou o Grupo Brasil, fez os alicerces, ela ergueu as paredes, ela financiou, então a política, o partido dela, perdendo, parava o obra e depois que o partido dela ganhou, deu continuidade, depois mudou a política, parou de novo até que chegou o ponto em que ela tirou dinheiro do bolso e praticamente ela concluiu o Grupo Brasil. Concluiu em 1939. Minha turma foi a segunda a estudar no grupo escolar, não sei se havia uma turma antes da minha, sei que até o terceiro ano estava no Grupo Coronel Flamínio e o professor era o Sr. Iázaro. Onde todos moradores aqui da circunvizinhança, foram convocados e obrigados a frequentar o Grupo Brasil, iniciei a 4ª série, com o professor Lordello e o outro Professor Nestor Martins Lino. Tinha a área de trabalhos manuais, embaixo no porão era oficina com trabalhos manuais, era uma officininha, o professor ensinava atividades de marcenaria, e dentre os objetos produzidos, fiz uma cadeirinha para criança e um cabo de vassoura. Só tenho a dizer palavras de elogios do Grupo Brasil e de todos os professores e o Grupo Brasil foi um orgulho, foi o segundo grupo escolar de Limeira, depois foi o Grupo Escolar Leovegildo que foi feito no meio da estrada, era pra ter feito para o lado e fizeram ali, interrompendo a rua Santa Cruz. A televisão hoje, ensina o que tem de pior entre aspas, pois tem algumas que são educativas, então o aluno se espelha nessas novelas sempre no sentido pejorativo, é difícil encontrar uma novela que faz apologia ao professor, escola, que ensina a respeitar os professores. Nós levávamos flores aos professores, frutas, hoje nem casca de banana. O seu Lordello era um grande professor do meu 4º ano então, eu estava lá, às 8 horas da manhã, eram 4 horas. No fundo tinha um terreno baldio, no fundo onde possui aquela área nova, onde é o prédio novo, ali a gente jogava futebol, era um campinho de futebol e no intervalo agente aproveitava e fazia bola de meia,

não tínhamos bola de borracha. Era uma escola de alto nível, bons professores, limpa, o diretor era uma autoridade. Minha classe era formada só por meninos, a minha classe era masculina. Esta é uma fotografia do Senhor Lordello com minha turma, todos com sapatos. O uniforme era uma camisa de manga curta branca, bermuda azul, meia branca e sapato. O Estado obrigou todos a irem de sapato. Eu tinha um irmão mais novo e por a minha família não poder comprar um par de sapatos para cada um, dividíamos o mesmo par. Cada um ia com um pé calçado e outro descalço. As matérias da época eram Português, Aritmética, Geografia, Ciências Naturais, 1º ano tinha Caligrafia, a gente escrevia no meio das duas linhas, tinha um caderno de linguagens que serve para escrever alguma literatura, a gente escrevia algum conto ou determinado texto que o professor ditava. Os cadernos eram todos encapados e ficavam na escola, dentro de um armário e o melhor aluno ou um dos melhores era o responsável, então começava a aula, na aula de matemática, eu pegava os cadernos, e quando era aula de Linguagens pegava os de Linguagens, e o livro a gente levava, o livro, lápis de cor, borracha, caneta não existia. Era caneta com pena e tinteiro. Toda classe tinha um armário e os cadernos eram guardados ali, e o aluno responsável pegava os cadernos. Cantávamos o hino nacional e no 4º ano tínhamos aula de música e até hoje eu sei as músicas que aprendi com o Sr Lordello, ele adorava música e cantava o Hino Nacional. Eu repeti o 1º ano, repeti o 2º ano, era porque eu era um pouco levado e a professora não gostava de mim, reprovou pra se vingar e fui para o 3º e 4º ano e deslanchei, ginásio, científico, nunca mais teve uma segunda época.

#### **7.2.14. Margarete Piva – aluna de 1976 a 1983, 2007.**

Eu fui aluna na escola Brasil. Meu primeiro ano aqui foi em 1974, na pré-escola e minha professora era a dona Lourdes. Eu fiz todo ensino fundamental e médio na Escola Brasil. Eu peguei a época em que a dona Dora Arcaro e o Sr Vladismir Gavioli eram diretores de escola, e no ensino médio, já era a dona Ruth a diretora. Então, tive toda a minha vida escolar dentro da escola Brasil e alguns professores deixaram as suas marcas. Tem a dona Maria José Negro, professora de Língua Portuguesa. Nas aulas dela você tinha que ficar em pé na entrada, ao lado da carteira, com as duas mãos para trás, esperar ela entrar e colocar o seu material sobre a mesa, então ela falava “boa tarde”, pois era no período da tarde que eu estudava. Era 5ª série, a classe toda rezava um Pai Nosso, que era a oração de início do dia e então ela dava permissão para sentarmos na cadeira. Ela era uma mulher que fez campanhas para arrecadarmos alimentos, roupas, agasalhos,... A escola sempre participou de todas as campanhas, inclusive têm os álbuns de fotos e você vai ver que tem bastante fotos dos alunos pequenos juntando alimentos e materiais para entregar às instituições. Gincana nós participávamos, a professora de Educação Física era a dona Vera e a dona Márcia, participávamos de campeonatos e durante o campeonato interclasses eu era a pivô de basquete. Àquela época, apesar da gordura toda eu jogava bem. Ainda no ensino fundamental, a professora Cleonice Valamede, professora de História, que me inspirou muito para a parte de História, por isso que fiz História e hoje sou professora de História. Tinha o senhor Antonio, professor de Inglês, a dona Leslie, professora de Ciências que, inclusive aposentou aqui na Escola Brasil, a dona Rosinha Bombini, senhor Oscar de Educação Moral e Cívica. Lembrei de um fato esses dias, a dona Marta, minha Professora da 4ª série, ela mora aqui na rua Dr. Trajano, a minha classe ficava onde é a sala 6, que era a 4ª série. Naquela época, da sala de aula a professora viu um incêndio na casa dela, pela janela, que ficava algumas casas aqui para baixo e ela começou a olhar e falou: “Está pegando fogo na minha casa”, a classe toda assustou e, realmente, o fogo era mesmo na casa dela, tanto que o marido dela se

queimou ao tentar salvar os dois cachorros, são coisas da infância que marcaram. A escola era muito festiva, talvez por ser o período em que a gente cumpria todas as festividades do calendário, e lembro das comemorações cívicas, festas juninas, na Praça Luciano Esteves íamos todas as quartas-feiras cantar o hino nacional, hastear a bandeira, e a classe sempre iria representar a escola. Com relação a professor, como eu sou ACT ainda, em 2000 eu estava numa escola estadual, como professora coordenadora, na mudança, como a gente sempre depende de aulas, eu sai da coordenação devido a problemas de aula e depois na atribuição de fevereiro eu consegui aulas na Escola Brasil, na Escola Ely e numa escola em Rio Claro. Na Escola Brasil só à noite, Escola Ely de manhã e Rio Claro a tarde. Como estava vaga a função de professor coordenador diurno e a dona Ruth com a Irme, a gente conversando, “Você já tem experiência, não quer se inscrever?” e eu já havia jurado que não voltaria mais para a coordenação, pois eu queria dar aulas, mas depois de muita conversa elas me convenceram a voltar para a coordenação, eu me inscrevi, concorri com a professora Maria Cristina que também já havia dado aulas aqui e pelo Conselho de Escola fui eleita e estou na coordenação até hoje. Trabalhar na Escola Brasil, realmente, você tem que ter uma visão muito ampla, é uma diferença de cultura enorme, tanto de alunos, funcionários e professores, então tem que saber lidar com todo mundo e é um encanto, eu gosto do que faço. É uma escola encantadora e sempre falo que fui privilegiada em estudar a minha vida inteira aqui e ainda poder trabalhar no local onde me formei. O que mudou com relação a minha época, é que a gente não tinha uma liberdade de conversar com o diretor, às vezes até falar de atitudes de professor e questionar a metodologia de professores. Você não tinha com quem desabafar, era você e o professor, hoje, os alunos tem essa liberdade, tem esse meio, esse caminho aberto para eles procurarem os coordenadores, os diretores para se comunicarem, só que está a desejar a educação de hoje, não só os profissionais, talvez eles estejam só desmotivados financeiramente, que é um grande fator, mas a clientela, os estudantes de hoje estão vivendo um momento único, que é o momento de hoje, o amanhã pra eles, se estiver bem, tudo bem se não estiver, também. É difícil trabalhar, antigamente o profissional conseguia trabalhar, eu digo trabalhar no sentido do professor preparar sua aula, aplicar, o que dava errado ele tinha como rever e na aula seguinte corrigir. Hoje em dia, você dá sua aula e já tem que rever na hora o que não deu certo, reavaliar e tentar aplicar novamente e mesmo assim, muitas vezes sem sucesso, devido a esse fator que citei anteriormente. O uniforme era uma saia pregueada cinza com camisa branca de manga curta, meia três quartos, branca. Depois as meninas passaram a usar calça comprida com uma camisa. Mais tarde, meu último uniforme, foi uma capa branca com dois bolsos laterais, cujo nome da escola estava bordado em seu bolso superior. Sem uniforme, independente de uma situação financeira boa, ou não, os alunos não entravam na escola. Os pais estavam cientes disso. A “Caixa Escolar” doava o uniforme quando justificada a necessidade. Em 1983 e 1984 ainda tinha esse uniforme, é que em 1985 eu me formei na 8ª série. Nós não tínhamos esse prédio novo, só existia o prédio da frente, as salas de aula era um assoalho, um piso sinteco, só que como era bem velho, eu lembro que nós fazíamos campanha de limpeza, cada classe limpava a sua sala que nós tínhamos espátulas que raspávamos todo o piso da sala para tirar a cera velha, pois naquela época usava-se cera, daí limpava, encerava, limpava de novo e passava a enceradora da escola, as serventes ficavam juntas para auxiliar. As carteiras eram de madeira, que se sentavam em dupla, não era essa que temos hoje, individual, carteira de madeira maciça em que o banquinho sentava-se de dois, algumas salas tinham carteiras individuais, aquela que tem na frente da escola. As salas eram pintadas de branco e cinza, parecia cor de hospital, a secretaria era no mesmo lugar, primeiro na sala menor, depois se estendeu para a sala lateral, os banheiros eram completamente diferentes, a cozinha era hoje onde nós temos a sala de Educação Física, era ali em baixo, você entrava, era uma sala cumprida, com mesas cumpridas, você entrava e tinha a dona Benedita e a Dona Zezé que eram as merendeiras na

minha época, então você entrava, pegava seu prato de alimento, sentava nas mesas, comia e saía, tinha outra atividade, a fila era enorme. Quadra, só existia a debaixo na 5ª série, essa quadra maior que chamamos de quadra oficial, mas a estrutura dela não era cercada, não tinha alambrado, só um muro mesmo que protegia a quadra. A sala dos professores era onde hoje nós temos a copa, o palco no mesmo lugar e a cantina da dona Leny, desde quando estudei aqui essa senhora sempre esteve na cantina, não era no lado esquerdo da escola e sim no lado direito, no fundo do palco havia uma construção, um cômodo que era a cantina onde ela vendia as guloseimas dela. A frequência dos alunos era registrada através de uma carteirinha. Todo o dia era entregue ao inspetor de alunos e ela retornava carimbada com a palavra ‘presente’. Quando havia lacunas, em casos que os alunos faltavam, vinha escrito em vermelho a palavra ‘ausente’. O pai possuía o controle absoluto se o filho havia entrado ou não na escola, pois era somente na última aula que os alunos recebiam a carteirinha. Não tinha como você burlar, falsificar. Coisa que tinha na nossa época era a entrada na segunda aula, principalmente dos alunos do noturno que trabalhavam, pois com 14 anos de idade já poderiam trabalhar. Existia o ensino fundamental à noite e lembro que o pessoal estudava e poderia entrar na 2ª aula devido ao horário de trabalho. Hoje é um pouco mais controlado para não tem problema em usar esse motivo sem necessidade, mas todos uniformizados, independente se estudava de manhã, tarde ou noite. À noite, independente de ser do período fundamental ou médio havia merenda para todos. Material escolar, somente para quem era alunos da Caixa Escolar. O pai já fazia no ato da matrícula um pedido solicitando, falando que o aluno era carente, não podia, não tinha condições, então a escola fornecia todos os materiais escolares para o aluno.

#### **7.2.15. Antonio Carlos Micheletti, aluno de 1939 a 1942, 2007.**

Minhas professoras foram a dona Cotinha, no 1º ano; dona Clara Monzoni Lang, no 2º ano; dona Antonieta Coimbra, no 3º ano, e o professor Nestor Martins Lino no quarto ano. Antes do Grupo Brasil ficar pronto os alunos tinham aula no Colégio Santo Antônio, onde hoje é a Escola Ely. Os alunos cantavam, antes de entrar para a aula, o hino nacional ou o hino à bandeira nacional. Tínhamos quatro horas de aula, sendo meia hora de recreio e o servente do Grupo Brasil era o senhor Osvaldo. Depois, em 1941, o grupo escolar passou a denominar “Brasil”. Uma das brincadeiras dos alunos na hora do recreio era jogar favas. O uniforme era blusa branca e calça azul e nessa época não tínhamos fanfarra e os alunos tinham aulas de trabalhos manuais. Cada professor fazia um determinado trabalho: o professor Nestor Martins Lino gostava muito de trabalhar com a madeira enquanto a professora Cotinha (Maria Pinto Sampaio) ensinava a trabalhar com a palha, fazendo cestas e no final do ano tínhamos exposição dos trabalhos feitos pelos alunos, sendo visitada pelos pais dos alunos. Tínhamos muito respeito pelo professor e tínhamos aulas de religião.

#### **7.2.16. Valmir Benedito Silveira, aluno de 1964 a 1968, 2007.**

Sou atualmente secretário de escola. Estudei aqui na Escola Brasil, onde fiz da pré-escola até a 4ª série. Iniciei a pré-escola em 1966. Lembro de todos os meus professores... A pré-escola eu fiz com a Maria Aparecida Martinelli, a primeira série com Maria Dolores Ribeiro, a segunda série com Vilma Maganha Zacarias, a terceira série com Maria Aparecida Vasconcellos e a quarta com série Maria José Pacheco. O ensino naquela época era um ensino bom e um ensino “puchado” onde você era bem alfabetizado, saía da quarta série com uma

boa bagagem, uma base boa em Língua Portuguesa, Matemática, eram dadas aulas de História onde você revivia as datas cívicas, com comemorações, onde toda quarta-feira tinha o toque do hino nacional e não subia para a sala de aula sem ter cantado uma musiquinha no pátio da escola, onde todos ficavam em fila. A disciplina era bem diferente da atual, em que o diretor e os professores eram figuras respeitadas na escola, tinham posições importantes, como se fossem autoridades na cidade. Eram anos em que era dado o devido valor ao Magistério. Meu diretor na pré-escola até a terceira série era a senhora Haydee Lordello e na quarta série foi o senhor Osvaldo Arcaro. Eu gostava muito da escola, as professoras lecionavam em três períodos, ficavam das 8h as 11h, das 11h15min as 14h15min e das 14h30min as 17h30min, onde fiz a pré-escola no período da manhã, a primeira série das 11h15min as 14h15min, a segunda série de manhã das 8h as 11h, a terceira das 11h15min das 14h15min e a quarta série de manhã também, das 8h as 11h. Eram três horas de aulas bem dadas em que você saía com uma bagagem boa de cada ano, era bem alfabetizado. Ao fim do ano havia, também, um exame e somente depois de aprovado fazia o exame de admissão para entrar no ginásio. O aluno que não estivesse alfabetizado e que não dominasse as operações matemáticas não iria para a série seguinte; reprovava mesmo. O uniforme era um short azul e uma camisa branca com o emblema do Grupo Escolar Brasil, era bordado, a gente comprava o bolso, era carimbado e a gente levava na bordadeira para ser bordado “Grupo Escolar Brasil”. Das meninas eram uma saia xadrez e uma blusa branca, também com o nome da escola bordado. Eram todos uniformizados desde o pobre até o rico. Tínhamos um boletim que era levado mensalmente para os pais com as notas finais em que a professora distribuía e recolhia. Em cada ano do primário os cadernos eram encapados de uma cor; no 1º ano eram azuis, no 2º ano vermelhos, no 3º ano verdes e no 4º ano amarelos. Fazia parte da cultura da escola na época. Havia um caderno de provas dentro da sala e a professora no mês dava as provas nesse caderno para todos os alunos. Não havia recreio na escola, pois eram três horas de aulas bem dadas, só servia um leite durante a entrada e ficava durante as três horas dentro da sala de aula com uma única professora. Havia reuniões de pais e quando a professora faltava tinha uma substituta, na qual tinham excelentes substitutas na época. Era uma época muito diferente da atual, onde se dava muito valor, respeitava-se o professor, o diretor, os funcionários. Descíamos em fila, saía até o portão da escola em fila e não poderia sair correndo. O diretor sempre se fazia presente na porta da saída e se saía com as mãos para trás, com o material e uma mão para trás. Cada professor levava a sua sala e cada aluno ia embora para sua casa, não havia aglomeração em praça, conforme dava o sinal cada aluno ia embora e iniciava o outro período e assim por diante. Alguns brincavam logo na entrada, quem vinha um pouco cedo, pois a gente entrava às 8h ou tinha um momento de sexta-feira ou de sábado, pois tínhamos aula aos sábados e tínhamos algumas atividades de recreações. Havia um cronograma para cada classe e ficávamos ali com a professora e brincávamos de pega-pega, esconde-esconde, tudo no pátio da escola. E depois, para minha surpresa, prestei um concurso público no qual depois de muitos anos de ter deixado a Escola Brasil e fui ser escriturário da Secretaria de Educação em 1978, era um concurso onde se pagava bem na época e também escolhi uma vaga na Delegacia de Ensino. Na Delegacia de Ensino como havia a diretora da Escola Brasil, já EEPG Brasil, que morava no mesmo condomínio que eu moro, ela me convidou para prestar alguns serviços pra ela, eu vim e gostei da escola de novo, mas já trabalhava na Delegacia de Ensino, então vinha a noite para cá e ajudava ela em 1976, 1977. Em 1979 eu transferi para cá o meu cargo de escriturário, e em 1986 houve um concurso para secretário de escola, prestei e passei em primeiro lugar. Escolhi uma escola em que eu teria chance de retornar para a minha aqui. São 25 anos de escola entre escriturário e secretário e dois anos afastado pela Diretoria de Ensino, então ficaram-se 23 anos de escola Brasil e estou aqui até hoje e gosto do que faço, procuro atender direitinho a vida de cada professor, a parte administrativa. Como aluno e funcionário já passei por diversas direções que vai desde o

primário com a Haydee Lordello, o senhor Osvaldo Arcaro e 1968 a 1975 ficou o Senhor Osvaldo Arcaro na Direção dessa escola e 1976 a ficou sua esposa senhora Doracy Alves da Costa Arcaro até 1979 que veio senhor Vladismir Gavioli no qual eu já estava trabalhando aqui na escola. O senhor Osvaldo que o nosso atual Diretor era o coordenador de Educação Moral e Cívica da época. A dona Ruth iniciou em 1987 a 2000 depois ela se afastou e assumiu o Senhor Arthur e depois o senhor Olvaldo Assumpção, que era supervisor de ensino retornou pedindo remoção do cargo de diretor de escola e está aqui até hoje. A nossa escola atualmente conta com 2410 alunos, aproximadamente, 2 telessalas, 53 classes. A procura de uns dois anos para cá aumentou bastante, pois a escola fez uma boa reestruturação... Mudou bastante a parte pedagógica, disciplinar da escola, então houve mais procura. O quadro de professores daqui é muito bom, tem professores excelentes. A escola passou por três denominações: 2º Grupo Escolar de Limeira, depois Grupo Escolar Brasil, depois EEPG Brasil em 1976, em 1990 EEPG Brasil e em 1998 EE Brasil, vigorou escola de ensino fundamental ciclo II e ensino médio, de 5ª a 8ª e de 1ª a 3ª série do ensino médio e duas telessalas de ensino médio. A Escola Brasil já teve classes especiais de deficientes auditivos e deficientes mentais, a primeira classe foi criada em 1962 até 1996 onde houve a nova reestruturação que separou a escola primária da ginásial, de 1ª a 4ª e de 5ª a 8ª, a nossa, nessa reestruturação ficou sendo de 5ª a 8ª e ensino médio e os alunos foram todos remanejados para outra escola mais próxima que seria a Escola Leovegildo e a Escola Ely. As classes possuíam 10, 15 aluninhos e tinham um trabalho especial dos professores. As professoras dessas classes, uma já é falecida e as outras ainda são vivas, a Elizinha, a Denise Pontes, Marita e a falecida é a Dercy. O período de escola padrão passou feito um relâmpago, ficou de 1990 a 1992. A escola padrão tinha uma idéia de tudo de melhor para essas escolas, em matéria de laboratório, estudo, parte pedagógica, tanto para aluno como para professor só que no Estado não vingou. Pela proposta, como o nome diz, era pra ser uma escola padrão. Durante a escola padrão tivemos a construção de outro prédio, pois tínhamos salas ambientes e os números de salas não eram suficientes, pois a demanda da escola era grande, então construíram esse novo prédio mais 11 salas de aula e como a escola padrão acabou, o prédio permaneceu e continuou sendo utilizado (1994). No meu trabalho a única influência tecnológica que aconteceu foi a introdução do computador, pois antes era tudo manual e datilografado, hoje está muito mais fácil. A folha de pagamento, por exemplo, hoje você digita as informações e envia por meio da internet, antigamente não, era necessário fazer a folha de pagamento, datilografada ou manuscrita e enviar até a Secretaria da Fazenda e a maioria dos serviços da Secretaria de Educação, dados, estatística,... é transmitido por meio do computador. Ainda existe alguma coisa manuscrita, mas é muito pouco. Até 1975 as escolas pertenciam a Delegacia de Ensino de Rio Claro. A Escola Brasil sempre foi um “coração de mãe”, sempre sobrando sala e atendendo várias escolas. Aqui já funcionou o Grupo Coronel Flamínio, época em que passou por uma reforma, a Escola Ely por 4 anos no período noturno, quando teve o seu prédio demolido e a escola do Jardim do Lago que hoje é a escola Gustavo Pecinini funcionou aqui durante um ano.

#### **7.2.17. Priscilla Kühl Del Grande – professora de 1962 a 1976, 2007.**

Formei-me professora primária em 12 de dezembro de 1945. Comecei a lecionar em 1946 em várias escolas do município como substituta. A partir de 16 de junho de 1949, escolhi cargo numa fazenda em Oriente, Estado de São Paulo, na Delegacia de Ensino de Marília. De manhã lecionava em três classes ou seja, 1ª, 2ª e 3ª séries e à noite criei o curso de alfabetização de adultos (voluntário). Em meados do ano de 1951, fui transferida por concurso

para a cidade de Brotas, na Escola Primária São Sebastião. Lá, também, lecionava à noite na alfabetização de adultos. Criei uma sopa escolar, pois, os alunos vinham de longe. Consegui com os pais tudo que precisava para fazer uma sopa que era feita gratuitamente por uma senhora que morava no Patrimônio. No ano de 1953, fui trabalhar na Usina da SAIRA, onde permaneci uns dois anos. Em 1955, fui transferida para o Grupo Escolar “Prada” que antes era municipal e nesse ano passou para o Estado. No ano de 1962 fui transferida para o Grupo Escolar Brasil e só saí de lá quando me aposentei em 25 de março de 1976. Na minha vida profissional, tive muitas passagens interessantes, mas a que ficou gravada foram as grandes amizades que fiz com colegas que nos períodos de intervalos e horários de lazer, reuníamos para nossos desabafos: as vezes para alegrias, outras vezes para contar as tristezas e isso tornou-nos uma verdadeira família. As saudades são muitas em razão da grande afetividade que consegui dos colegas, diretores, funcionários e principalmente dos alunos que adotamos como verdadeiros filhos. Durante esse período que fiquei no Grupo Escolar Brasil, fui auxiliar de diretor por vários anos e também substituí o diretor. Eu gostava de cantar e ao menos uma vez por semana reunia as duas classes de 4º anos que funcionava nesse período para ensinar cantos para as nossas festinhas (um pequeno coral). Também cantávamos todos os dias na entrada para as aulas. É importante salientar que nessa época, a escola contava muito com o auxílio dos pais, que estavam sempre presentes nas reuniões, e devido a isso, os resultados com os alunos, sejam na disciplina como no aprendizado, eram sempre positivos. Não preciso salientar evidências ou enaltecer o período mais importante de minha vida como professora, pois a nossa existência tinha como principal objetivo a escola. Sem esse profundo amor, não conseguiríamos encontrar hoje, tantos ex-alunos e tantas famílias que ainda nos reverenciam e reconhecem a nossa dedicação e carinho. Aposentei-me no ano de 1976, no dia 25 de março, dia da anunciação de Nossa Senhora. Finalizando, digo de coração e com muita saudade que se fosse possível faria tudo de novo, pois foi no Grupo Escolar Brasil que eu me realizei.

#### **7.2.18. América Helena Monteiro Patrício – aluna de 1954 a 1957, 2007.**

Mil novecentos e cinquenta e quatro – ano famoso pelo suicídio de Getúlio Vargas. Éramos crianças, pouco sabíamos do mundo, da vida. Não tínhamos televisão, computador, telefone, carro próprio, aparelho de som com ‘CD’, celular e outras utilidades que facilitam nossas vidas (ou dificultam). É difícil entender para a geração de hoje, como vivíamos sem nada disso, mas, posso dizer que éramos felizes. Brincávamos na rua, meninos e meninas juntos, sem malícia, os pais sentados em cadeiras trazidas de dentro de casa, conversando com os vizinhos. Se fossemos mal nos estudos, ficávamos em casa aprendendo o serviço doméstico) afinal, moças tinham que casar, cuidar da casa, do marido, dos filhos...) De repente, o tempo passa e me vejo professora de Português, Francês. Parecia um milagre. Até hoje não sei como consegui. Em 1976 sou contratada pela Escola Brasil para dar aulas de Português e Francês. Que emoção entrar como professora (quem diria!, parecia impossível...) na escola Brasil. Hoje sou aposentada pela mesma escola. Olho para trás e vejo não uma, mas várias vidas que passaram por mim, deixando saudades. Podemos receber pouco, ter a profissão desvalorizada, mas como é gratificante ser professor. Não apenas ensinar, também aprender com os jovens. Quanto mais passa o tempo, mais o número de cruzeiros aumenta, deixando na boca e no coração um travo amargo. Um dia será a minha que estará junto das outras. Espero ter contribuído na educação de tantos jovens e que eles, quando ou se lembrarem de mim, sintam as mesmas saudades que senti quando vi essa foto e lembrem-se de que os sonhos sempre fazem parte das nossas vidas e enquanto tivermos a capacidade de sonhar, seremos felizes e jovens.

**7.2.19. Ariadne Francisca Carrera Miguel – aluna de 1942 a 1945, 2007.**

Com sete anos de idade fui matriculada no Grupo Escolar Brasil. Já era órfã de pai. Desde muito pequenina, costumava levar todas as coisas a sério. Com quatro anos frequentava o catecismo da Igreja católica: aprendi todas as orações. Repetia como papagaio, sem entender o significado das mesmas. Naquela época não se fazia o pré para entrar na escola. Minha primeira professora foi a dona Rosa, excelente profissional, mas muito brava. Assustava-me quando ela dava reguada nas meninas (nunca agiu assim comigo) e por isso chorava e dizia que queria voltar para casa com minha mãe. Passei para o 2º ano com nota 100 (cem). Não tenho certeza se foi no 2º ano ou 3º ano que houve várias mudanças de professores. Foram minhas mestras: dona Esterlina, que morava em Campinas e, na saída, era com orgulho que carregava sua bolsa até a estação, pois residia bem próximo a Companhia Paulista. Lembro-me de dona Lori (excelente mestra), perdeu um filho moço num tiro acidental. Vieram tirá-la da classe quando aconteceu o acidente. Tive um enorme sentimento quando a vi muito triste e chorando. Até hoje guardo a imagem do acontecimento. No 4º ano foi minha professora dona Maria das Dores. Naquele tempo, o ensino era de ótima qualidade e havia muito respeito com os mestres. Quando o professor entrava na classe, levantávamos em sinal de respeito. Só sentávamos quando ele autorizava. Num ambiente assim, o ensino se tornava produtivo. A entrega de medalhas para as mães dos soldados foi realizada no largo José Bonifácio. Lembro-me da multidão e de mães chorando. Quando mostrei a poesia para dona Maria das Dores, imediatamente ela levou para o diretor, senhor Mário. Pegou-me pela mão e foi de classe em classe lendo a poesia. Senti um orgulho enorme de ser um “radinho de pilha”, comparado a “Embratel” que me representava aquele grupo escolar, onde iniciei os primeiros passos do aprendizado. Digo sempre que: “O homem vai, mas o seu legado fica como uma lição de vida”. O Grupo Escolar Brasil faz parte da nossa história, mas já estamos começando a fazer parte da história dele.